

i Directores:

¹ RONALD Dh; CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

XT 7Q
IV. 17
JULHO
1922

1 Editores

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

SUMMARI O

0 CONTORNO TERRESTRE DO BRASIL	Mario de Vasconcellos . . .	193
NINA RODRIGUES	Oscar Freire . . .	200
A RAÇA. NEGRA NA AMERICA PORTUGUEZA	Nina Rodrigues . . .	201
0 "ASSASSINATO,, DE ROBERTO "FLORES	Gastão Cruls . . .	221
IMPORTANCIA DA RIQUEZA MI- NERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES	Miguel Arrojado Lisboa . . .	223
VERSOS:		
0 JARDINKIRO E O COVEIRO	Cleômenes Campos . . .	240
JARDINS	Carvalho* Aranha . . .	243
JESUS CRISTO NO SERTÃO . . .	Jj. Camara Cascudo . . .	245
BIBLIOGRAPHIA		248
RESENHA DO MEZ		256
DEBATES E PESQUISAS		272
NOTAS DO EXTERIOR		279
AS CARICATURAS DO MEZ		285

B Y I N G . T O N & C I A .

Engenheiros, Electricistas, Importadores

**Sempre temos em stock grande quantidade de
material electrico como :**

**MOTORES
FIOS ISOLADOS**

**TRANSFORMADORES
ABATJOURS, LUSTRES**

**BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES**

**CHAVES A OLEOS
VENTILADORES**

**PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR**

**LAMPADAS
ELECTRICAS 112 WATT**

**ISOLADORES
TELEPHONES**

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA No. 4

Ultimas E.dições da Casa

Monteiro Lobato (D* C.

	BROCH.	ENC.
<i>Pequenos estudos de Psychologia Social</i> , notável estudo do grande sociologo Oliveira Vianna	4\$000	5\$000
<i>A mulher que peccou</i> , novella do festejado escriptor Meniotti dei Picchia	4\$000	5\$000
<i>Casa do Pavor</i> , contos phantasticos por M. Deabreu	3Ç000	4\$000
<i>Notas de um estudante</i> , ensaios críticos do erudito escriptor João Ribeiro	4\$000	5\$000
<i>Redempção</i> , notável romance de Veiga Miranda, em 2." edição	4\$000	5\$000
<i>A paisagem no conto, no romance e na novella</i> , ensaios críticos de Fabio Luz	4\$000	5\$000
<i>Sonho de Gigante</i> , estudos de J. A. Nogueira, o apreciado romancista de "Paiz de Ouro e Esmeralda"	4\$000	5\$000
<i>Joaquim Nabuco</i> , ensaio critico-biographico por Henrique Coelho	4\$000	5\$000
<i>A sedição do Joazeiro</i> , relato dos successos do Ceará em 1912, pelo conhecido publicista Rodolpho Theophjlo	4\$000	5\$000
<i>Mula sem cabeça</i> , novellas de Gustavo Barroso, o conhecido João do Norte	2\$000	—
<i>O Mystério</i> , 2." edição do apreciado romance policial escripto por Afrânio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque	4\$000	5\$000
<i>Realidades e Apparencias</i> , ensaios criticos de Gilberto Amado	4\$000	5\$000
<i>Crepusculos</i> , versos de Moacyr Chagas, da Academia Mineira de L/etras	3\$000	4\$000
<i>O bandido do rio das Mortes</i> , o procurado romance de Bernardo Guimarães, em edição popular.	1\$500	—
<i>Hygienc e tratamento dsa moléstias domesticas</i> , utilissimo trabalho do dr. Alberto Seabra.	—	—
<i>O problema do Alem</i> , estudos do mesmo autor.	4\$000	5\$000
<i>Meus odios e meus affectos</i> , critica literária por Almachio Diniz	4\$000	5\$000

DIABÉTICOS

preciso combater o perdaNy
de assucar. tonificar o or-
ganismo. regularisar as funcções dos orgãos internos
essenaaes a vida e restabelecer o oppetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento comperto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres. V ^ L
de chá por dia em aguay ^ éfi *



LOTERIA DE S. PAULO

Em 8 de Setembro

200:000\$000

F o r * 2 0 \$ 0 0 0

Os bilhetes estão á venda em
toda a parte



ACABA DE; APPARECER

Esportistas !

Jogadores!

Torcedores!

Esse o livro ha tanto procurado

Regias e termos nacionalizados.

O verdadeiro tratado do
Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

Preço iiWooo

Pelo Correio mais \$500.

REVISTA DO "BRASIL"

Directores:

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

"J ^

JULHO

1022

Editores:

MONTEIRO

LOBATO

& C O M P _ S J O P A U L Q

jiUA DOS GUSMÔES, 70

O CONTORNO TERRESTRE DO BRASIL

MARIO DE VASCONGELLOS

Somos um paiz que tem os limites juridicamente estabelecidos e reconhecidos pelos nossos vizinhos, mas por elles mesmos a cada instante violados.

(Dos jornaes).

ESTÁ ganhando, fóros de verdade axiomática a afirmação, contida nessa epigraphe, de que o Brasil é um paiz de fronteiras definitivamente delimitadas, apesar de Mensagens presidenciaes não cessarem de repisar o contrario em Maio de todos os annos e de Relatorios historiarem sempre, e por meúdo, as causas múltiplas que têm impedido a delimitação completa do paiz. Já merece, portanto, contradita formal essa imprudente afirmação falsa.

A linha de contorno terrestre do Brasil tem, calculado *grosso modo*, um desenvolvimento de 11.000 kilometros. Ora, desses,



aproximadamente 45% estão demarcados, 40% apenas foram fixados e os restantes 15% ainda dependem de determinação.

Ha, portanto, soluções de continuidade nessa linha, que não podem ser desdenhadas. Seria preferiyel, até, que se exaggerassem um pouco os inconvenientes, sem duvida bem grandes, de tantos hiatos na linha de fronteira do Brasil. Assim, talvez viessem a ter, mais promptamente, solução essas questões de limites, que ainda perduram malgrado nosso.

Na verdade, aperturas financeiras têm retardado, um pouco, a liquidação de taes questões, mas nunca foi esse o nosso maior tropeço á delimitação final do paiz.

A fixação de limites em cada um desses trechos de fronteira ainda abertos, depende, preliminarmente, de um reciproco desejo dos lindeiros pela liquidação da pendencia e alguns desses ainda estão sujeitos a crises politicas que, de surpresa, desfazem, ás vezes, laboriosas negociações quasi findas e também a crises financeiras, que nem sempre coincidem com as nossas.

A fixação da fronteira terrestre do Brasil ainda é, portanto, um problema vultuoso, complexo e de uma solução lenta, principalmente emquanto não dispuzermos de recursos bastantes, para levantar desde logo toda a faixa de terras de fronteira em litigio.

O levantamento expedito dessas regiões fronteiriças ainda abertas, serviria, principalmente, para mostrar a physionomia geographica de cada região e facilitar, assim, a resolução de todas as controvérsias sobre o regimen de uma ou outra bacia hydrographica de que dependesse a fixação de algum *divortium aquarum* ou sobre a locação de certos accidentes physicos, que se verificasse estarem mal caracterizados nas cartas respectivas.

O que, em negociações dessa natureza, parece de somenos e fácil offerece, ás vezes, difficuldades quasi insuperáveis na pratica, ocasionadas pela escassez de informações e de rigor scientifico dos mappas de que ds Chancellarias dispuzeram para encaminhar suas negociações.

E a incerteza ou imprecisão dos mappas de uma região em litigio tem levado negociadores do vulto do 2.º Rio Branco a firmarem tratados, deixando o traçado da linha limitrophe, em certos trechos da região fronteira, ainda dependente de duas ou tres hypotheses, nenhuma das quaes, no entanto, é realisavel ás vezes, como vem a constatar a commissão demarcadora.

Questões de tal complexidade não se resolvem de proinppto, nem se liquidam de vez, á simples inspecção de um mappa qualquer e hão de ser deslindadas pouco a pouco, conforme as conveniências do momento financeiro e politico de ambos os lindeiros.



A solução de cada caso não depende, apenas, da boa vontade das partes litigantes. Muitas vezes está dependendo de um reconhecimento da região em litigio, trabalho que um dos lindeiros ou ambos não podem, então, fazer. E basta a impossibilidade de se realizar em conjuncto essa verificação no terreno, para as negociações entabuladas serem logo suspensas, por falta de elementos seguros, para um accordo definitivo.

A fixação de limites mal definidos poderá satisfazer ás conveniências do momento politico do paiz, irias apresenta desvantagens de que não convém abusar; redunda, quasi sempre, em retardamento dos trabalhos fie demarcação, que, por isso, perdem seu caracter fundamental de consagradores da liquidação da pendência e ficam excessivamente dispendiosas.

Esse problema tem duas phazes e nenhuma delias pode ter solução prompta. A das negociações vae até a delimitação do território litigioso, por meio de um acto firmado pelos lindeiros em pendencia; a da demarcação começa pela redacção das Instrucções, por que se, terá de reger a commissão mixta de limites, e vae até a locação dos pontos assignaladores dos diversos rumos que a linha de fronteira segue no terreno.

A primeira é de trabalhos diplomáticos sobre posses, que se defendem com titulos, e sobre o traçado da linha limitrophe, cujas características os negociadores procuram encontrar nos accidentes phisicos que as cartas da região em litigio assignalam; accidentes phisicos que as cartas da região em litigio assignalam; a outra é de caracterisação de todas as inflexões dessa linha limitrophe nas terras fronteiriças, inflexões que os demarcadores conseguem indicar por meio de marcos, balisas e outros meios de assignalamento.

Em rigor, a pendencia parece definitivamente dirimida, desde que um Pacto, registando as conclusões a que chegaram os Estados contractantes sobre a região em litigio, tenha rematado as negociações.

A verdade, no entanto, é que todo tratado sobre delimitação de fronteiras, firmado por lindeiros que não conheçam suficientemente as regiões litigiosas, ha de conter duvidas e erros, que irão perturbar a boa marcha dos trabalhos de demarcação, reduzindo-os a trabalhos preliminares de reconhecimento e exploração do terreno fronteiriço, até que essa final elucidação do problema venha a permittir aos dois Governos dirimirem, de vez, a pendencia por meio de Protocollos e outros Actos complementares que corrijam erros e lacunas do primitivo tratado.



Parece, portanto, mais pratico o reconhecimento e levantamento expedito de todas as terras de fronteira em litigio, antes do entabulamento de quiaesquer negociações a respeito, principalmente entre paizes, como é o nosso, de confins mal conhecidos, com as suas terras de fronteira longe dos centros de população, e, algumas vezes, em regiões agrestes e inhospitas, de que temos noticia por explorações de ha século e mais.

O resultado de negociações entabuladas sob bases de informação tão escassas e errôneas é o estabelecimento duma linha de fronteira, ligando por alinhamentos rectos alguns accidentes phisicos excessivamente distantes ou pela linha de inflexões mal conhecidas, e qtiasi inverificáveis, de algum *divortium aquarum*, entre pontos de coordenadas ainda dependentes de verificação, ou pelas curvas caprichosas de um curso d'agua, até então figurado nos mappas ao gosto do primeiro cartographo que o tracejou e guiando-se, pouco mais ou menos, por levantamentos feitos quasi a olho.

Na hypothese mais sympathica dos demarcadores conseguirem encontrar os accidentes geographicos mencionados no tratado de limites, que os lindeiros em litigio chegaram a firmar, ainda restará, quasi sempre, o inconveniente da linha de fronteira não ter as inflexões mais próprias para a sua perfeita e fácil caracterisação no terreno.

Emquanto as terras de fronteira assim demarcadas forem latifúndios, confins de nenhum valor ecOnomio e politico para os paizes lindeiros, bastarão marcos em um ou outro ponto da linha e, mesmo, tão distantes que de um nem se divisem os mais proximos, assignalando, assim, uma linha de fronteira absolutamente theorica, que só os tratados poderão respeitar.

Quando essas terras começarem, no entanto, a povoar-se, não bastará mais uma demarcação tão summaria. Os conflictos de jurisdicção hão de se multiplicar e a difficuldade de resolver-os augmentará em proporção maior, porque, então, não se tratará mais de provar titulos de posse com volumosos códices já rendilhados pelas traças e mappas seculares em pergaminho amarfanhado, mas de repartir entre os povoadores da região as terras de que uns e outros foram-se apossando, por ignorar o rumo exacto da linha lijnitrophe de seus paizes.

Dos trechos de fronteira do Brasil já demarcados, não poucos darão origem a duvidas semelhantes; sua demarcação é escassa de accidentes geographicos caracterisadores da linha limitrophe ou de marcos fixados no terreno, que indiquem, sufficientemente, as inflexões dessa linha.



Si, ainda hoje, a demarcação de alguns trechos de nossa fronteira oppõe difficuldades quasi desanimadoras, apesar dos recursos de toda ordem com que se premunem as commissões de limites, para explorar a região fronteira, calcule-se o que foram, de luta aspérrima com os elementos, demarcações feitas ha trinta, quarenta ou cincoenta annos passados!

Não seria justo, portanto, qualquer accusação ás commissões que demarcaram, «tão apressadamente, essas linhas de fronteiras; operavam em terras limitrophes que ainda eram agrestes latifúndios. Seus trabalhos de demarcação foram executados com o intuito, quasi exclusivo, de celebrar materialmente o desfecho amigável de uma questão politica.

Mesmo que essas commissões tivessem pontilhado as cartas de levantamento da região fronteira com os signaes de marcos, balisas e outros caracterisantes, ainda assim o problema não estaria resolvido praticamente. Cada ponto assignalador de inflexão da linha limitrophe ficaria ligado, por alinhamentos rectos, aos dois mais próximos em uma e outra direcção da fronteira, mas essas linhas, «endo imaginarias, constariam dos graphics da commissão demarcadora e, portanto, só resolveriam o problema no terreno, si todos os pontos de inflexão da fronteira fossem de fácil visada e tão perto uns dos outros, que leigos pudessem verificar o rumo da linha limitrophe a trena ou cordel.

Não bastará, portanto, que se demarquem nossas fronteiras, para nos capacitarmos de que, definitivamente, não surgirão mais questões territoriaes na região demarcada, si essa demarcação não teve uma feição pratica bem accentuada, si não facilitou a qualquer leigo verificar, promptamente, o rumo da linha de fronteira a uma simples inspecção visual.

Quando o limite é constituído por uma linha imaginaria de inflexões rectas, só poderá cqnvir um corredor de fronteira, uma faixa de terras desbravadas bastante larga, para isolar os marcos e outros signaes de demarcação, permittindo visadas de um a outro ponto assignalados, ao longo de toda a região fronteira.

O preparo e a conservação de um corredor de fronteira seriam por demais despendiosos para o Brasil na mór parte de sua linha de contorno terrestre. Só seria, mesmo, praticavel e opportuno em um pequeno tracto de terras limitrophes, mas essa faixa poderia ser, com muito proveito, substituída por um reconhecimento systematico e completo, que verificasse as coordenadas dos principaes accidentes geographicos e levantasse, com certa minúcia topographica, as regiões de fronteira mais importantes, com o auxilio expedito da télégraphia sem fio e da photogrammetria.



Não basta que cada governo conheça o traçado exacto da linha de contorno do paiz, é preciso que toda gente possa verificar com facilidade, por onde passa a linha confim de sua terra com a dos nacionaes fronteiros.

No caso de não haver um corredor, que caracterise bem a fronteira. impõe-se o levântamento minucioso de cada região, para que as autoridades locais disponham, ao menos, de mappas indicando todos os accidentes geographicos e mais pontos assignaladores da linha limitrophe.

A execução dessa obra levaria alguns annos, mas nenhuma outra verdadeiramente pratica seria executada em menos tempo e com menor dispêndio e isso já estamos nós a fazer com o Uruguay.

O mais sensato seria, então, atacar essa obra pelos pontos em que ella fosse mais conveniente, porque ainda ha muito a fazer-se para a delimitação final da fronteira do Brasil.

Ainda não foi demarcada toda a linha de fronteira ao longo das tres Guyarias e da Venezuela até o salto Huá, no Maturacá, e de toda a Colomhia. Está dqiendendo dos trabalhos de demarcação em andamento a extensa e caprichosa linha de fronteira com o Peru desde a nascente principal do Javary até a foz do arroio Yaverija, no rio Acre. Pla uma pequena solução de continuidade na linha de fronteira fixada com a Guyana Ingleza e duas bem maiores com a Bolivia. Depende de liquidação de litigio entre terceiros a fixação definitiva da linha limitrophe em dois grandes trechos de fronteira: o da foz do Apaporis, no Japurá, até a foz do Apa, no rio Paraguay.

Portanto, o Brasil não é "um paiz que tem os limites juridicamente estabelecidos e reconhecidos" como diz por ahi, num optimismo delirante, a mesma gente que, com igual ignorancia philauciosa, vê, ás vezes, o paiz á beira de um abysmo.

Felizmente o Governo já parece, resolvido a determinar o reconhecimento methodico e expedito de nossas terras de fronteira ainda dependentes de fixação ou delimitação. E' o que declara a Mensagem presidencial de 3 de Maio:

" O Governo continua empenhado em obter o assentimento dos paizes com que o Brasil tem ainda trechos da fronteira indivisões, para a sua demarcação definitiva.

" A necessidade de uma acção conjunta das potencias interessadas na solução desses problemas tem forçado o Governo a adiar a liquidação de suas pendencias territoriaes, apesar da convenien-





NINA RODRIGUES

OSCAR FREIRE

A' gentileza do sr. dr. Oscar Freire, illustrado professor da Faculdade de Medicina da Bahia, em comissão na Faculdade de Medicina de São Paulo, devemos a publicação, que ora iniciamos, de valiosos estudos deixados inéditos pelo illustre cientista brasileiro Nina Rodrigues. Tanto pela originalidade e interesse dos assumptos, quasi inteiramente descuidados em nosso pais, como pelo vulto da figura que os perlustrou, chamamos para elles a attenção dos leitores e especialmente dos estudiosos. Por seu lido, promette-nos o dr. Oscar Freire, que é um dos bellos espiritas do Brasil contemporâneo, um estudo do "Feiticismo na criminalidade", tios Estados do Norte. (N. da R.)

RVJINA RODRIGUES, meu saudoso mestre, quando a morte o sur-
A ^ prendeu, ultimava um livro onde pretendia condensar os estudos e observações que desde 1890 vinha realizando sobre o "Problema da raça negra na America Portuguesa". Fora-me dada a ventura de conhecer o plano e os elementos de tão notável trabalho. Sabia-o adeantado.

A circumstancia de ser eu o seu successor na Faculdade da Bahía, animou-me a pedir a sua exma. viuva, D. Maria do Couto Nina Rodrigue?, que me confiasse a tarefa de organizar os últimos originaes para impressão da obra. Foi-me concedido o que pedi. O livro, realmente muito adeantado, tinha já seis capitulos. prompts; parára na parte relativa ás sobrevivencias religiosas. Era a parte mais importante e mais difficil da obra. Com as notas do



meu mestre que me foram cedidas, pensei metter hombros á tarefa de ultimar pelo menos o capitulo iniciado. Mas desisti da empresa. Nina, aquelle formidável trabalhador, cuja producção scientifica excede a dos mais fecundos cientistas brasileiros, que ainda achava tempo sufficiente para attender a uma grande clientela, não era methodico. Com as suas notas, só. elle mesmo poderia trabalhar.

Mas não foi este o principal tropeço. E' que, sobre receiar que a minha mão inhabil deformasse a obra portentosa do meu mestre, em alguns pormenores, relativos á influencia criminal do feiticismo no Brasil, assumpto que em 1902 e 1903 estudavamos juntos, eu ousara discordar do Mestre. E era difficil a conjunctura, ou redigir o capitulo deixando que vingasse a doutrina que me não parecia a verdadeira e que tinha certeza seria abandonada pelo Mestre diante dos documentos novos conseguidos; ou fazer trabalho novo, de minha lavra quasi todo, o que seria engastar no monumento de saber do grande brasileiro a nodoa dos meus erros.

Resolvi sobrestar na publicação do livro, planejando com tempo estudar também eu o assumpto e realizar um dia um trabalho onde, dando a Nina o que lhe pertencia, dêsse aos problemas as soluções que me pareciam melhores. Não ponde ser ainda.

Emquanto, porém, não realizo essa aspiração, pareceu-me obra impatriotica reter inéditos os capítulos mais interessantes do livro. i'or isso, valendo do gasalhado que me dá a "Revista do Brasil", faço hoje a publicação de um dos capítulos.

O trabalho vae tal como o encontrei; apenas uns pequenos retoques de forma e mais nada. Foi escripto em janeiro de 1906.

A RAÇA NEGRA NA AMERICA PORTUGUEZA

SOBREVIVÊNCIAS TOTEMICAS: FESTAS POPULARES E "FOLK-LORE"

JÍINA RODRIGUES

I

Si não é licito considerar selvagens todos os povos negros, aferindo-os pelo padrão que offerece Andrew Lang, é indubitável, entretanto, que a característica, que elle dá para o estado selvagem, se revela em exuberante efflorescência, sobretudo nas



manifestações religiosas de toda a raça e nos usos, praticas e costumes das suas sociedades.

No fundo das mythologias negras mais complexas e elevadas, na essencia da sua conversão ao Islamismo como ao Christianismo, tanto quanto na constituição da ordem social dos seus Estados, subsiste, mais ou menos perfeita, a tendencia instinctiva da Raça a satisfazer os dous requisitos do estado selvagem, admittidos por Lang: "Em psychologia, o selvagem é o homem que, estendendo inconscientemente a todo o Universo a consciência obscura que tem da própria personalidade, considera todos os objectos naturaes como seres inteligentes e animados; que, sem traçar uma linha de demarcação bem nitida entre elle e todas as cousas que existem no mundo, facilmente se convence de que os homens podem ser transformados em plantas, em animaes ou em estrellas, de que os ventos e as nuvens, o sol e a aurora são pessoas dotadas das paixões e qualidades humanas e, sobretudo, de que os animaes podem ser ereaturas mais poderosas do que elle proprio e, em certo sentido, divinas e creadoras."

"Do ponto de vista social, o selvagem é o homem que faz repou-sar suas leis sobre as regras bem definidas do totemismo, isto é, do parentesco do homem com os objectos naturaes, e que se apoia soffire o character sagrado desses objectos para determinar as interdicções em matéria de casamento e as vinganças obrigatórias (*blood-feuds*). fazendo da habilidade na magia, titulo para uma posição elevada."

"Tal é, conclue Lang (1), na nossa opinião, o selvagem; e propomo-nos a explicar as partes mais absurdas da mythologia como sobrevivencias de suSs idéas e de seus costumes."

Antes de demonstrar a persistência do estado mental dos selvagens nas concepções fundamentaes das mythologias negras, ensaiarei o seu estudo, como simples sobrevivência, nos usos e costumes africanos introduzidos no Brasil pelos escravos pretos.

O mesmo raciocínio, que já levou a descobrir a persistência do feticismo africano nas exterioridades da conversão catholica dos escravos, deve conduzir agora a investigar sob que formas, ou equivalentes psychicos, se manifesta aqui a situação mental dos Negros, da qual procede o Totemismo.

Seria,' de facto, revelar grosseira ignorancia das condições sociaes em que se constitue o regimen totemico, pretender encontrar-o organizado entre os nossos Negros.

O Totemismo é, antes de tudo, nos povos selvagens, uma relação de parentesco em que descança a organização da sua vida

(1) Lang: *Mythes, cultes et religions*, Paris, 1896, p. 31.



civil. Suppõe necessariamente plena liberdade de direcção e governo. Subordinados a governes constituídos, como se acharam sempre os Negros no Brasil, regidos por leis e costumes que lhes foram impostos, era-lhes materialmente impossivel disporem-se em tribus ou classes organisadas sob o regimen dos totems.

Mas dahi não é permittido inferir que o estado mental especial, de que dimana a organização social em totems, não subsista e possa manifestar-se sob outras formas.

Um facto historico corrobora esta jpresumpção. Os descendentes dos Bonis, pretos fugidos, que se tornaram independentes na Guyana, uma vez livres, adoptaram a constituição em classes totemicas.

"Os Bonis, escreve Lang, são descendentes de escravos negros que conquistaram a sua liberdade a ponta de espada; provinham da Costa Occidental da Africa. Conservaram uma crença informe em *Godú* (1) (Deus) e *Dibidi* (diabo), mas, ao mesmo tempo, se dividiram em tribus totemicas que tomaram nomes de animaes. O macaco vermelho, a tartaruga e o caiman são os seus principaes totems."

Ora, si entre os Bonis escravos se tivesse aberto inquérito para saber si nelles persistia o Totemismo, paturalmente o resultado havia de ser negativo. Mas tanto se conservava latente a condição mental da constituição dos totems que estes se organisaram assim que a liberdade offereceu aos Negros oportunidade de se governarem por si.

Ora, os Negros importados no Brasil pertenciam todos a povos totemicos. E não é crivei que a simples introduccão neste paiz, que lhes não modificou essencialmente a crença, deixando-lhes intactas todas as suas tendencias sociaes, houvesse supprimido nelles a disposiçãõ mental ao Totemismo.

Resta apenas verificar sob que formas e aspectos esta tendencia se disfarça ou se revela na nossa vida ordinaria.

Si não me illudo, ha de ser encontrada na tendencia e nos esforços para se constituir nos elementos de sobrevivência das nossas festas populares.

Será a parte africana dessas festas, em particular da vespera de Reis.

"A vespera de Reis na Bahia, escreve Mello Moraes (1), é

(1) O termo *Gou'* lembra tanto *Vodu'*, divindade ou santo dos Ivves; *Bouis* altera tão pouco *Benin*, que é lícito suppor fossem os *Bonis* negros procedentes do Golfo de Ieni na Guiné e provavelmente da Costa dos Escravos ou do Ouro. *Jibidi* Parece uma corrupção de *Slygidi*, *orishá* yorubano, e divinisação do pesadello que o faz muitas vezes synonymo do diabo, ou de espiritos malfazejos.

Em todo o caso, *Uidi* é para alguns povos sudanezes o nome de uma divindade malfazeja.

(1) Mello Moraes: *Festas e tradições populares no Brasil*, Rio de Janeiro



um corollario da noite de Natal. São irmãs quanto á origem, differindo na vida de relação. Para os homens que estudam, o interesse de diifferenciação entre as festas do Natal no Brasil e suas congêneres no estrangeiro é enorme. Na Europa, ha um único factor que é o elemento nacional; entre nós ha tres: o elemento branco ou portuguez, o africano, e o resultante de ambos — o mestiço. Do modo por que elles contribuíram e se consubstanciaram: do caldeamento esthetico que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colonia, resulta o encantamento ethnologico, a feição nacional." Descrevendo em seguida as diversas especies de ranchos de Reis, accrescenta: "Destoando do concerto magnifico (dos ranchos dos brancos) lá cresce o rancho dos *bacumbis*, que são negros e negros vestidos de pennas, rosnando toadas africanas e fazendo barbaro rumor com seus instrumentos báubaros. Dos *bacumbis* não sabemos o rumo."

E mais nada diz o citado escriptor sobre a natureza da contribuição africana ou negra á festa de Reis .

Antes de tudo, devo confessar que foram infructiferos os meus esforços para descoibrir hoje na Bahia a denominação de *bacumbis*.

O rancho de Reis em que, ao meu ver, se encarnou na Bahia a veia totemica dos Negros, merece estudado melhor e mais de perto.

Mas, porque não devo emprestar á sua descripção a minha disposição de animo, dal-a-hei por extenso tal qual se encontra no n. 16, de 10 de Janeiro de 1905, d'*A Renascença*, jornalzinho literário, que então aqui se publicava. Supponho-a devida á hábil penna do distincto poeta Souza Britto. Em todo o caso está perfeitamente conforme ao que pessoalmente tenho observado.

"O *rancho* ou *reisado*, como no centro do Estado o chamam, é um grupo de homens e mulheres mais ou menos numeroso, representando pastores e pastoras que vão a Bethlem e que de caminho cantam e pedem agasalho pelas casas das familias.

Podemos dividir o *rancho* em duas categorias: o *terno*, que é o *rancho* mais sério e mais *aristocrata* e o *rancho* propriamente dito, que é mais pandego e democrata.

O *terno* só tem pastores e pastoras, é constituído por familias, todos uniformizados de branco e uma outra côr que deve ser rigorosamente a mesma para todos, as vestimentas são todas iguaes, ás vezes tudo branco e as moças vestidas de noivas. Vão arrumados aos pares, a dous de fundo — um pastor e uma pastora, cada uma destas com uma castanhola, cada um daquelles com um pandeiro, todos com uma flecha tendo no extremo uma lanterna accesa. Esses *tepios* são puxados por tres ou seis músicos, não vão quasi nunca á Lapinha, só cantam nas portas das casas conhecidas nas quaes entram, comem, bebem e ás vezes amanhecem dansando quadrilhas, polkas e valsas.

O *rancho* prima pela variedade de vestimentas vistosas, ouropéis e lentejoulas, a sua musica é o violão, a viola, o cavaquinho, o *cansa*, o prato e ás vezes uma flauta; cantam os seus pastores e pastoras, por toda a rua,



chulas proprias da occasião, os personagens variam e vestem-se de différentes côres conforme o *bicho*, *planta* ou mesmo objecto *inanimado* que os pastores levam á Lapinha.

Antigamente os bichos eram a *burrinha* que representava um Rei montado e o *boi* dono do curral no qual veio ao mundo o Redemptor.

Hoje a *bicharia* da classica arca de Noé ficou a perder de vista com a dos *ranchos*. E' o *cavallo*, a *onça*, o *veado*, a *barata*, o *peixe*, o *gallo*, o *besouro*, a *serpente*, a *concha de ouro*, e muitos outros animaes além de seres fabulosos como: a *phênix*, a *sereia*, o *caypora*, o *inandú*; de plantas e flores como: a *laranjeira*, a *rosa Adélia*, a *rosa Amélia*, e até seres inanimados como o *navio*, a *coroa*, o *dons de ouro* e outros.

Nos *ranchos*, além de pastoras, lia balisas, porta-machados, porta-bandeiras, mestre-salas e ainda um ou dous personagens que lutam com a figura principal que dá nome ao *ranch*o.

Assim no do *peixe*, ha um *pescador*; no do *cavallo*, um *cavalleiro* que as mais das vezes faz *triste figura*; no do *veado* ou da *onça*, um *caçador*; no da *barata*, uma velha armada de enorme chinello; no do *gallo*, um *guerreiro* com armadura e capacete de folha de Flandres, manejando uma enorme catana de papelão prateado; nos de flores ou plantas, um jardineiro com um grande regador; no do *navio*, ha marinheiros, pilotos, contra-mestres, emfim, uma marinha inteira e uma fortaleza que se bate com o navio.

Estes ranchos vão até a Lapinha, onde a commissão dos festejos dá um ramo ao primeiro que chega.

Todos elles cantam e dansam nas casas por dinheiro. Suas dansas consistem num *hundu* sapateado, no qual a figura principal entra em luta com o seu conductor que sempre o vence; depois jogam, sempre dansando e cantando, um lenço aos donos da casa que o restituem com dinheiro amarrado numa das pontas e sahem cantando, dansando, batendo palmas, arrastando os pés, num *charivari* impossivel de descrever-se."

A' parte a feição local tornada ao assumpto religioso, a que se adaptam, e ao meio popular complexo, em que apparecem, nos *reisados* ou ranchos de Reis se descobrem em frísante relevo todas as características essenciaes do Totemismo. O agrupamento familiar dos totems tem nelles por equivalente a constituição do club ou rancho, imagem da tribo ou do *clan*: cada individuo pertence ou se diz do rancho do pavão, ou da barata, como nos *clans* totemicos pertenceriam á tribo da tartaruga ou do lobo. "O' chefe da família que occupa o primeiro lugar, lê-se em Lang, chama-se: o *grande homem do crocodilo*. E' assim que a Duqueza de Lutherland que protege o *clan' chattan*, é cognominada em dialecto gaelico a *grande dama do gato*". A idéa da superioridade, parentesco e protecção do animal ou objecto totemico manifesta-se n'10 rancho de Reis, pelo nome que elle dá ao club, pela vantagem nas proporções da figura que o representa e pela riqueza das vestes que o ornam, bem como pelo papel que lhe cabe na acção que se desenrola no bailado. Não é aquelle um boi, um pavão ou um navio trivial, commum, é um animal ou objecto em que se idealisa distincção especial.



Mas é principalmente na dança dos ranchos que de todo se descobre a sua procedencia do mesmo sentimento de que nasce o Totemismo.

E' tão intima a connexão do Totemismo com as danças, que são estas sufficientes para designar as divisões ou tribus. "Para designar o seu habito de tomar o nome de um animal, elles (os Bechuanas) se servem da palavra *bina*, dançar; assim, para saber-se a que tribu pertencem esses selvagens é preciso perguntar-lhes: *O que dança você?* Parece que outr'ora a dança foi parte constitutiva do seu culto. As crenças mytholoigicas e religiosas dos Boschemans são também intimamente ligadas ás danças; quando algum individuo ignora um mvtho, elle diz; *Eu não danço esta dança*, querendo affirmar assim que não pertence á corporação que conserva aquella tradição particular."

Por sua vez, os ranchos de Reis são essencialmente ranchos de dança ou bailado. E convém registrar que as danças dos ranchos bahianos são uma imitação, quasi direi uma reproducção, das danças da iniciação da puberdade ou de certas danças de caça dos povos selvagens.

A comparação mais superficial dessas danças com as, nossas bem o demonstra.

As danças dos ranchos de Reis consistem essencialmente em uma especie de pantomima de luta entre o objecto ou animal, chefe ou totem do rancho, e o seu guia. Este objecto ou animal é representado por uma figura de grandes proporções, com as formas do animal ou objecto escolhido, boi, borboleta, navio, etc., debaixo da qual se mette um homem que a faz marchar e dançar.

Que não são diversas as danças venatorias e de iniciação dos selvagens mostram os seguintes casos que são narrados por Frazer. (1) Em certas cerimoniaes de iniciação, na Nova Galles do Sul, apresenta-se aos noviços um kangurú feito de hervas, e declara-se que a elles está conferido o poder de matar este animal. "Os liomens atam á cinta caudas de hervas e dão pequenos pulos á direita e á esquerda para imitar o kangurú, ao mesmo tempo que dous outros individuos os perseguem com lanças, fingindo feril-os".

Na dança venatoria dos cafres Kusás, um homem toma na bocca um punhado de hervas e anda de quatro patas para imitar a caça, ao passo que os caçadores soltam o grito de caça e o atacam á lança até que elle finja cahir morto." Certos Negros da Africa equatorial occidental fazem a mimica de uma caça de gorilla antes da caça real e o homem, que faz de gorilla, finge deixar se matr/|. Nos Dacotahs, para a caça (lo urso, a pantomima consiste em vestir-se o *shaman*, ou homem-medico, da pelle do urso e os

(1) Frazer: *Le Totemismc.* Paris, 1898, p. 59 e seguintes.



outros de simples mascaras da mesma pelle, imitando todos o animal. Os índios de S. João Capistrano executam pantomimas semelhantes deante da pelle empalhada de um gato selvagem.

Não importa no particular a distincção estabelecida por Frazer entre as danças totemicas, as da iniciação da puberdade e as danças de caça. Domina em todas a mesma situação mental, pois as danças dos caçadores possuem uma intenção propiciatória, a denunciar a crença arraigada no parentesco, superioridade ou intelligencia do animal.

E') natural que, nas suas revelações entre nós, todos estes estados rrentaes se associem para a transmissão atavica dos descendentes dos selvagens e barbaros.

Seria, de 'facto, erro manifesto acreditar que, nas sobrevivencias se pudesse encontrar a verdadeira instituição totemica e não, simplesmente, em festas populares brasileiras, manifestações equivalentes do mesmo estado psychico ancestral. E' ainda pelo mesmo motivo que não nie préocupa a discriminação das diversas variedades de totems, posto que já tenha mostrado algures que o *tabii* ou prôhibição religiosa de comer carne de certos animaes, imposta ás confrarias de determinados *orichás* yorubanos, tem manifesta origem em remoto totemismo religioso. Ha, na nossa população inculta, praticas correntes que, embora evidentemente se originando dessas idéas, já de muito perderam a lembrança da sua connexão e só se conservam pela tradição local e o exemplo. Está neste caso o costume de usar dentes ponteagudos, como os de certos animaes; são os chamados dentes limados, embora, de facto, sejam cortados a navalha ou a faca. Modernos estudos ethnographicos mostraram que este costume é extremamente generalizado por todo o mundo, e inspira-se claramente em uma idéa totemica. A intenção deliberada de imitar assim certos animaes é ainda hoje conservada em alguns povos negros. "Os Manganijas, escreve Frazer, limam os dentes de modo a parecerem-se com o gato ou o crocodilo."

Fica exuberantemente demonstrado que, nas nossas festas e costumes populares, se descobre uma intenção totemica que lhes foi transmittida pelos Negros e Indígenas; mas nenhum elemento nos autorisa a descobrir e caracterisai- nella a influencia «especial deste ou (laquelle povo negro).

Entre os Bantús, em toda a Africa austral, domina francamente o Totemismo, mas elle ainda persiste até nos povos Sudanezes, que possuem uma estrutura social muito mais complexa. Ellis encontrou o totemismo heterogeneo, regularmente instituído, entre os Ewes, dando a denominação dos seguintes *clans*: *Kpó-dó*, *clan* do leopardo; *Ordãnh-dó*, *clan* da serpente; *Dzáta-dó*, *clan* do leão; *Tchvi-dó*, *clan* do inhame; *Elo-dó*, *clan* do crocodilo; *Ed dú-dó*,



clan do macaco. Na vasta familia Mandê, Mandinga ou Malinkê, os estudos do Capitão Binger evidenciam que os *tennês* ou ídolos familiares, bem como os seus *diamús*, nomes de familia, que juntos caracterizam as tribus, têm uma origem totemiã, como mostram, para exemplo, a familia *Bamma*, do caiman ou *bamba*; a familia *Mali* ou do hippopotamo, etc.

FESTAS POPULARES

Mas não é só a intenção totemica que se ha de encontrar como legado africano nas nossas festas populares.

O phenomeno psychologico toma aqui duas feições distintas: ou a festa brasileira é motivo para verdadeiras praticas africanas, que os Negros lhe adicionam e enxertam como suas equivalentes; ou essas praticas já se revelam incorporadas ou integradas ás nossas festas como simples tradição ou lembrança.

E', bem se presente, novo caso da distincção, com outras applicações, já por mim estabelecida. Na primeira hypothese, trata-se de manifestações de uma crença, de uma pratica, costume ou festa africana, actualmente ainda viva entre nós e que aproveita o momento para se manifestar; na segunda, trata-se da tradição ou recordação de sentimentos que só existiam de facto em actividade nos seus maiores.

A lavagem da igreja do Bomfim, na Bahia, é, como demonstrei, uma pratica religiosa yorubana ou nagô; mas constitue verdadeiro culto vivo, pois para africanos, negros crioulos e mestiços daquela seita, o Senhor do Bomfim é o proprio *Obatalá*. Ao contrario, os clubs carnavalescos do Cucumby, do Rio de Janeiro, descriptos por Mello Moraes, são festas populares que passaram de todo ao estado de tradição.

A escolha, a preferencia do thema denuncia, trae ainda a Raça Negra, mas a essas festas podem se associar as outras raças, que só verão no facto o elemento da caracterisação, que é aliás a essencia do Carnaval.

Ha, finalmônte, casos intermédios ou de transição: a usança africana participa, ao mesmo tempo, da tradição e de uma instituição ainda viva entre nós. E' o caso dos clubs carnavalescos africanos da Bahia. As festas Carnavalescas na Bahia ultimamente se reduzem quasi que a clubs africanos, organizados por alguns africanos, negros crioulos e mestiços. (1) Nos últimos annos os clubs mais ricos e importantes têm sido: *A Embaixada Africana* e os *Pândegos da Africa*. Mas, além de pequenos clubs como *A Chegada Africana*, os *Filhos de Africa*, etc., são incontáveis os

(1) Nina refere-se aos annos de 1900 a 1905. (N. R.)



grupos africanos anonymos e os mascaras negros' isolados. Na constituição destes clubs revelam-se aquelles dois sentimentos distinctos. N'uns, como a *Embaixada Africana*, a idéa dominante nos negros mais intelligentes, ou melhor adaptados, é a celebração de unia sobrevivência, de urna tradição. As personagens e os motivos são tomados aos povos cultos da Africa, Egypcios, Abyssinios, etc. Nos outros, si, da parte dos directores, ha por vezes a intenção de reviver tradições, o seu successo popular está em constituírem verdadeiras festas populares africanas. O thema é a Africa inculta que veio escravizada para o Brasil. Nos *Pândegos da Africa*, o carro, descreve um jornal diário, "representa a margem do Zambeze, em cuja riba, reclinado em immensa concha, descança o rei Labossi, cercado dos seus ministros Auá, Oman, Aibato, empunhando o ultimo o estandarte do club." Após vinha "um carro com dous socios representando poderosos influentes da córte do rei, — Barborini e Rodá. Tres cavalleiros precediam a charanga africana que vinha a pé, com os seus instrumentos estridentes e impossíveis." Depois, um "carro representando a cabana do pae Ajou e sua mulher com o *aboré* de feitiço, a dar a boa sorte a tudo e a todos." O successo deste club foi enorme. Vimos compacta multidão de negros e mestiços, que a elle, pôde-se dizer, se haviam incorporado e que o acompanhavam cantando cantigas africanas, sapateando as suas danças e victoriando os idolos ou santos, que lhes eram mostrados do carro do feitiço. Dir-se-ia um *candomblé* colossal a perambular pelas ruas da cidade. E de feito, vingavam-se assim os Negros feiticistas das impertinências intermittentes da policia, exhibindo em publico a sua festa. E não é pequeno afinal o desiforço que assim tomam, pois bem contadas, inclusive todos os bandos annunciadores de quanta festa de arrabalde existe, por mais de uma dúzia orçarão annualmente essas oportunidades. (1) As danças e cantigas africanas, que se exhibiam com este successo no Carnaval, são as danças e cantos dos candomblés, do culto gêgey-orubano, fortemente radicado na nossa população de cór.

Ainda fram>, sem duvida, praticas africanas vivas, embora adaptadas, as danças dos Congos descriptas por Mello Moraes e Sylvio Romero, nas festas de S. Benedicto e N. S. do Rosario, do Lagarto (Sergipe).

Era uma especie de cortejo de pretos que acompanhavam a procissão fazendo guarda de honra a tres rainhas negras. Entre os

(D Si acaso este depoimento de testemunha ocular podesse ser averbado de parcial ou de preconceito, havia de ratifical-o a transcripção unanime da imprensa local. *fr^{mo}io da Bahia*, 16 de Fevereiro de 1899: "Seguiam a charanga "muitos entusiastas no club (*Pândegos da Africa*) acompanhando os cantos africanos e as danças rythmicas. *Jornal de Noticias*, de 11 de Fevereiro de 1899: "A melhor passeiata de hontem *pi a dos *Pândegos da Africa* que com certeza farão uma das primeiras figuras do S-arnaval deste anno. Uma enorme multidão o acompanhava, aclamando-o." Ainda o *>ario da Bahia*: "A *Chegada Africana*, com os clássicos instrumentos e danças, deu no *gotto* de muito papalvo."

.>



pretos travava-se lucta para ver quem se apoderava da corôa da rainha, o que valia um premio ao victorioso.

Os *Cucumbys* bahianos das festas de Natal e Reis são também verdadeiras festas africanas. Mas, quando levados por negros bahianos, os *Cucumbys* appareceram no Carnaval do Rio de Janeiro, constituindo diversos clubs carnavalescos, já não se podia admittir fossem outra cousa mais do que uma tradição africana.

Na descripção dos *Cucumbys*, a que nunca assisti, e que supponho extinctos na Bahia, cinjo-me em resumo á descripção de Mello Moraes, (1) onde por extenso se podem encontrar toda a acção e bailado. A acção é assim resumida pelo proprio auctor: "Depois da refeição lauta do *cucumbc*, comida que usavam os *Congos* e *Munhambanas* nos dias da circumcisão de seus filhos, uma partida de *Congos* põe-se a caminho, indo levar á rainha os novos vassallos, que haviam passado por essa especie de baptismo selvagem. O préstito, formado de príncipes e princezas, augures e feiticeiros, interpretes de dialectos estrangeiros e innumero povo, levando entre alas festivas os *mametos* circumcisados com lasca de taquara, é acommettido por uma tribu inimiga, cahindo flechado o filho do rei. Ao approximar-se o cortejo, recebendo a noticia do embaixador, ordena o soberano que venha á sua presença um afamado adivinho, o feiticeiro mais celebre do seu reino, impondo-lhe a resurreição do príncipe morto. E aos sortilégios do feiticeiro, o morto levanta-se, as danças não 'findam, ultimando a funeção ruidosa retirada na qual os *Cucumbys* cantam o Bemdito e diversas quadras populares. Como é natural, a tradição africana acha-se corrompida pelas gerações crioulas, mas não a ponto de desconhecer-se o que ha de primitivo como costumes authenticos."

De facto, os nomes *Congo*, *Munhambana*, *Cucumbc*, *Quimbatc*, *Matanga*, *Zumbi*, etc., que apparecem no bailado, bem como algumas palavras das estrophes cantadas, não deixando duvida sobre a origem africana, põem em grande evidencia a sua procedencia bantú ou congo. Considero os *Cucumbys* como a mais importante das tradições legadas á nossa população pelos negros Baitfús, uma das poucas por que este ramo da Raça Negra escapou da assimilação anonyma que soffreu no Brasil. Nesta ordem de idéas, a festa dos *Cucumbys* só é superada, em valor historico, por Palmares que, como vimos, foi uma criação e um feito bantú.

Muito abaixo, em significação ethnologica se devem inscrever o pouco que nos ensina o estudo dos últimos Bantús sobreviventes, as manifestações pequenas e apagadas da festa dos *Congos* e o *Enterro Moçambique*, descripto por Mello Moraes.

Do grupo geral dos *Tús* ou *Bantús* descendo-se em investigação, aos diversos povos nelle comprehendidos, só se apura agora a

(1) Mello Moraes: *Festas e tradições populares*, etc., p. 157.

indicação precisa de negros *Congos*, *Angolas*, e *Moçambiques*, mas taes designações têm entre nós um valor mais regional do que ethnologico, pois nos Congos como nos Moçambiques se abrangem nações diferentes, divididas em tribus innumeradas.

Das festas populares aqui mencionadas, o Carnaval bahiano é sufficiente para salientar, em curioso destaque, a superioridade communicativa dos Sudanezes, Yorubaiios, Ewes e Minas, cujas tradições e festas ruidosas passaram á nossa população crioula, nella vivem e fortemente se radicaram. São elles e não os Angolas que vão tomar á Africa bantú os motivos e kléas dos clubs carnavalescos, os quaes, na execução, revestem sempre a *tourneur* de suas festas e costumes.

FOLK-LORE

Não reclamava grande descortino de intelligencia a previsão de que o *Folk-lore* brasileiro havia de ser uma resultante dos folk-lores das raças colonisadoras com as modificações e addições feitos pelo proprio-povo que delias proveio. No emtanto, é difficilimo, no producto actual, discriminar a contribuição de cada um dos factores ethnicos. A adaptação ao novo meio, já pelo conflicto, já pelo congraçamento (las diversas raças, já pela fusão hereditaria das suas tendencias no mestiço, está influindo para deformar, para alterar o sentido e a fôrma primitiva dos contos populares, dando-lhes colorido local e actual. Sylvio Romero, sem contestação a nossa maior autoridade na especie, sentiu e expoz francamente toda a difficuldade desta distribuição. Todavia, mostrou que, na nossa população, se encontram alguns contos que a ella passaram taes, ou quasi taes como existiam em algumas das raças colonisadoras. E este facto me autorisa a tentar a empreza, certamente muito mais difficil, de explorar as procedências africanas dos nossos contos populares como uma fonte de informações sobre os povos negros que colonisaram o paiz.

Como já vimos em relação a outros pontos, ainda aqui é principalmente na obra de Sylvio Romero que mais se sente, e é ella a que melhor põe em relevo toda a enorme desproporção entre a consciência nitida e a affirmação categórica do alto valor da contribuição trazida pelo Negro á constituição da nossa nacionalidade, de um lado, e a pobreza, quasi miséria, dos nossos conhecimentos nesse particular, do outro. A exiguidade desta contribuição, tal como se percebe nos *Contos Populares* (1), a única obra brasileira em que a matéria é encarada com este intuito, é tanto mais para notar quando é sabido ser riquíssimo o *folk-lore* africano, que, em alguns povos, além dos historiadores nacionaes, possui

(D) Sylvio Romero. *Cantos populares do Brasil*.- Rio cie Janeiro de 1897.



contistas de profissão. Em um povo africano, que largamente contribuiu para a nossa colonização, os Nagôs, ensina Ellis, além do *arokin*, o narrador das tradições nacionais, depositário das crônicas do passado, que, assistindo um a cada rei, constituem uma verdadeira casta, cujo chefe toma o título de *Ologbô* ou conselheiro, ha o *akpalô*, fazedor de *alô* ou conto, "personagem muito estimada e de grande procura para as reuniões da sociedade." Alguns indivíduos, escreve Ellis, fazem profissão de contar histórias e andam de logar em logar recitando contos. Chamam a taes indivíduos *akpalô kpatita*, "aquelle que faz vida ou negocio de contar fabulas." Como entre as tribus *Ewes* (nossos *Gêges*), o contador de historias de profissão yorubano muitas vezes serve-se de um tambor, com o rythmo do qual preenche as pausas da narrativa. Quando tem reunido em torno de si um auditorio sufficiente, elle grita: *Meu alô é sobre isto ou aquillo*, mencionando o nome do heróe ou heroína do conto; ou então: *Meu alô è sobre um homem* (ou uma mulher) *que fez isto e aquillo*, e após este preambulo começa a historia."

Mas basta conhecer a tendencia incoercível do Negro a fallar, a contar historias, no que são capazes de gastar dias e noites; basta acrescentar a isso que á convivência intima dos escravos com senhores accresceu sempre, durante a escravidão, o encargo de amas de menino confiado ás negras, para prever-se que a contribuição africana ao nosso *folklore* devia ter sido de inextinguível opulência.

Devo confessar que não pude apanhar bem o critério porque se guiou o distincto *folklorista* brasileiro, no meio das grandes difficuldades em que se deve ter achado e que tão francamente salientou, para estabelecer a sua discriminação em contos portuguezes • ou arianos,, contos africanos e contos americanos. E' evidente, porém, que um facto, a que ligou sempre a maxima importancia, influiu poderosamente para fazel-o attribuir aos Indígenas contos que são positivamente de origem africana. Percorrendo-se os *Contos Populares*, verifica-se que Sylvio Romero não deixou aos Negros um só conto da tartaruga, kagado ou jaboti, que invariavelmente, á excepção de um só, dado aos Brancos, foram attribuidos ao elemento indígena. E' indubitavelmente um tributo pago á influencia do 'mportante trabalho de Couto de Magalhães, que descobriu entre os nossos Indígenas o que Sylvio Romero chamou um cyclo completo de contos do jaboti.

No emtanto, os importantes e recentes estudos do Coronel A. Ellis demonstraram que, na Costa dos Escravos, a tartaruga é, para os Nagôs, um poderoso centro de convergência de contos populares. Sendo este ponto capital para a boa comprehensão da nossa psychologia popular, transladarei para aqui todo o trecho de



Ellis, afim de tornal-o tão conhecido entre nós como o são merecidamente os excellentes trabalhos de Couto de Magalhães.

"Chegamos agora, escreve Ellis (1), áquelles contos que se podem chamar *Historias da Tartaruga*, pois que a tartaruga (awon) desempenha sempre nelles o papel principal. Nestes contos, a tartaruga é dotada de poderes sobrenaturaes e, na maior parte, passa por obrar com astúcia e malicia. De facto, ella occupa no *folk-lore* da Costa dos Escravos o lugar da aranha (*anansi*) nos contos da Costa do Ouro e que por isso são conhecidos por *AnansVscm* (*Anansi-agem*), "Historias da Aranha". Nestes a aranha desenvolve sempre grande astúcia e habilidade e figura fallando pelo nariz com os deuses inferiores.» Os nomes de Tartaruga e Aranha são empregados nestas historias como nomes proprios de personagens anthropomorphicas e nas tribus *Tishis* a ultima é chamada *Ajya Anansi*, *Pae Aranha* ou *Pae Anansi*. Assim o rifão ou provérbio yorubano: *Bji Awon kó kon ni li owo*, usado no sentido de que um assumpto que, á primeira vista, parece insignificante, pôde realmente ser de grande importancia, não deve ser traduzido: *O sangue da tartaruga não chega a uma mancheia* (literalmente não enche uma mão), mas sim: *O sangue de Awon* (o personagem mythico ou a Tartaruga anthropomorphica) *não é uma mancheia*. Um dos appellidos da tartaruga é *ajapá*, "a fada de cabeça pellada, ou a fada calva {aja, fada; pá, ser calva ou caréca}.

O aspecto ondeante do ar, que se percebe junto ao sólo nos ardores caniculares, é chamado o *fogo da tartaruga* e acreditam os Negros ser elle devido a um fogo subterrâneo ateado pela tartaruga para destruir as raizes das arvores. A tartaruga apparece em diversos provérbios yorubanos, taes como "a Tartaruga é sempre motivo de um aló" (conto); ou então "a casa da tartaruga não é espaçosa bastante para ella. A varanda (porção da concha que se projecta sobre a cauda) da tartaruga não accomoda um hospede. A tartaruga, tendo edificado a sua casa, fez a varanda na parte posterior." Outros provérbios ou dictados "parecem indicar que a tartaruga é tratada com reverencia ou respeito, assim neste: *O caracol deve ser tratado com a mesma consideração que a tartaruga.*"

Ora, lendo-se os contos da tartaruga colhidos por Ellis entre os Nagôs ou Yorubanos, verifica-se que diversos delles têm curso ou pelo menos têm uma versão equivalente entre nós.

Precisamente encontra-se, nos *Contos Populares*, um conto de Sergipe evidentemente calcado sobre um conto africano da tartaruga.

Ha toda vantagem em comparal-os.

Conto brasileiro de Sergipe: O KAGADO E O TEYU'

(Sylvio Romero)

"Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha, o teyú queria casar com ella e amigo kagado também. O kagado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teyú para nada valia e que até era o seu cavallo. O teyú, logo que soube disto, foi ter á casa da comadre onça e asseverou que ia buscar o kagado para alli e dar-lhe muita pancada á vista de todos e partiu.

1) O) A. Ellis: *The Yóruba — Speaking Peoples of Slave Cost, of IVest Africa.* London 1894, p. 258.

O kagado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teyú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o kagado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sahir *de pé* naquella dia. O teyú teimou muito: "Então, disse o kagado, você me leva montado nas suas costas." "Pois sim, respondeu o teyú, mas ha de ser até longe da porta da amiga onça." "Pois bem, mas você ha de deixar eu botar o meu *caquinho* de sella, porque assim em osso é muito feio". O teyú se massou muito e disse: "Não, que eu não sou seu cavallo!" "Não é por ser meu cavallo, mas é muito feio." Afinal o teyú consentiu. "Agora, disse o kagado, deixe botar minha *brida*." Novo barulho do teyú e novos pedidos e desculpas do kagado, até que conseguiu pôr a brida no teyú e munir-se do mangoal, esporas, etc. Partiram; quando chegaram em logar não muito longe da casa da onça, o teyú pediu ao kagado que descesse e tirasse os arreios, senão era muito feio para elle ser visto servindo de cavallo. O kagado respondeu que tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incommodado' e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teyú até á porta da casa da onça, onde elle metteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: "Olha, eu não disse que o teyú era meu cavallo? Venham ver!" Houve muita risada e o kagado, victorioso, disse á filha da onça: "Ande, moça, monte-se na minha garupa e vamos casar". Assim aconteceu com grande vergonha para o teyú."

Conto africano da Costa dos Escravos

(Ellis)

Meu *alô*, é sobre a tartaruga e o elephante.

Um dia, a fada de cabeça pellada disse aos outros animaes que ella era capaz de fazer do elephante seu cavallo, mas todos os animaes declararam: "Não, tu não és capaz de montar no elephante." Ella replicou: "Bem, eu aposto que -hei de entrar na cidade montada no elephante." E os outros animaes accitaram a aposta. A tartaruga foi á floresta procurar o elephante e, encontrando-o, disse-lhe: "Meu pae, todos os animaes andam dizendo que você não vae á cidade porque é muito desageitado e corpulento." O elephante ficou muito zangado e disse: "Os animaes são uns bobos. Si eu não vou á cidade é porque prefiro ficar na matta. Além disso, eu não conheço o caminho da cidade." "Oh, disse a fada de cabeça pellada, então venha commigo. Eu lhe ensinarei o caminho da cidade e você fará os animaes ficarem corridos de vergonha." O elephante accitou e partiram ou dous. Quando estavam proximos á cidade, disse a tartaruga: "Meu pae, eu estou muito cançada. Deixe eu subir nas suas costas." "Pois não", disse o elephante. Elle ajoelhou-se e a tartaruga subiu-lhe ás costas. Seguiram caminho. A fada de cabeça pellada propoz então: "Meu pae, quando eu coçar suas costas você deve correr e quando eu bater com minha cabeça nas suas costas, você deve correr mais depressa ainda: assim você fará uma figura muito bonita na cidade." O elephante disse: "Perfeitamente." Ao chegar perto da cidade, a tartaruga coçou as costas do elephante e este poz-se a correr. Bateu nas costas com a cabeça e o elephante correu ainda mais. Quando os animaes viram isto, ficaram pasmos. Todos estavam em suas casas olhando das janellas. E a tartaruga gritou-lhes: "Eu não disse que entrava na cidade montada no cavallo de meu pae?" "O que quer dizer, "cavallo de seu pae?", perguntou o elephante enfurecendo-se. "Eu estou caçoando com você"; disse a tartaruga. Mas o elephante vio que os outros animaes estavam rindo-se e ficou ainda mais enfurecido.



"Espera que eu vou atirar-te aqui nestas pedras duras e quebrar-te em pedaços", gritou elle. "Isto é muito bom, disse a fada calva. Atire-me aqui. Isso quero eu. Tenho certeza que não hei de morrer nem ferir-me. Si você quer matar-me, deve levar-me ao atoleiro. Lá sim, eu morrerei afogada na lama e na agua." O clephante acreditou nella; correu ao atoleiro e atirou a tartaruga na lama. Levantou a pata para csmagal-a, mas a fada calva mergulhou no lodaçal e sahiu em outro lugar. Então cila gritou aos animaes que estavam olhando: "Eu não disse que havia de entrar na cidade cavalgando o cavallo de meu pae?" O clephante, vendo que não poderia apanhar a fada da cabeça pellada, voltou a toda a brida para as mattas. Assim que chegou lá disse aos outros elephantes: "Sabem vocês o que aquella costas-quebradas me fez?" e contou a elles a historia. Os outros elephantes disseram: "Você foi um maluco para levar aquella costas-quebradas á cidade." E desde então os elephantes nunca mais puzeram os pés na cidade."

A differença entre as duas versões explica-se suficientemente pelas adaptações que os novos meios sociaes impõem aos mythos e contos importados.

O factio ainda melhor se vê na versão seguinte, do mesmo conto, tal como a encontro entre os africanos desta cidade. O começo do conto resente-se das idéas catholicas que os Negros receberam no Brasil:

Versão africana tomada a negros Gêgcs da Bahia: "Adjinacú e Logozé"

O ELEPHANTE E A TARTARUGA (Pessoal)

"Um dia Deus chamou todos os animaes para dar a elles a força própria de cada um (naturalmente marcar a cada especie a sua actividade própria ou destino) e ordenou que comparecessem todos em certo lugar dahi a oito dias.

Todos os animaes se prepararam para comparecer e começaram a caçoar com a tartaruga, dizendo que ella não tinha pernas e portanto não poderia ir. Ella então disse que havia de mostrar que iria montada no clephante. Todos os animaes se riram muito e disseram que só queriam ver como ella tão pequenina havia de pegar o clephante para cavallo. Ella respondeu: "Deixem estar que eu me arranjarei". Muniu-se de uma brida e fez-s^ muito amiga do elephante. No dia marcado poz-se a caminho com elle e adeante disse: "Amigo elephante, eu assim não chego lá, quasi não ando, você pôde me botar nas suas costas?" Elie disse: "Deixe estar que eu te levo". Abaixou-se e a tartaruga trepou-lhe ás costas.

Então ella disse: "Mas eu assim cáio, não posso me segurar; você deixe eu botar esta brida?" E elle deixou.

Quando foi na occasião, Deus disse: "Gente, o elephante não veio". Os animaes disseram então que a tartaruga havia prometido vir montada no elephante. E é quando chega a tartaruga montada no elephante. Todos os animaes bateram muitas palmas e disseram: "Como tartaruga tão pequena Pode pegar elephante para seu cavallo!"

Elephante envergonhado, fugiu para o matto e nunca mais se viu elle."



Citarei outro conto africano da tartaruga que tem uma versão brasileira no Maranhão e na Bahia:

Conto yorubano

(Ellis)

"Meu *alô* é a respeito de uma mulher chamada Olú:

Olú tinha um filho chamado Sigô e Sigô quiz ser caçador. Seu pae deu-lhe um cavallo, sua mãe deu-lhe um carneiro e mandaram-no partir e caçar. Sigô tomou seu arco e suas flexas, montou no seu cavallo e mettu-se pelas mattas. Caminhou muito até que chegou ao lugar dos animaes. O céu começou, porém, a carregar-se e por fim ficou tudo tão escuro que Sigô não podia enxergar nada. Immediatamente a chuva cahiu em torrente. Choveu tanto que, arrastado pela enxurrada, Sigô foi cahir em um fôssô profundo. Elie fez tudo para sahir, mas não pôde e ficou lá chorando e maldizendo-se. A chuva passou e a tartaruga, sempre á cata de oportunidade, foi ter á gruta. Sigô a viu, estendeu o pescoço até a beira do fôssô e gritou:

"Aqui! tartaruga, oh, fada de cabeça pellada, aqui!" A tartaruga chegou e debruçou-se na beira do fôssô para ver quem a estava chamando. "O que estás fazendo ahi?", perguntou. "A enxurrada da chuva me lançou aqui", disse Sigô. "O que me das para eu te tirar dahi", perguntou a tartaruga. "Serei teu escravo", replicou elle. "Está difo"; disse a tartaruga que desceu ao fôssô e tirou Sigô para fóra. Disse-lhe então: "Vou fazer um tambôr grande para te metter dentro. Quando eu chegar a uma casa e tocar o tambôr, toma o cuidado de cantar bem." "Está entendido", concordou Sigô. Quando chegou á cidade em que ella morava, tartaruga, a fada de cabeça pellada, foi á casa do rei e elogiou muito o magnifico som do seu tambôr. O rei ordenou á tartaruga que trouxesse o tambôr e viesse tocar em' sua presença afim delle poder ouvir o som. "Perfeitamente, disse a tartaruga, manda chamar toda a cidade para dançar." O rei concordou e mandou por toda cidade convidar o povo para dançar. Quando todo o povo estava reunido, o rei mandou chamar a fada de cabeça pellada. El'Fa tomou o seu tambôr e veio se collocar no meio do povo. Tocou o tambôr com a vaqueta e o tambôr cantou assim: (1)

Sigô é o filho de Olú
Ah! dae-me a liberdade!
Sua mãe deu-lhe um carneiro e mandou caçar;
Ah! dae-me a liberdade!
Seu pae deu-lhe um cavallo e mandou caçar
Ah! dae-me a liberdade!
Ouvi o que digo. Elle foi ao esconderijo do elephante;
Ah! dae-me a liberdade!
A enxurrada da chuva atirou-o n'um fôssô;
Ah! dae-me a liberdade!
E assim elle ficou escravo da Tartaruga;
Ah! dae-me a liberdade!

O povo ficou pasmado e bateu com a mão na bocca em signal de admiração. O rei ordenou á tartaruga que tocasse de novo o tambôr para que

(1) Em todos os contos de Ellis, em que a traducção é feita do inglez, não tive a versificação na menor conta: dou a traducção em prosa. Só procurei conservar os versos nas linguas originaes, portugueza ou africanas.



elle ouvisse anida uma vez. A tartaruga tocou segunda vez e o povo proclamou aquillo uma maravilha. Depois a tartaruga voltou para sua casa.

Passado algum tempo, os donos da casa a que Sigô pertencia, foram ter com a tartaruga e pediram-lhe que levasse o seu tambôr para uma festa que elles iam dar. A fada de cabeça pellada accedeu. Tomou o seu tambôr e lá se foi. Quando chegou, as mulheres prepararam um mingão de milho e trouxeram cachaça. Pediram que a tartaruga tocasse o tambôr que cantou para ellas ouvirem. As mulheres deram de comer á tartaruga e a tartaruga comeu. Deram-lhe cachaça para beber e a tartaruga bebeu, embriagou-se e cahiu no somno. Emquanto a tartaruga dormia, tomaram o tambôr, levantaram a tampa, retiraram Sigô para fóra e collocaram a tampa outra vez exactamente como estava. Quando a tartaruga acordou, pegou llo seu tambôr e começou a tocar. Um corvo grasnou dentro d'elle. A tartaruga bateu com mais força e mais depressa; o corpo grasnou cada vez mais alto. Elie gritou o mais alto que pôde: "Porque, quando você estava comendo, não deu alguma cousa de comer ao tambôr? Porque, quando você estava bebendo, não deu alguma cousa de beber ao tambôr?" A tartaruga foi para sua casa. Tirou a tampa do tambor e achou dentro um corvo."

Conto brasileiro da Bahia e Maranhão

A MBNINA DOS BRINCOS DE OURO

(Pessoal)

'Uma mãe, que era muito má (severa) para os filhos, fez presente a sua filhinha de uns brincos de ouro. Quando a menina ia á fonte encher agua e tomar banho, costumava tirar os brincos e botal-os em cima de uma pedra.

Um dia ella foi á fonte, tomou banho, encheu a cabaça e voltou para casa, esquecendo-se dos brincos. Chegando em casa, deu por falta delles e com medo da mãe ralhar com ella e castigal-a, correu á fonte a buscar os brincos. Chegando lá, encontrou um velho muito feio que a agarrou, botou nas costas e levou comsigo. O velho pegou lla menina, mettu dentro de um surrão, coseu o surrão e disse á menina que ia sahir com ella de porta em porta para ganhar a vida e que, quando elle ordenasse, ella cantasse dentro do surrão sinão elle bateria com o bordão. Em todo o lugar que chegava, botava o surrão no chão e dizia:

Canta, canta meu surrão,
Sinão te metto este bordão.

E o surrão cantava:

Neste surrão me metteram,
Neste surrão hei de morrer,
Por causa d'uns brincos d'ouro
Que na fonte eu deixei.

Todo o mundo ficava admirado e dava dinheiro ao velho.

Quando foi um dia, elle chegou á casa da mãe da menina que reconheceu jogo a voz da filha. Então convidaram o velho para comer e beber e, como já era tarde, instaram muito com elle para dormir. De noite, como elle tinha bebido de mais, ferrou num somno muito pesado. As moças foram, abriram o surrão e tiraram a menina que já estava fraquinha, quasi para morrer. Em lugar da menina, encheram o surrão de excrementos.



No dia seguinte, o velho acordou, pegou no surrão, botou ás costas e foi-se embora. Adeante, em uma casa, perguntou si queriam ouvir um surrão cantar. Botou o surrão no chão e disse:

Canta, canta meu surrão,
Sinão te metto este bordão.

Nada. O surrão calado. Repetiu ainda. Nada. Então o velho njetteu o cacete no surrão que se arrebentou todo e mostrou a peça que as moças tinham pregado ao velho, o qual ficou possesso."

Não sei si este conto tem alguma versão portugueza equivalente. Não a encontro nos *Contos Populares*, apesar de ser muito conhecido, quer aqui na Bahia, quer no Maranhão.

O facto de, no Brasil, não ser mais um conto de animal, não é motivo para'lhe recusar a origem africana.

Ellis refere que um conto africano em que a tartaruga consegue violar uma moça que tinha até então recusado todas as propostas de casamento/obligando-a, assim, a acceital-a por esposo, tem uma versão ingleza e americana equivalente, mas em que o violador é, não a tartaruga, mas um torto ou aleijado. Mas a explicação que alvitrou para semelhante transformação é de todo inadmissível. Para elle, o conto passou aos paizes inglezes da obra *Central Africa*, do missionário Bowmen que esteve por longos annos na Costa dos Escravos. E emite a supposição, gratuita, de que a substituição da "tartaruga" pelo "torto" tenha sido devida a algum indígena que fallasse o francez e tivesse trocado *tortue* por *tortu*, ou então tivesse sido essa a conclusão do colleccionador que achou impossível podesse uma tartaruga praticar estupro. A tal hypothese pode-se objectar, primeiro, que os contos populares de um povo não procedem de livros de sciencia; segundo, que substituições analogas são encontradas em grande numero de outros contos.

Nada se oppõe a que, de facto, o missionário Bowmen tivesse raciocinado por aquelle modo e dado a versão ingleza pela africana. Mas, ainda assim, o conto inglez pode perfeitamente ter sido originário da Africa, apesar das modificações que soffreu com a transplantação. A Inglaterra, nação antiga e altamente colonisadora, está neste particular nas condições de Portugal, que, como observa Sylvio Romero, bem pode ter recebido da Africa grande numero dos seus contos populares.

*Essa circumstancia não deve, de facto, deixar de pesar na determinação da origem e procedencia dos nossos contos populares'. Um conto nosso, o da *Madrasta*, que a Celso de Magalhães e Sylvio Romero deu largos motivos para duvidar e debater sobre a sua origem portugueza ou brasileira e que o ultimo acabou considerando definitivamente aryano, "porque tem similares nas colle-



ções de contos anonymos indo-gennanos", possui equivalente africano, pelo menos nas suas idéas fundaméntaes da transformação em planta que falia e denuncia o crime, e na resurreição da victima.

Como é muito conhecido o conto da *Madrasta* que se acha publicado nos *Contos Populares* apenas darei aqui o conto africano, segundo o encontro em Ellis:

"Havia dous rapazinhos, irmãos, que sabiam e contavam os contos populares do paiz tão bem que eram muito procurados para as occasiões de festas. Um dia pediram que elles fossem a uma festa de visinha aldeia e a mãe deu-lhes permissão para isso Chegaram á aldeia onde todos estavam reunidos para a festa e cantaram e tocaram os seus tambores com tal galhardia que foram generosamente recompensados. Deram mil cawries a cada um, além de comida e bebida em abundancia. Na manhã seguinte, deixaram que elles voltassem para casa. Na volta, o mais velho, cobiçando os mil cawries do mais moço, levou-o para as mattas e assassinou-o. Tirou os mil cawries, juntou aos seus e seguiu para casa. Como elle chegasse só, a mãe perguntou-lhe pelo irmão e elle disse que havia ficado atrás no caminho. Passou-se o dia, começou a cahir a noite e nada de chegar o rapazito. Então a mãe e os vizinhos sahiram a procurar o menino, mas o não encontraram. Procuraram ainda por muitos dias, mas sem resultado. Concluíram que alguém o tinha roubado para vender. Mezes depois, a mãe foi á matta colher folhas para meizinha e justamente foi ter ao lugar em que o filho tinha sido aßassinado. O cadaver da creança já tinha se desfeito e de seus ossos havia nascido um *olá* (cogumelo comestivel). O *olú* era tão grande e bonito que, quando a mãe viu, exclamou: "Oh! que bonito *olu!*" Ella já se abaixava para apanhal-o quando o *olú* começou a cantar:

Não me apanhes, mãe,
Não me apanhes, mãe,
Não me apanhes, mãe,
Sou humilde planta do chão.

Fui aos folgedos da aldeia,
Fui aos folgedos da aldeia,
Sou humilde planta do chão,
Deram-se mil cawries,
Sou humilde planta do chão.

Não me apanhes, mãe,
Não me apanhes, mãe,
Não me apanhes, mãe,
Sou humilde planta do chão.

Meu irmão recebeu mil cawries,
Meu irmão recebeu mil cawries,
Sou humilde planta do chão,
Mas elle me matou por causa dos meus cawries,
Sou humilde planta do chão.

t

Quando a mãe ouviu aquelle canto, correu para casa, foi chamar o marido e voltaram os dous á floresta. Assim que o homem viu o formoso *olá*, foi 'ogo estendendo á mão para apanhal-o, mas o *olú* cantou de novo:

"Não me apanhes, pae,
etc., etc.

O pae foi ter com o rei do paiz e contou-lhe o que se havia passado. O rei veio em pessoa ver o *olú*. Quiz colhel-o, mas o *olú* cantou:

'Não me apanhes, *obá* (rei),
etc., etc.

Então o rei fez vir á sua presença o irmão mais velho, que, ouvindo o que havia cantado o *olú*, confessou o crime. O rei sentenciou: "Assim como pegaste em teu irmão e o mataste, assim nós te mataremos. E o menino resuscitará." E, logo que o irmão mais velho foi morto, o mais moço resuscitou, como tinha dito o rei."





O "ASSASSINATO" DE ROBERTO FLÔRES

GASTÃO CRUES

En vérité, cette mort était un *assassinat*; car, sauf le cas de la démence, le suicide n'existe jamais: ce que la loi et le monde appellent la mort volontaire de quelqu'un est toujours l'œuvre d'autrui.

Charles Henry Hirsch — "Mimi Bigoudis".

H SDRUXULO e até mesmo censurável parecerá a muita gente que se intercale a tanta pagina frivola, um commentario sereno e grave sobre a morte de Roberto Flôres. Para tudo, entretanto, existe explicação e, si por não dal-a aqui, farei com que alguns dos meus leitores se conservem de sobrececho carregado, não me resta a menor duvida que, a existir uma outra vida, já a esta hora o meu amigo me terá absolvido com o mais indulgente dos seus sorrisos. E é tudo quanto eu quex

Facto ainda de hontem e que sobremodo calou no espirito publico, não só pela situação de prestigio que se fizera o poeta entre as rodas intellectuaes do paiz, mas também pelas condições excepcionalissimas em que occorreu o luctuoso acontecimento, torna-se de todo desnecessário recordar a sensação de espanto e dôr com que, ha um anno, celere se espalhou pela cidade a noticia de que Roberto Flôres puzera termo á existencia.

Não está também em mim dizer quem foi esse incomparável artista, que será sempre o orgulho de uma geração e era sem duvida



alguma a mais vigorosa organização litteraria que já me foi dado conhecer e admirar. Melhor do que se faria nestas rapidas linhas, visando a outro escopo, falem bem alto dos seus méritos as muitas e bellas paginas que nos legou esse talento de escól, que a um só tempo e com igual mestria, foi poeta e prosador dos que mais dignificam as nossas lettras.

Na verdade, de toda a sua obra, da "Frauta de Pan" ao "Livro de Alcibiades", das "Canções de Abril" á "Lampada de Aladino", resalta, harmoniosa e perfeita, a personalidade de um verdadeiro estheta, que viveu num eterno sonho de belleza e tinha a alma sensível ás mais subteis vibrações do universo.

Antonio Torres, com a acuidade critica e a elevação de pensamento que todos lhe reconhecemos, já disse, em estudo recentemente publicado, dos attributos que faziam de Roberto Flores não o verzejador vulgar, capaz de encobrir a sua inópia mental sob os ouropéis de um soneto de rimas ricas, mas um verdadeiro poeta, "mens divinior", como queriam os antigos, isto é, um sêr privilegiado e singular que, de olhos voltados para o Azul, se communica com o Invisível e mitiga a sêde de Infinito que existe em cada um de nós.

Si todos os seus escriptos rebrilham com igual fulgor, traido a excelsitude do engenho que os ditou, na individualidade artistica de Roberto Flores ainda havia uma outra faceta, de não menor seducção que as demais, e que eram os seus extraordinários dotes de eloquencia. Infelizmente, como já observou alguém, sendo a arte da palavra a mais bella é, comtudo, a mais precaria, visto que o orador traz cm si a sua obra, nutrindo-a com o calor ephemero de seu sangue e sensificando-a com a crispação fugaz de seus nervos. Eis porque, com a morte de Platão, em revoada única, presto abandonaram os jardins de Academo as abelhas que lhe volitavam em torno aos lábios, e já nunca mais, também, nos reunirá agora o enlevo de poder ouvir alguma dessas magnificas symphonias que eram sempre os discursos de Roberto Flores.

Os predicados oratorios eram tanto mais de apreciar no ensaísta do "Livro de Alcebiades" quanto é de todos sobejamente conhecida a raridade com que se associam num mesmo individuo os dons da palavra escripta e da falada. Assim, Cicero e Bossuet foram excepção maravilhosa entre a phalange dos grandes escriptores que jamais subiram a uma tribuna sem sentir desde logo as azas partidas.

Com Roberto Flores tal não acontecia e, si lhe balanceassemos as qualidades, é quasi certo que a eloquencia transcenderia as outras, tão precoce e pujante foi a sua eclosão, pois que muito antes que lhe brotassem da penna os primeiros versos, e quando era ainda quasi um menino, já elle attrahia a attenção de mestres



e colegas, na Faculdade de Direito do Recife, dada a facilidade com que, por qualquer motivo e sem a menor premeditação, sabia usar da palavra para discorrer sobre os mais variados assumptos, conquistando de prompto o auditorio.

Companheiro que fui seu desde os bancos acadêmicos, onde vinculamos os laços da mais fraternal amizade, estou entre os que mais se desmediram em applausos aos seus primeiros surtos oratórios, antevendo os triumphos que o esperariam a breve trecho, quando houvesse de se encontrar com o grande publico. Felizmente, si da sociedade do Rio ficou de todo desconhecida a graça dessa palavra imaginosa e refulgente, outro tanto já não acontece com a do Recife, que por muitos annos guardará o echo de alguns discursos e conferencias memoráveis, taes a sua oração de despedida aos collejas, por occasião da formatura, e as palestras litterarias que dedicou á individualidade de Joaquim Nabuco.

No dia, — mas eu não sei si esse dia chegará jamais, — em que, atravez das lagrimas que ainda choro pela perda do amigo incomparável, me fôr permittido descortinar com limpidez os inesquecíveis dias do passado, eu procurarei dedicar algumas paginas á gloriosa mocidade de Roberto Flôres, acompanhando-o *pari passu* durante os cinco annos de academia, quando lhe fui companheiro de "republica", e pude assistir ao rápido e maravilhoso desabrochar daquelle espirito de eleição.

Então, e só então, se poderá comprehender o quanto foi absurda a hypothese, entre tantas que se fizeram para explicar o tresloucado acto de Roberto Flôres, de que elle se havia suicidado para fugir ás emoções do discurso com que, naquella mesma noite, duas horas mais tarde, deveria receber, na nossa Academia de Lettras, o Professor Felicissimo Ventura.

O receio de fallar em publico! Mas isso seria a suprema vergonha para quem viera ao mundo pelas mãos de Polymnia e Erato e, com menos de vinte annos, já senhor da plastica da expressão, por muitas vezes subira á tribuna das conferencias ou arengara em comidos populares, dominando galhardamente o "monstro de mil cabeças", que para logo se rendia aos arroubos da sua palavra.

Só mesmo quem nunca tratou dous minutos com Roberto Flôres, o tempo precioso para conhecer, atravez da sua prosa viva e colorida, o orador de recursos inesgottaveis, com imaginação opulenta, retentriz possante, e raciocínio agil e profundo, tudo isso servido por uma cultura artística, litteraria e histórica das mais raras, poderia suppôr que elle se fosse amedrontar diante de um mero discurso acadêmico, no qual teria por único escolho a necessidade de entravar as caudaes da sua eloquencia, que estavam apenas a pedir um outro estuário sem a barragem das rígidas normas protocollares.



Embora estreitamente ligadas á recepção do Professor Felicissimo Ventura, as razões que levaram Roberto Flores ao suicídio tiveram uma origem muito diversa; e, ainda que me seja por demasiado penoso vir trazel-as a publico, incidindo, talvez, na inimizade de muita gente, a tanto me compelle a imperiosa obrigação em que estou de vêr rehabilitada a memoria do meu amigo.

E' bem possível que eu não me abalançasse a esse commettimento si as supposições urdidas em torno do trágico trespassse fossem todas á semelhança daquella a que já alludi e que, por muito pueril e inoffensiva, deixa de merecer attenção. Todavia, talvez por exigencias do publico, que só se compraz com os "furos" de sensação, não ficaram ahi os jornaes e, si a vida intima do poeta foi retalhada ao talante de todos os paladares, houve mesmo (piem, ultimamente, se não pejasse de fazer aleivosas insinuações sobre vicios inconfessáveis e infamantes perversões sexuaes que, quiçá, se lhe poderiam imputar, explicando, dest'arte, o tresvario do seu gesto.

E tudo isso por que? Porque Roberto Flores puzera termo á vida injectando-se uma forte dose de morphina e, já de uma feita, em versos dionysiacos, exalçara a belleza immortal de Narciso!

Mas volvamos os olhos de todas essas misérias para attender, com reflexiva serenidade, o único e verdadeiro motivo por que, do scenario das pobres lettras, tão cedo se alou o extraordinário artista das "Canções de Abril".

Roberto Flores fôra eleito menubro da Academia de Lettras e devia vir ao Rio tomar posse da sua cadeira, quando adoeceu gravemente no Recife e, a conselho medico, teve de se recolher por alguns mezes a um engenho llo interior do Estado, com prohibição taxativa de todo e qualquer trabalho intellectual.

No intuito de lhe trazer maior calma ao espirito, pois que elle muito se preocupava por vêr transferida, *sine die*, aquella solemnidade, amigos seus conseguiram obter, como já acontecera com Emilio de Menezes, que a Academia o recebesse entre os seus pares sem as ceremonias da pragmatica.

Ainda que penhorado a prova de tanta deferencia, Roberto não ficou muito satisfeito com essa solução e, assim que se sentiu de todo restabelecido, procurou uma oportunidade para vir apresentar-se aos seus collegas.

Tal ensejo apropositou-se pouco depois, com a abertura de uma vaga na Academia, e a consequente eleição do Professor Felicissimo Ventura, a quem Roberto Flores foi convidado para saudar, interpretando os sentimentos da communidade.

Era com justa impaciência que se aguardava essa festa, para logo annunciada sob os melhores auspicios, dado o excepcional relevo dos dous nomes que iriam receber a justa consagração aos



seus méritos. De facto, naquella mesma noite, seria permittido á sociedade do Rio o duplo prazef de travar relações com o auctor da "Lâmpada de Aladino", quç, até então, só pudera ser admirado atravez dos seus livros, mas cuja fama de orador eloquente já era conhecida de muito^ e de vêr também "sous la coupole", a figura austera e veneranda do Professor Felicissimo Ventura, sem duvida unia das mais altas glorias, da medicina nacional.

Roberto Flôres, que sempre tivera residencia em Recife, vindo ao Rio, apenas a passeio e sempre com tempo escasso, pouco conhecia da nossa vida e, por isso mesmo, quasi nada sabia do seu recipiendario. Entretanto, pelo que diziam os jornaes daqui, elle não ignorava que se tratasse de uma grande personalidade do nosso mundo medico, com subida representação no magistério e frequentes situações de relevancia na administração do paiz, tantas vezes lêra o nome do Professor Felicissimo Ventura, que nunca deixava de vir precedido dos mais encomiásticos adjectivos aos seus méritos: "o grande hygienista", "o sábio professor", "o reputado scientista"...

Sem outras preoccupações que não fossem a litteratura, Roberto não se espantava da sua ignorancia; mas, assim (pie recebeu a delegação da Academia, diligenciou por tratar mais de perto com o vulto que iria merecer o seu elogio, buscando conhecer os escriptos do Professor Felicissimo Ventura. Infelizmente, a proverbial pobreza das livrarias de provincia forçou-o a refrear a curiosidade, pois que em nenhuma encontrou qualquer trabalho daquelle professor.

Fiado, porém, nos seus recursos verbaes, Roberto não se deu pressa em vir para o Rio, seguro como estava de que, por maior que fosse a angustia do tempo, em pouco conseguiria todos os dados necessários ao seu discurso, desde que aqui jamais lhe faltariam fontes onde pudesse haurir o pensamento do Professor Felicissimo.

Foi com essa disposição de espirito que Roberto Flores desembarcou entre nós, precisamente oito dias antes da data marcada para a recepção da Academia, que já se lhe antolhava sob as luminárias de uma grande noite de triumpho.

Parece-me que ainda estou a vê-lo, estuante de alegria e mocidade, quando, poucas horas após a chegada, me dizia, entre sentido e irônico:

— Não ha duvida que eu preferiria receber um verdadeiro homem de letras, poeta ou romancista; mas, em todo o caso, é sempre melhor discursar para um grande medico do que fazer o elogio do Almeida Rabello ou do Conde Pereira Carneiro, o que, mais cedo ou mais tarde, se terá de dar, desde que prevaleça na Academia o critério dos expoentes.



Pobre amigo! A respeito das suas phantasias e previsões, uma terrível decepção o esperava aqui: o Professor Felicíssimo não tinha mesmo qualquer trabalho publicado. Debalde elle já percorrerá todas as nossas livrarias, não se querendo convencer do que facilmente se explicaria no Recife, pela penúria do meio. Todavia, eram unanimes as informações de todos os lados, pois que elle recorreu a collegas e amigos do recipiendariol "Não. Não conhecemos nada delle!". "Parece que elle ainda não publicou as suas obras"...

— E discursos? E conferencias? Seria possível que esse professor não tivesse, ao menos, a observação de qualquer caso da sua clinica, ou mesmo algum parecer sobre questões de saneamento ou assistência publica, de que diziam ser uma das nossas maiores auctoridades? inquiria Roberto, afflicto, vendo que tres dias já erri passados e ainda não lhe fôra dado lér a mais breve linha do Professor Felicíssimo.

Mas as respostas eram sempre as mesmas: "Não. Não conhecemos nada. Não ha duvida que elle já deve ter feito conferencias e não lhe faltaram occasiões para fazer discursos; mas, com é excessivamente modesto, provavelmente nunca se preocupou em vê-los publicados nos jornaes e, muito menos, reunidos em volume".

Apezar de tudo, Roberto não desanimou e, considerando que o Professor Felicíssimo era medico e lente da Faculdade de Medicina, lembrou-se de que, quando mais não fosse, devia ter, no minimo, theses de doutoramento e de concurso. E, certo de que havia finalmente dado no alvo, lá se foi elle com sofreguidão em busca desses trabalhos que seriam, no caso, o único mas, por isso mesmo, preciosíssimo veio a explorar.

Entretanto, ainda ahi, um novo desapontamento o esperava. O Professor Felicíssimo não tinha these de concurso, visto como coriseguira a sua cadeira na Faculdade por occasião de uma das muitas reformas por que, frequentemente, passa o nosso ensino. Quanto á these de formatura, essa, já pelo titulo, "Do tratamento cirúrgico das hemorrhoidas", ficava desde logo fôra de qualquer possibilidade de citação numa peça vasada em moldes acadêmicos e que deveria ser pronunciada na presença de senhoras.-

— Mas, o que é que eu vou dizer, Santo Deus?! Olhe que tenho apenas quatro dias diante de mim! exclamava Roberto, ancioso, cruzando o meu quarto em varias direcções, depois que lhe viera esse ultimo aborrecimento. Será summamente ridiculo que eu faça um discurso falando de tudo, menos <la personalidade do recipiendario.



— Homem... Você teve uma excelente lembrança. Vou hoje mesmo proçural-o. Na verdade, a quantos tenho extranhado a falta de obras do Professor Felicissimo, todos me falam nas suas muitas idéas pioprias, a respeito de magnas questões de interesse vital para o paiz, como sejam os vários poblemas de hygiene e assistência publica.

E eu logo, animando-o:

— Vae, que tudo se resolverá da melhor maneira. Duas ou tres dessas boas idéas te darão motivo de sobra para urdir uma bella peça oratoria. Isso do Professor Felicissimo não ter, até agora, publicado qualquer trabalho, não quer dizer nada. Tu sabes bem que ainda não está implantado entre nós o habito de escrever, e é mesmo de lamentar que a maioria dos nossos homens mais notáveis nas sciencias e nas letras morram quasi senipre sem ter tido tempo de legar o seu pensamento á posteridade.

Ainda nesse mesmo dia, á noite, Roberto foi ter á casa do Professor Felicissimo, que, já avisado da sua visita, o esperava com muita affabilidade.

— Pois é isso. Já estava ancioso por noticias suas, e cheguei mesmo a pensar que não desejavam mais receber-me, disse o professor a sorrir, depois que ambos trocaram os primeiros cumprimentos.

— Oh, o professor está a gracejar! De facto, uma serie dj circumstancias levou-me a adiar por mais de uma vez a viagem; mas, nesse meu atrazo, si ha alguma cousa a pôr em dúvida, não é o meu desejo de recebê-lo, mas, sim, si o poderei fazer condignamente, tão pouco é o tempo que tenho diante de mim. Si lhe disser que ainda não escrevi uma única linha do meu discurso...

— Mas, então, não estamos muito longe, pois que o meu também ainda não está prompto. E o Professor Felicissimo passou a queixar-se das suas múltiplas occupações, que eram de dia para dia mais absorventes e já lhe não deixavam lazer para cousa alguma. Felizmente, até aquella data, substituto como era, nunca lhe fôra necessário dar uma só aula na Faculdade, pois que, então, já não saberia mais como dividir o tempo entre as responsabilidades de uma clientela que augmentava sempre e o desempenho das suas altas funções administrativas.

— E, note-se que sou sempre muito previdente e não me tenho descuidado em absoluto do meu discurso, sendo que já ha mesnto muitos mezes me venho preocupando com o que hei de dizer. E' que, como pretendo defender algumas idéas próprias e bastante originaes, tive de estar colhendo, aqui e acolá, um certo numero de dados, afim de documentar algumas proposições mais ousadas, e tudo isso não se faz sem tempo e sem trabalho.



— Mas, pelo que vejo, o seu discurso já está quasi prompto, e, como para mim o que mais interessa é conhecer-lhe as idéas, si o Sr. quizesse ter a bondade de me mostrar o que já está feito...

— E' o que não lhe posso fazer ainda hoje, por signal que já muito me aborreci com isso. Não vê que o confiei a um dos meus discípulos, para que o lêsse e fizesse a revisão, e elle tem-se dembado mais nesse trabalho do que eu suppunha. Ainda hoje, mal soube da sua visita, telephonei-lhe logo, avisando que precisava dó discurso, mas elle disse-me que só amanhã poderia trazel-o, visto como ainda tem umas duvidas sobre uma trapalhada de crase de *aa*, de que nunca ouvi falar.

— E si o professor me fizesse, ao menos, um resumo das idéas a que já se referiu. Talvez que, assim, pudéssemos ganhar tempo, lembrou Roberto com certo acanhamento.

— Ah, por esse lado não ha duvida. Faço mais até... E o professor levantando-se e encavalgando os oculos no nariz, passou a remexer a papelada contida na gaveta de uma mesinha próxima.

— ... Vou dar-lhe até uma copia das tres idéas principaes, em torno das quaes girará todo o meu discurso. Já achei... Está aqui... disse elle chegando um papelucho para mais perto dos olhos. Aliás, foi uma nota perfeitamente igual a esta que eu dei também ao Antoninho Falcão, o discípulo de que já lhe falei, para que elle desses pensamentos arranjasse então o discurso, bordando umas phrases bonitas em torno. Entende bem a minha lettra?

— Pois não, professor. O Snr. desmente até a fama da má calligraphia de que gozam quasi todos os médicos. E sem levantar os olhos do recorte de papel, Roberto leu em voz alta os seguintes pensamentos:

" O problema do saneamento do Brasil deve interessar a todos os bons brasileiros;- pois que é a pedra angular sobre a qual assentam os alicerces do magestoso edificio da nossa nacionalidade. "

" Conheceis o que penso a respeito do complexo problema da assistência publica, que entendo não se deva limitar apenas ás installações nosocotpiaes, mas ao" serviço de soccorros higienicos, alimentares, pharmaceuticos e médicos a domicilio. "

" A Iiygiene, essa filha da Medicina, já é hoje o arrimo de sua mãe, e ha de viver muito bem sem ella mias tarde. "

— Não lhe parece que fui feliz? atalhou o Professor Felicissimo, radiante de contentamento intimo. Eu creio que com essas idéas se pôde fazer uma cousinha bonita. Sobre o saneamento do



Brasil, já muita coisa se tem dito por ahi, mas eu penso que ninguém, até agora, tenha concretizado em tão poucas palavras a verdadeira maneira por que se deve encarar esse momentoso problema. Depois, o Antoninho é um rapaz muito geitoso e que tem bastante queda para as letras, de modo que saberá tirar partido desses pensamentos, intercalando-os de algumas citações mimosas.

— Sim... Sim... concordou Roberto, pigarreando em secco. As citações dão muita graça ao discurso...

— São as passas do discurso. E' como eu digo sempre. Bôlo sem passas perde todo o sabôr. Eu recommendei mesmo ao Antoninho que escolhesse uns tres ou quatro escriptores de nacionalidades diversas, pois que assim as citações terão um outro relevo. Elie disse-me que já achou meios de encaixar tres: uma de Victor Hugo, outra do padre Antonio Vieira, e outra de um escriptor inglez que está agora muito em voga... Menelik... Benedict... não sei bem.

— Ha de ser Meredith, o grande romancista inglez.

— E'. Deve ser isso mesmo. O Antoninho me disse até que elle tem um estudo sobre abelhas, que já foi traduzido para o portuguez.

— Ah! Mas, então, é Maeterlinck, um belga.

— Justamente. Meter...

— ... linck. Maeterlinck.

— Maeterlinck, Maeterlinck. .. Eu preciso ir me habituando a dizer esses nomes tão arvezados, senão, no dia, me atrapalho.

— E sobre o seu antecessor, conta fazer um estudo muito completo?

— Ah, essa parte, que é mais de litteratura, ficou inteiramente entregue ao Antôninho. Apenas eu tenho, também, nesse ponto, umas idéas próprias, que desêjo muito sejam aproveitadas.

O professor Felicíssimo expoz, então, a Roberto o que chamava a "reivindicação dos titulos honoríficos". Elie se não podia conformar com esse péssimo e desrespeitoso habito existente entre nós de chamar os escriptores apenas pelo nome, supprimindo os titulos a que tinham muitas vezes direito. Assim, fazia-lhe mal vêr pronunciar os nomes de Euclides da Cunha e Raymundo Corrêa *tout court*, sem o "Dr." que lhes fira incontestavelmente devido, pois que um fôra magistrado dos mais Íntegros e o outro engenheiro muito competente. E o caso, então, de José de Alencar? Não irritava lêr na lombada de todos os seus livros apenas o seu nome, como si se tratasse de um João Ninguém, quando todos deveriam dizer: Dr. Senador José de Alencar?



— Não. O seu a seu dono. Das minhas prerogativas é que não abro mão. Que aquelles que não tenham título algum se contentem apenas com o uso dos seus nomes, como é o caso de Olavo Bilac. A esse, aliás, com um pouco de bôa vontade, se poderia dar também o tratamento de Dr., pois que frequentou por algum tempo a nossa Faculdade, terminou-o professor com paixão, agitando no ar o indicador direito, em que fusilava uma grande esmeralda, rodeada de brilhantes.

O Professor Felicissimo abundava ainda nas mesmas considerações, quando o telephone tilintou, e elle pediu permissão a Roberto para chegar ao aparelho.

"Allô! Allô! Sim. E' o Professor Felicissimo. E' elle mesmo que está falando. Ah! Sim. Muito obrigado. Pois não. Mas, qual é dellesinhos? O Arthur ou o Alfredinho? Sim... Sim... Pois não. Mas são seccas? Sim... Sim... Vo,mitos não tem, não é? Sim... Sim... E são muito fétidas? Sim... Sim... Não. O melhor é eu ir até lá. Sim... Sim... Até já."

—• Está vçndo? Já temos que interromper a nossa palestra. E' um doentinho grave, filho de um dos meus melhores clientes, que não posso deixar de anender. Parece que está comi uma crise appendicular.

— Pois não, professor. Não se constranja por minha causa, disse Roberto levantando-se.

— Não. De maneira alguma. Aliás, eu creio já lhe ter fornecido alguns elementos interessantes, de que o Sr. saberá tirar proveito com o seu reconhecido talentô. Todos me dizem que o Snr. é um poeta tão mimoso... Infelizmente, com essa minha terrível falta de tempo, confesso que ainda não pude lêr nenhum dos seus livros. Olhe. Alli está o meu Casimiro de Abreu, que não sei ha quanto tempo não abro, mostrou o Professor Felicissimo, apontando para uma pequena estante que ficava justamente atraz da cadeira em que estivera sentado, e que, por isso mesmo, Roberto ainda não vira.

Já de chapéu na mão, Roberto aproveitou para ir passar os olhos nos livros dessa estante. Eram poucos e, assim mesmo, quasi todos de medicina. Havia, porém, um acervo de jornaes velhos, theses, almanaques, relatorios e annuarios dispostos sem a menor ordem.

— Ah! não está tudo, observou o Professor Felicissimo, vendo o interesse com que Roberto examinava a sua bibliotheca. Tenho ainda um outro tanto no meu gabinete de trabalho, que agora está servindo de quarto para o meu filho casado, que chegou do interior. Como elle já está aqui ha mais de um anno e não sabe



ainda quando regressará, passei para esta saleta os livros que me eram mais necessários. Mas, o Sr. ainda terá oportunidade de voltar a esta sua casa, e eu, então, lhe mostrarei a outra parte dos livros, onde tenho uma bonita collecção de Jorge Ohnet, o romancista da mínhí predilecção.

— E de Anatole France, não gosta? perguntou Roberto, segurando um exemplar da "Revolte des Anges", que lhe cahira sob os' olhos.

— Homem... Eu não digo isso a todo o mundo, mas, confesso que o acho um pouco chinfrim. Pelo menos, não é um romancista.

— E o "Lys rouge"?

— Esse, não conheço.

— Pois é um romance perfeito, que poderia servir de modelo a qualquer grande escriptor.

— Hei de vêr, então, si o leio, para modificar a minha opinião. Sabe o que são gostos...

— Lá isso é verdade, tornou Roberto com um sorriso triste.

— Como é mesmo o nome? "Lits... As camas mermelhas", não é?

— Não. "Le lys rouge" ou "O lyrio vermelho", si quizer.

— Ah! sim. Está muito bem. Pois volte, então amanhã, que, sem falta, já o Antoninho ha de ter trazido o discurso.

E quando Roberto se achava na porta:

— E' verdade. Amanhã eu lhe darei umas notas biographicas, com a data do meu nascimento, collegios em que estive e onde forhieí o meu espirito, anno em que entrei para a Faculdade, e a lista de todos os cargos públicos que já tenho exercido, como praticante de telegraphista, amanuense dos correios, interno do Hospital de Marinha, preparador do Museu... Mas a lista é grande, e só vendo isto com cuidado. Hei de também procurar os elogios que, por meio de officios e circulares, sempre recebi do governo, pela maneira zelosa por que me desobriguei de todas essas funcções, algumas bastante espinhosas. Tudo isso são dados interessantes, de que o Sr. poderá tirar partido.

Corno era natural, Roberto não ficou satisfeito com o resultado dessa entrevista e, logo'na manhã seguinte, procurava-me para relatal-a e perguntar-me, por duas ou tres vezes, em estado de nervosismo que eu nunca lhe conhecera:



— Mas, como é que eu me vou tirar dessa situação? Olha que já é daqui a tres dias a solemnidade...

Certo de que elle saberia triumphar de todas essas difficuldades, encontrando qualquer feição por onde pudesse ser estudada a individualidade do Professor Felicissimo, não me preoccupei muito com a tribulação em que o via, e, na manhã seguinte, parti para Friburgo, onde me chamavam negocios.

De lá só pude regressar ao outro dia, justamente na noite em que se devia realizar a recepção na Academia; mas, quando saltei nas Barcas, prompto para vestir a casaca e correr apressado ao syllogeu, já um portador me aguardava com a noticia do suicídio de Roberto Flôres.

Desventurado amigo! A tanto o levaram as idéas próprias do Professor Felicissimo Ventura.





IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES.

O MAPPA GEOLOGICO DE BRANNER.

MIGUEL ARROJADO LISBOA

(Conclusão)

AIDÉA da publicação de um mappa geologico do Brasil occorreu ao Prof. Branner por occasião da sua primeira viagem ao Brasil em 1874, quando aqui aportou com o malogrado Hartt. Dessa feita permaneceu no Brasil seis annos e percorreu-o do Amazonas ao Rio, inclusive o Estado interior de Minas.

Regressando á America, em 1880, nesse mesmo anno voltou novamente a esta terra, entendendo as suas explorações aos Estados do Sul e a Matto Grosso, que ficou conhecendo até Diamantina, para voltar á America em 1883. Dahi em diante fez mais quatro explorações, até 1911, para completar as suas observações. Sommadas as varias estadias, vae por mais de dez annos a sua permanência effectiva neste paiz, que percorreu e conhece tão bem como os seus melhores perscrutadores.

Com a probidade caracteristica de todo homem de real saber e com habito das investigações próprias, senhor portanto das difficuldades em vencel-as, por isso respeitador do trabalho e do alheio mérito, o Prof. Branner não somente nesta, mas em toda a sua obra, leva a sua meticulosidade ao ponto de sempre referir todas as suas fontes de contribuição, mesmo as de menor valor.



E' exemplo para ser imitado por muitos dos nossos escriptores de sciencias, principalmente quando invadem campos alheios á sua especialidade, pois, nesse caso, do simples confronto das fontes de informação, se avaliará, com facilidade, do critério, em que se conduziram na invasão. Fazendo o retrospecto dos trabalhos congêneres anteriores, Branner enumera todas as oito impressões de mappaes geologicos do Brasil até hoje conhecidos.

Dessas apenas duas realmente merecem referencias especiaes, por representarem esforços originaes: o primitivo mappa de Foeterle de 1854 e o de Berghaus de 1892; os demais são simples reproduções deste ultimo em escalas diferentes, sem outros accrescimos e para fins escolares ou então com aproveitamento das novas contribuições, mas, ordinariamente sem o necessário discernimento scientifico, por isso sem valor, pela impossibilidade de se discriminar o certo do inveridico.

O mappa de Foeterle tem para nós hoje apenas um interesse historico, mas esse é bem grande. Primeiramente elle mostra o estado dos conhecimentos geologicos na America do Sul, de accordo com a sciencia geologica do tempo, depois das grandes viagens, ao nosso paiz, de Humbolcít (1800-1803), von Eschwege (1811-1822), von Spix e von Martius 1817-1820), Pohl (1817-1821), Sellow (1815-1831), D'Orbigny e Osery (1826-1833), von Helmerreichen (1830-1851), Darwin (1830), Garder (1836-1841), Pissis (1841), Castelnau e Chevalier (1843-1847), Wallace (1848-1852), von Tchudi 185-); em segundo lugar também o seu valor historico está em ter 'sido o primeiro mappa do Brasil onde vêm representados, em conjuncto, os progressos geographicos resultantes dessas explorações notáveis; elle synthetisa, pois, o estado dos novos conhecimentos geographicos em 1854. As notas que margeiam esse mappa são do cônsul Sturz, uma das figuras mais interessantes de estrangeiro apaixonado pelas coisas do Brasil naquella época (25). Em grande parte esse mappa geologico é ideal.

O mappa geologico de Herman Berghans, da conhecida collecção de cartas physicas do mundo, na parte referente ao Brasil, é da autoria de Derby, embora não traga o seu nome, e sobre elle foram calcados os posteriormente publicados, representando o Brasil em conjuncto. Das cartas escolares a de Theodoro Sampaio é a de melhor autoridade.

O actual mappa de Branner engloba todo o trabalho geologico comprehendido em cerca de um século de explorações, a partir da viagem de Martius, e, como mappa geologico é a primeira real contribuição apparecida depois de publicadas as cartas physicas de Berghaus.

O mappa de Foerle, na escala de 1 por 833.333,333 em que foi confeccionado, pela deficiencia dos dados existentes representava



de um modo inteiramente ideal a maior parte desconhecida do Brasil de então. Assim, o primeiro mappa geologico realmente representativo dos conhecimentos adquiridos é a publicação de Berghaus, de 1892; o actual mappa de Branner é ura segundo passo dado sobre aquelle, mas passo consideravelmente grande, e que em relação ao mesmo se pôde computar pela differença que vae da sua escala de 1 por 15 milhões para a de 1 por 30 milhões da escala do de Berghaus.

Embora o mappa de Branner de 1919 apresente 13 subdivisões geologicas, apenas mais duas que o de 1892, fácil é verificar que ^v elle grapha um considerável progresso nos conhecimentos geologicos do paiz, realizado nos 18 ou 20 annos que medeiam as respectivas impressões.

No mappa de 1892, Dei4>y figurou como secundaria e preponderantemente cretacea, a maior area do Brasil, situada¹ entre os paralelos de 2^U e 15° sul e os meridianos 37° e 63° Greenwich, isto é, abrangendo uma considerável parte da bacia Occidental do S. Francisco em Minas e Bahia e a maior parte das areas dos Estados de Goyaz, Matto Grosso, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauihy e grandes extensões do Ceará, Parahyba e Pernambuco. O terreno mezozoico e preponderantemente o cretáceo, eram pois, pelos conhecimentos de 1892, tidos como os terrenos característicos dos chapadões interiores, os mais typicos e generalizados no paiz. Era 'isso uma concepção, sabemos hoje, que generalisara desde a determinação dos peixes de Araripe descobertos por Gardner, e que principalmente se firmara com as próprias vistas de Derby depois das suas viagens ao São Francisco; a supposição de uma completa horizontalidade dos sedimentos que constituem as partes altas das nossas chapadas e a sua uniformidade apparente muito contribuíram para essa concepção.

O mappa de Branner mostra claramente esse engano e deixa evidente que o terreno permocarbonifero deve hoje ser considerado como o mais característico do paiz, a formação typicamente brasileira, não sómente pela extensão considerável da sua superficie de aforamento, mas ainda por constituir, como no Estado da Bahia, uma grande parte do sub-solo apenas capeado pelo cretáceo. Os trabalhos'que permittiram esclarecer a occorrecia dos terrenos permianos, na area supposta cretacea, no centro e norte do paiz, foram os do proprio Branner (69) e os do autor deste escripto (70). Assim a feição principal do novo mappa de Branner consiste na discriminação do permiano do norte até o sul e eliminação da generalisação que anteriormente tivera lugar com o cretáceo.

Tem este f?cto uma grande significação de valor economico. Primeiramente a circumstaucia de constituir o terreno permo-



carbônico uma faixa continua do sul ao norte, do Uruguay ao atlântico, no Piauí, com um grande desenvolvimento lateral no Brasil central, abre a possibilidade ás pesquisas de jazidas de carvão pela maior extensão do Brasil do Sul ao Norte; em segundo lugar está verificada a persistência invariavel da occorrença do schisto betuminoso incluído no permiano, tanto no sul (71) como no norte (72), e portanto aberta também a possibilidade de pesquisas em procura de óleo em a maior extensão do paiz.

Também, no novo mappa, Branner discriminou as rochas eruptivas pre-cretaceas, o que não fizera Derby por falta de elementos e devido á escala do mappa de Berghaus. Estas são constituídas principalmente pelos derramamentos angito-porphiríticos do sul, a rocha que se decompondo dá a famosa *terra roxa* e também as alcalinas ou vulcanicas antigas, as nephelínicas de Caldas, Tinguá, Cabo-Frio, Fernando de Noronha, etc. No mappa de Berghaus, Derby representou englobadamente, no Sul o cretáceo e triássico notando apenas que neste ultimo occorriam eruptivas.

Mas além disso, Branner discriminou agora, no terciário, o plioceno e o eoceno, e separou também o permiano superior do inferior e ambos do carbonífero, que Derby englobara na divisão geral do paleozoico, apenas destacados os folhelhos contendo a obra *glossopteris*, porque mais não permittiam os conhecimentos do tempo. Alas, tanto o siluriano, como o devoniano do Amazonas, já perfeitamente reconhecidos em 1892, no mappa anterior, tinham sido também englobados na divisão geral do paleozoico; ficaram esses terrenos, agora, discriminados separadamente no novo mappa.

Outra feição característica do novo mappa, em confronto com o de 1892, é a discriminação, na faixa littoranea do norte, dos tres sedimentos que ali se alternam: o cretaneo, o mioceno e o plioceno que na Bahia se ramificam e internam-se para o norte até o interior de Pernambuco.

Sob cerca de 32 grãos quadrados de superficie, pouco menos da sexta parte do paiz, não existe uma só observação geologica fidedigna: Branner deixou-a em branco. Ficam assim, para estimulo dos que desejem desbravar uma parte do nosso interior ainda desconhecido; é pouco em relação ao terreno já conquistado.

De um modo geral, porém, é muito confortável a nós outros, o estudo comparativo feito nos dois mapps, do progresso geologico realizado nos 27 annos que os separam, e sobretudo agradável ao nosso amor proprio de brasileiros, verificar que ha uma valiosa contribuição de geologos nacionaes sahidos da Escola de Minas de Ouro-Preto, conforme se evidencia do *Resumo* da Geologia do Brasil que o Prof. Branner redigiu especialmente para acompanhar o seu mappa.



Eis ahi um precioso trabalho onde o Prof. de Stanford esclarece todas as duvidas que o acompanharam "na confecção do mappa e em abundante bibliographia resume as principaes fontes de informações. Constitue esse *Resumo* um precioso guia para o geologo que pretender estudar qualquer região do paiz. Está dividido em duas partes; na primeira vem um esboço da geologia stratigraphica. segundo os vários terrenos constitutivos da columna geologica representada no mappa; na segunda vem o resumo da geologia tanto geral como economica dos Estados separadamente para cada um delles e com a respectiva bibliographia.

Independentemente das suas observações de campo e das suas valiosas contribuições á geologia do Brasil, devemos nós geologos ao Prof. Branner mais dois volumes de um inapreciável valor para os estudiosos. O primeiro é a sua *Bibliographia Geologica* (72), publicação indispensável a quem pretenda se occupar da nossa geologia e quizer estar ao corrente dos autores da respectiva litteratura; o segundo é a *Geologia Elementar* com o seu resumo final da geologia do paiz, livro que tem tido uma influencia muito maior no ensino dessa sciencia, aqui, do que geralmente se presume.

Todas essas publicações têm sido feitas no interesse da divulgação da sciencia entre nós e mostram, de uma maneira conclusiva, que o Prof. Branner sempre votou á nossa terra e ao nosso povo uma dedicação bem grande e a que não estava obrigado pelo simples estudo das nossas cousas e do nosso paiz.

Reflectem essas publicações alguns dos traços característicos da sua individualidade. O prof. Branner sempre foi methodico no seu trabalho e perfeitamente claro no traduzir seu pensamento scientifico; por isso, e pelo amor que tanto vota á sciencia como ao homem em geral, sem duvida é que nos informa o Prof. Star Jordan (73): "foi Branner um dos professores, de geologia de "maior successo, jamais conhecido nos Estados Unidos e um "dos mais estudiosos e fruetiferos investigadores."

O seu pendor em attender o lado utilitário das suas investigações, sem prejuízo da sciencia, -ao contrario, delia tirando todo o partido possivel, dá um grande realce á sua obra scientifica. Não tinha esse precioso dom o seu patricio e companheiro de trabalho entre nós, Orville Derby que tendo realisado sem duvida uma obra scientifica considerável, talvez a maior, no campo geologico, até hoje emprehendida aqui, não nol-a transmittiu integralmente nem lhe deu a forma definitiva indispensável á sua perpetuidade, como contribuição do seu tempo.

Um facto da vida de Branner mostra a intuição pratica que tinha das cousas; relata-o Mrs. Susane Branner (74). Teve lugar quando foj geologo do Estado em Arkansas, entre 1887 e 1892, por



ocasião da grande especulação ali havida com os títulos de minas de ouro. Chegado ao campo, para onde fôra enviado como technico official, verificou Branner a fraude de muitas empresas e a nenhuma base de outras; declarou-o de prompto e com inflexível energia. Sofreu com isso formidável reacção da parte dos especuladores e uma campanha pessoal lhe foi violentamente declarada. Soube manter-se na sua posição, e ao fim de cinco annos, o geologo mostrou ao povo de Arkansas que si o Estado não tinha o ouro na medida sonhada, possuia muitas outras riquezas das quaes uma só, os extensos depósitos de *banxita*, os primeiros encontrados na Norte-America, valiam muito mais do que o ouro cubiçado. Mostrou também o real valor que tinham as outras jazidas, as de prata, ferro, manganez, chumbo, plíosphatos, etc. Ao fim de mais alguns annos os seus serviços foram reconhecidos valiosíssimos e as suas pesquisas geologicas já tinham valido ao Estado milhões de dollars.

Essa intuição pratica das cousas torna-se saliente no *Resumo da Geologia* que acompanha o mappa. Dá-nos ali primeiramente um apanhado mostrando o estado dos conhecimentos geologicos em relação a cada um dos sedimentos já reconhecidos da columna geologica do paiz, e fal-o seguir de uma apreciação relativamente aos productos de valor economico contidos em cada um desses terrenos e de existencia verificada em nosso paiz. Depois faz o resumo da geologia geral e economica dos differentes Estados do Brasil.

Enfeixou, assim, em cerca de 150 paginas, q estado actual da sciencia geologica entre nós; expondo as suas duvidas, discutindo as observações e explanando-as com notável clareza, deixa nessas paginas, aos investigadores futuros, muito a entrever dos problemas geologicos que estão a pedir solução.

O Prof. John Cásper Branner deve realmente estar possuído de uma grande satisfação ao ver publicado, nas linguas de ambos os paizes, na do seu e na do nosso, em inglez e portuguez, esse trabalho que representa um considerável esforço de toda a sua vida, pois, com isso prestou á sciencia geologica brasileira mais um grande serviço, a acrescentar aos muitos que já lhe deu.

Possam os nossos governos comprehender a extensão e a sinceridade dás palavras com que abriu o seu trabalho e que aqui agora fecharão este meu.

Assim se exprimiu o Prof. Branner no seu Prefacio:

" A reunião dos dados para um mappa geologico do Brasil
" foi por mim principiada no anno de 1874, quando cheguei

“ áquelle paiz pela primeira vez, e tem sido continuada até
“ hoje, de accordo com as oppportunidades offerecidas. Pode-
“ se pois dizer que o prepara e o estudo desta matéria e a
“ elaboração do mappa têm occupádo uma parte considerável
“ de uma vida inteira.

“ Os dados representados no mappa e expostos no texto
“ são agora publicados pela Geological Society of America
“ principalmente como uma contribuição para o conhecimento
“ da geologia da America; mas, por minha parte, o faço na
“ intenção de serviço ao povo brasileiro com o qual tenho
“ convivido tantos annos, com o qual tanto sympathiso, e
“ pelo bem estar do qual me acho profundamente interessado.

“ Constitue um dos maiores prazeres da minha vida o
“ haver podido contribuir desta maneira para o conhecimento
“ da geologia do paiz onde principiei minha carreira profis-
“ sional.

“ Apoz uma vida dedicada principalmente ao estudo activo
“ da geologia e á direcção de estudos geologicos, seria uma
“ omissão do meu dever para com o Brasil, o não aproveitar
“ a occasião para insistir junto aos estadistas brasileiros,
“ sobre a grande necessidade de uma forte animação e de
“ apoio aos estudos scientificos da geologia por parte dos
“ governos estadoaes bem como do governo federal. Na geo-
“ logia, tanto como nas outras matérias, a sciencia mesma
“ tem de proceder á applicação da sciencia; e s io desenvol-
“ vimento dos recursos mineraes do paiz não for baseado no
“ conhecimento scientifico da geologia, inevitavelmente dahi
“ resultarão perda de esforços, perda de dinheiro, e o atrazo
“ do progresso nacional, inseparavel de methodos fortuitos. ”

(69) *J. C. Branner.* — The Estancia beds of Bahia, etc. *Amer. Journ. of Science.* 4th Vlo. XXXV. June 1913. pg. 619.632.

David White. — A new fossil plantf from the State of Bahia. Stranford Spedition. *Amer. Journ. of Science.* Vol. 35.

70) *Arrojado Lisboa.* — Permian Geology of Nothern Brazil. *Amer. Journ. of Sci.* May 1914. pgs. 425-433, ver pgs. 442 e 443.

(71) *I. C. White.* — Kelaton'o final. Obra citada, ver pgs.

Arrojado Lisboa. — Permian Geology, obr. cit. ver pag.

(72) *J. C. Branner.* — Bibliography of the Geology, Mineralogy and Paleonthogy of Brazil. — *Bui. of the Geological Society of America.* Vol. 20, pgs. 1-132 Febr. 1909.

(73) *prof. Star Jordan.* — Carta referida.

(74) *Susan K. Branner.* — Outlines of the life of John Gasper Branner. Manuscripto. 1920.





O JARDINEIRO E O COVEIRO

DE braço dado, ao luar, pela alameda escura,
passam dois vultos carregando enxadas...
Na face de ambos vê-se a mesma desventura.
F atrás delles, no chão, exaggeradas,
as duas sombras, que o tamanho desfigura,
vão carregando enxadas, abraçadas...

*Um é tão velho, que anda perto de cem annos;
dos olhos vagos sáe-lhe vago brilho.
O outro é tão joven, que, apesar dos desenganos
lhe haverem posto á face esgares sobrehumanos,
dir-se-ia que é seu filho.*

*Como porém são muito amigos na verdade,
conversam nesse tom de larga intimidade,
próprio das almas infelizes
que têm no coração as mesmas cicatrizes...*

*O barbilongo velho é jardineiro,
e passa os dias sob as arvores, cantando...
O moço fúnebre é coveiro,
e passa os dias, ao envés do companheiro,
abrindo covas fundas, sepultando...*

*Vae discorrendo o velho sobre flores,
Com a eloquencia feliz dos homens soffredores.
O silencio de em torno é o de um valle profundo.*



*E o echo repete além trechos de frases, a esmo,
dando a impressão de um louco vagabundo
que dissesse, em vos alta, uma coisa a si mesmo...*

*Súbito, o velho pára. E, através de uma fronde,
põe-se a mirar a lua; o mancebo medita.
Depois, no hombro do moço a cabeça descança,
ê, agora, já não olha a amplidão infinita:
contempla as duas sombras abraçadas,
tristes e immensas, carregando enxadas...*

*E fas esta pergunta ao joven companheiro:
"Disc-me cá, tu que és coveiro:
acreditas acaso na outra vida?"*

*Pensa o moço, voltando os olhos para a fronde,
de uma gaze de luar levemente envolvida.*

Todo coveiro ê pensador quando responde.

*E é assim que fala ao jardineiro antigo:
"A outra vida... si existe? E' a única vida, amigo!
A terra não é mais que um logar de sitpplicio.
O homem vem para aqui: si está purificado,
passa sem commetter o minimo peccado,
porque não sente essa attracção do vicio,
que é a tortura de todo condemnado..."*

*E o velho? cm cujo olhar a duvida ressuma:
"—Já que o teu cranço encerra
o que busco saber e não consigo,
dise, ó coveiro, cm summa,
porque andamos tão tristes pela terra,
todos nós, bons e maus? A tristeza é um castigo.
Mas Deus castigará maus c bons, meu amigo?"*

*E o coveiro, a sorrir: "A tristesa da gente!...
Ai! a humana tristesa incomprehendida!...
Para mim, não é mais que a saudade inconsciente
dessa outra vida..."*



"Dá-me pois uma prova — exclama o jardineiro —
tu que falas do além com tanta calma,
como eu falo das flores de um canteiro:
dá-me uma prova da existencia da alma.
Não creio nella: eu ando á noite tão sósinho...
Justo era que encontrasse alguma no caminho...
Nada! Topo somente, e nos mesmos tohares,
um gato, uma coruja... E, ás vezes, pelos ares,
algum perdido vagalume...

E o coveiro, depois: "Tu já viste o perfume?
Pois elle existe, amigo. Assim, a alma da gente,
Ninguém a vê, mas todo mundo a sente.

— "Então, queres dizer que si eu morresse agora
poderia cncontral-a na mesma hora?
Não, ingênuo coveiro! E' falsa essa doutrina:
o que o jardim ioda manhã me ensina
é que a flor que fenece,
seja a mais bella flor, apodrece,' apodrece..."

Separam-se. E, no chão, as sombras afastadas
movem, como elles dois, a folha das enxadas...

Mas o velho estremece, de momento.
E, em tom profundo,
como quem visse, em pensamento,
alguma coisa do outro mundo,
pergunta, pondo a mão no hombro do companheiro:
"E si eu morrçsse agora, meu coveiro?"

— "Eu faria de ti, jardineiro descrente,
o que farias tu de uma semente:
no teu jardim cheio de calina,
plantaria o teu corpo. E, milagrosamente,
havia de colher no ceu tu,'alma..."

CLEÔMENES CAMPOS.

J A R D I N S

Para Ilka Carneiro da Cunha

Num discreto jardim,
A's vezes, scismo.
Meu pensamento é o abysmo
De um dorido sem fim
Do remoto paiz do nunca mais...
Eu scismo em coisas irraes
E cm mim,
Na alluvião das lagrimas 'furtivas,
Vicejam os rosaes,
Os rosaes da saudade e da illusão.
Extincto o pranto,
Logo os rosaes fenecem
Na solidão,
Emquanto,
Ironia cruel, — espinhos apparccem!
Os sonhos relembrando,
Vejo, cm meu coração, jardim fechado,
Outras flores que, aos poucos, vão murchando,
E aqui e ali, muito canteiro abandonado.
As fontes de aguas vivas,
Que lhes deram frescor,
Dos odios sem remédio!
Estão nascendo os cardos vis do tédio...
Antes me fôra roseiral a crus,
Aberta cm chagas,
Da mais pungente dor.
Em vão, saudade, o peito meu alagas
De indizível dulçor,
E tentas mitigar,
Com a luz do teu olhar,
Cruéis lembranças de perdido amor.
Por infelicidade,
Dos minutos na rapida corrente
A morte veio e foi ceifando
As flores, que eu tratara,
Mais carinhosamente.
Na minha soledade,
Perdi os lírios, de bclleza rara,
E a violeta modesta,
Que era irman da minha alma desolada.
E agora,
Mal vem rompendo a madrugada,



Meu coração deplora
As flores que perdeu,
E o òrfume delias desprendido...
(Aura aromai, és mais feliz do que eu,
Vegetarei no pó, tu vais subir ao céu.)
Mas quando a noite desce,
Da minha magna descerrando o véu,
O luar, dulcíssimo, parece
Trazer-me, numa estranha nostalgia,
Lá de ignotos mundos,
As rosas redolentes da alegria
Dos extases profundos.
Permaneço silencioso;
O luar, de beijos, o meu rosto cnsalma;
E tremulas de gozo,
Abrem-se em mim as pétalas da alma.
E por excelsa fantasia,
A alma se transforma em flor de flamma,
Em magnolia astral.
Feliz de quem amou ou de quem ama.
Só assim, poderá ver,
(Alta gloria suprema!)
A sua alma, entre chammas, florescer.
Su avissima esperança,
Minha esperança extrema!
Pudessem tuas mãos, de seda e de velludo,
Num gesto maternal,
Que da sorte os revezes abonança,
As feridas pensar
Do meu secreto mal,
Do meu profundo soffrimento mudo,
E eu renasceria,
Para cuidar do meu jardim fechado
A' luz de novo sol de claro dia;
E as flores do passado,
Num viço virginal,
Então, o meu amor contemplaria.
E' que, em todas cilas,
Abençoado orvalho cairia,
Trazendo, em cada gotta scintillante,
Em tremulas parcellas,
Rolando no ar,
Numa restca de luz do céu distante,
A serena caricia das estrcilas!

CARVALHO ARANHA.



JESUS CHRISTO NO SERTÃO

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

17 STAVAMOS deitados no barro batido e duro da latada. Noite de luar, mas a lua enfurnava-se no algodão em rama das nuvens aglomeradas e densas. De longe em longe é que uma toalha de luz branca e tépida banhava de prata os torreões dos serrotes, salpicando de opala as arvores, e se ia insinuando em riscoí e tracejos de platina, na água corrente dos arroios.

Logo depois do café, ficámos fumando grossos- cigarrões de palha de milho com fumo negro do Brejo. Contaram-me historias de Jesus Christo, quando andara pelas terras vermelhas do sertão.

— Quando Deus andava no mundo, duma feita não tinha sinão um pedaço de carne para a *janta*. São Pedro e Judas iam com o Senhor e concordaram no seguinte: quem tivesse o sonho mais bonito comeria a mesquinha ração.

Dormiram sem ceia. Pela manhã passaram a narrar o que tinham sonhado.

— *Eu, disse Jesus Christo, vi o Pac na sua gloria. Rodeavam-no anjos, cherubins e archanjos, entoando hosannas e alleuias, ao som de harpas, psalterios e citliaras. Piquei á sua -direita, e vi passar c tristeza dos homens através das idades.*

7- *Eu segui o Mestre na sua aseenção — explica o divino chaveiro — o paraíso abriu aos meus olhos peccadores as suas portas luminosas. Senti, do fundo da minha humildade, a presença do Omnipotente.*

— *Eu, declara Judas, num fino sorriso de judeu matreiro, vi o Senhor junto ao Todo-Poderoso, e vi Pedro ajoelhado. E como cJles estavam no eco e não mais precizariam do mundo, tendo fome, comi a carne.*



Gustavo Barroso no seu livro "Ao som da viola", narra este mesmo conto, pondo em scena um padre, um estudante e um caboclo. No velho livro arabe "Nushetol Udeba", a mesma narrativa está registrada como occorrida entre um christão, um mahometano e um judeu. Idêntico episodio é tratado pelo judeu converso Pedro Aifonso, em fins do século XI ou princípios do século XII, na sua "Disciplina Clericalis"; personagens — dois burguezes e um camponez. No século XVI, o italiano Giraldi Cintio, no seu "Eccatomiti", o dá como tendo acontecido em Roma, anno de 1527, entre um philosopho, um astrologo e um soldado. O caboclo, o judeu, o camponez, o soldado e Judas, foram os vencedores. A tradição popular encarna ritualmente os victoriosos do amor e da fortuna nos pobres, nos humildes, nos desprotegidos. Está nisto a suprema ironia e a suprema bondade do *folk-lore*.

Jesus Christo, quando menino, brincava fazendo castellos de areia deante de casa. Era no sabbado, e passava um pharizeu, no orgulho da sua túnica alvissima de sacerdote.

— *Porque trabalhas no dia em que o Senhor descançoi e escolheu para suéto?*

— *Eu não trabalho* — disse o joven Nazareno — *crio.*

Arremessando para o ar as bolas de areia e barro, transformou-as em pombos, palpitantes de vida e força, que fremiram as azas na diaphaneidade do dia sereno, e desapareceram no azul. Como este delicioso conto veio parar nos labios dos sertanejos ingênuos? Qual a sua trajectória atravez das raças e dos tempos?

* * *

A gente do sertão considera o terceiro casamento como um castigo. Os commentarios soem ser dolorosissimos e implacaveis para o nubente. Em forma de lenda, corre uma satyra terrível.

Jesus Christo pregava numa praça, quando a elle se achegou um amigo de nome Thiago, que disse:

— *Mestre, vou casar. Venha partir o pão da amizade em minha mesa.*

O Mestre assistiu ás bodas e é provável que tivesse repetido o milagre de Caná.

Mezes depois voltou Thiago declarando:

— *Rabbi, morreu minha mulher e vou casar de novo. Quero vossa presença entre os meus, como prenuncio de felicidade e de paz.* Jesus olhou-o bem e mandou que são Pedro o representasse.

Tempo depois chega Thiago, explicando:



— *Jehovah não quer que eu viva muito tempo com a minha escolhida. Morreu a mulher que eu amei e vou casar novamente.* Convidou-o e retirou-se para os festejos.

— *Então, mestre* — perguntou um apóstolo — *as bodas de Thiago?*

— *Nem vou, nem mando,* respondeu Jesus Christo, e continuou a pregar.

* * *

A epocha do fim do mundo está marcada para os sertanejos. Todas as previsões, desde Nostradamus até madame de Thebes, não têm valor para aquelles que possuem a convicção do augurio primevo, designando quasi o dia do traspasse collectivo. Isso tudo porque esta lenda faz parte da vida do Redemptor, esquecida na Biblia e guardada fielmente na memoria de gerações de fieis.

No momento da ascensão Jesus se despede dos discipulos.

— *Até quando, Senhor?* — é a pergunta anciada dos futuros oragos.

— *Até mil e tantos annos,* — responde o Unigénito.

Felizmente, Maria Virgem e Mãe, apanhando uns caroços de milho, sacudiu-os ao vento: dizendo:

— *E mais estes, meu Filho.* Só assim, teremos que viver até o anno dois mil e tantos.

São estas as historias de Jesus Christo no sertão.

Reanimam e alentam a vitalidade da alma simples do vaqueiro e do cantador, estas lendas onde, numa illusão de bondade, existe a doce esperança do paraíso.

Do "Sertão de Inverno"





*Hermes Fontes — A LAMPADA
DA VELADA — Livraria Al-
ves — Rio — 1922.*

A evolução poética de Hermes Fontes é, de tão accentuada, desconcertante. Como reconhecer em "A lampada velada" o auctor de "Apotheoses"? São dois poetas que se sucedem, servidos pelo mesmo cerebro, mas apartados, de pólo para pólo, em duas épocas e fixam duas individualidades. Bem verdade é, pois — tão tipico é este caso, aliás, literário — que só na apparencia são sempre os seres elles mesmos, mudando-se, em essencia, ao contrario, radicalmente. Si as próprias cellulas se renovam... nós nunca somos sinão outros. A personalidade, mesmo anatómica, é pura ficção: pouco menos que uma convenção social e pouco mais que uma questão de nomes. Em ultima analyse, de immutavel só temos o nome que o sr. vigário nos deu com o sal e a agua benta, entre choros e carantonhas, em solemnisimo aparato. De immutavel, é certo; de eterno, algumas vezes.

Assim, não se mudou em Hermes Fontes o nome e, sem duvida, se eternizará. Não se mudou em nada: em si ou nos adjectivos. E', sempre o grande nome, senhor já de meia immortalidade: os quinze votos da Academia.

Tudo o mais, em cerca de dez ou doze annos, se transformou no poeta: o espirito, a inspiração, a arte, a technica. Em espirito, em fundo, em pensamento, deve ter lucrado. Em inspiração, não menos, talvez: alar-

gou-se e sobretudo humanizou-se, isto é, poz-se ao alcance máximo do publico. Em arte, também, no seu sentido generico de expressão de uma alma.

Positivando-se, porém, os termos — de arte, puramente, para technica, arte de escrever, estylo — terá lucrado 'Hermes Fontes'?

Parece que não. A evolução causou-lhe esse mal. O afrouxamento da emphase afroxou-lhe o estylo. A familiarisação da arte, vulgarizou-lhe a phrase. A simplificação desprezou-lh'a. Em "Apotheoses", que não temos á mão, não se encontrariam bamboleos de linguagem como os que "A lampada velada" não vela nada, antes desvenda e illumina.

Exemplifiquemos, com vênia do excelso filho das Musas: em a poesia "Symbolo", pagina 32 — "deixou ó seu debuxo", "ficou minusculo", "faz gosto" e "humildade de ser inútil"; e em "Velho relógio" — "não fica bem", "têm dado ajuda", "és inanimado", "és animado". São periphrases de péssimo effeito, espreguiçamentos de linguagem que, ha dois ou tres lustros, o outro poeta do mesmo nome teria repellido com vantagem de synthese e de precisão.

Mes, si a imprecisão é da escola... Pois é pena. E' pena que' a escola tenha estragado assim uma personalidade já definida. Convenhamos, nó entanto, que é escola demais. Elias, as escolas, só valem pela transitoriedade util: passam, legando ás outras o que têm de bom e arrastando comsigo a bagaceira meuda, o delicioso "troco meudo da cultura", ou melhor, da moda e do arre-

bique. Passam as escolas, mas os poetas ficam. A' passagem, enriquecem-se de recursos novos, integrados na personalidade.

O caso de Hermes Fontes parece um caso êrave de despersonalização: O poeta rompeu tão fundo com o passado que lhe desprezou os mais bellos ensinamentos, erigindo cm primores de sua nova feição todos os defeitos da outra.

Que estas palavras não "deixem debuxo" de irada caretá', nem diminuindo-o, pretendam que o poeta illustre "fique minusculo". Na consciência da "humilde inutilidade" delias, "fez-nos gosto" e muito "A lampada velada", piamente o confessamos.

Eis porque não encerramos esta noticia sem transcrever aqui o soneto de abertura:

Também a mim, Senhor, como Aladino,
Coube uma lampada — a maravilhosa
lampada, a cuja luz de opala e rosa
sonhei milagres para o meu destino.

E tirei da imprecisa nebulosa
o meu pequeno mundo levantino.
E da minha esperança de menino
fiz minha adolescência generosa.

Cada um de nós faz sua própria lenda:
e aperta o proprio coração no peito,
por que a lampada magica se accenda.

Mas, alma!, cerra os olhos á lufada!
Tudo que é mysterioso, é mai^ perfeito...
Conserva a tua lampada — velada!

Paulo Gonçalves — YA'RA —
Inst. "D. Usch. Rosa" — Santos — 1922.

A moderna orientação poética, afinal, não passa de um retorno á vellu poesia, á inspiração pessoal e espontânea, ao sentimento, á emoção. A' parte os novos lugares communs divulgados por alguns poetas de primeira ou de segunda grandeza e até de terceira e quarta, cm França, o que se apura é isso: amor da originalidade, da ideia, do lyrismo. Em uma palavra — independencia.

De facto, que concluir de tamanha disparidade entre os poetas que succederam aos chamados parnasianos, sinão a pessoalidade cada vez mais accentuada de cada um? De tantas "escolas", variantes de "escola" e até nuanças de "escola" só se colhe, em resumo, o individualismo, cuja formula será: a arte é a expressão de alguma coisa. De que? Da emoção posta ao alcance da gente, ou concretizada por uns, ou simbolizada por outros, ou subtilizada ainda por outros. Em summa, já não ha poesia "difficil". Na própria forma se accentúa a tendencia para "essa facilidade": — o verso livre e... o futurismo. A concretização — desejo de sentir, perceber, palpar — domina tudo, desde os grandes impetos de originalidade, até a symbolização, até o subtilisar de percepções materiaes. Ultra-romanticos é o que somos — bem nos definiram assim a nós, homens de hoje.

Paulo Gonçalves, um dos talentos daquella colmeia de Santos, onde se fez, illustra o asserto. "Yára", seu livro de estreia, jiffirma uma individualidade, que se reconhece a cada passo, sobrepujando influencias extranhas. Um dos mais lindos sonetos do lindo volume — "Estrellas cadentes":

Perdido na illusão de que um poder divino
Realisa o que se pede a uma estrella
[cadente,
Quantas noites fiquei no tempo de me-
[nino,
Horas e horas, mirando o espaço res-
[plendente?

Mas o clarão da estrella era tão surpre-
[hendente,
O imprevisto da queda era tão repentino,
Que eu não pude jamais á esquiua con-
[fidente
Implorar que me abrisse cm rosas o
[destino.

Hoje, na juventude, a illusão se renova:
No fundo do meu ser, guardo um affecto
[mudo,
Um desgraçado amor que não foi posto
[á prova.

Mas, si quem m'o inspirou diviso de
[repente,
Maravilho-mc, empallideço, esqueço tudo:
— E' como si passasse uma estrella ca-
[dente.

Não se realizou ahi o perfeito equilibrio de uma personalidade entre os embates das escolas que passam, deixando a sua lição e levando os seus preconceitos? Que dizer, si não bem, da forma e da ideia ou imagem ahi expressa?

"Yára" é um bello livro, bello no contexto e bello na feição material, primorosamente acabada, o que não se deve pouco ao illustrador Paim.

João Camara—LUZES E SOM-BRAS — E. G. "Pasquino Coloniãle" — S. Paulo — 1922.

Nem a proposito teriamos dito que a independencia caracteriza a moderna poesia... Mais um poeta aqui está, que nenhum ponto de contacto essencial offerece com os dois primeiros, sinão esse da divergencia de orientação, dentro das mesmas tendências novas. Todos são modernos, mas todos differentes.

Emquanto Hermes Fontes aproveitava a crystalinidade do seu verso para nos armar allegorias e symbolos e Paulo Gonçalves apura o verso a subtilisa a poesia, João Camara exercita a sua visão mystica das coisas.

E' assim que os cyprestes são para elle monges, o seu quarto é uma cella e os sinos, dobrando, rezam... E' uma maneira tragica de ver, que pode não ser própria nem natural, mas que é moderna, tanto quanto a dos que só vêm serenidade e simpleza no mundo.

A poesia é como uma metaphysica das imagens: a arte das aproximações inauditas, que commovem pelo inesperado da luz que derramam sobre a nossa emotividade. Neila se justificam tanto os grandes contrastes como os pequenos, sendo o cusp menos de intensidade que de qualidade, isto é, belleza.

Da arte do poeta de "Luzes e sombras" disse, em prefacio, Julio Ce-

sar da Silva, o vate delicadissimo da "Arte de amar":

"Não balbucia o verso, exprime-se nelle correntiamente, com fala apropriada e seguro gesto. Não direi que neste livro se contenham todas as possibilidades do seu estro, mas algumas dessas possibilidades estão aqui claramente assignaladas."

Constância Alves — FIGURAS
— Ed. Anniario do Brasil —
Rio — 1922.

Constância Alves representa no Brasil a tradição classica do espirito attico. As chronicas, que de longa data escreve no *Jornal do Cominercio*, são a sua grande obra dispersiva e fragmentaria, mas de perfeita unidade de espirito. Revelam o intellectual em sua expressão pura. E' um indifferente, um impassivel. Não tem paixões. Interessam-lhe os factos em sua feição mental: são representações ideaes que se associam a outras. Dahi o aflorar constantemente as ideias, sem se deter em nenhuma, commentador que se deleita com a infinita plasticidade e adaptação das imagens mentaes. A pureza e o equilibrio do seu pensamento, sem demasias nem arestas, correspondem a semelhantes qualidades de expressão.

"Figuras", o seu primeiro livro, dá uma justa ideia do escriptor. Entre os seus capitulos vêm-se os que se referem a Rodolpho Dantas, André Rebouças, Zacarias, Machado de Assis, Raymundo Corrêa, José Bonifacio, Mitre, Nabuco, Cotegipe, Rio Branco e outros, alguns dos quaes absolutamente typicos. Assim é o que, se intitula Martim. Assemelha-se que o chronista não tem assumpto. Inaugura-se a estatua de Cabral: é o grande facto do dia, que amanhã apparecerá nos jornaes, glossado em todos os tons, porém, dentro de formulas conhecidas. Cumpre escrever. Mas, que dizer fóra da vulgaridade e das generalidades rotundas? A estatua do Descobridor foi desvendada pelo creoulo Martim: é o episodio central, é o thema. F, o escriptor escreveu do des-

cobridor do Descobridor uma chronica deliciosa de "humour", modelo de pensamento que se desenvolve de si mesmo, reconcentrado, sem mescla, confinado dentro dos proprios limites.

Martim é um forte exemplo de meditação absoluta, de criação literaria, exemplo perigoso pela vacuidade, mas util como technica de reflexão, si é possível dizer assim.

Plínio Barreto — VIDA PO-
RBNSB — Off. "Bstado de S.
Paulo" — 1922.

"Vida forense" é a secção dominical d' "O Estado de S. Paulo", em que se commentam os fastos dos tribunaes, occorridos durante a semana. O titulo pareceria o de uma resenha de debates, ou recapitulação da hebdomada, mas, na verdade, é o do respiradouro por onde transpira cá fóra o que, acre e picante, ocorre no foro de São Paulo e do paiz. O sabor geral das chronicas é esse: uma pitada de pimenta. Mas ella, a pimenta, é apenas o condimento, como não podia deixar de ser. A acidez que desprende funciona como appetitivo para o prato forense, a que o leitor rebarbaria sem elle.

Graças á sabia pratica o escriptor consegue ás vezes impingir ao leitor ideias que, a não ser em casos concretos, não penetrariam a grossa crosta do publico de jornal. Consegue mais: castigar os costumes, rindo-se delles, como é de boa lei antiga. Terrível fiscal de costumes! Vejam-se as chronicas sobre annullações de casamento, divorcio e outras, em que rebentam piparotes sobre a respeitável sociedade.

Advogado e jornalista, o auctor ^{alia} as qualidades que no exercicio desses misteres se lhe apuraram. O escriptor de ideias, o espirito logico, o argumentador esquadrejam a tela em que o chronista e o narrador Põem as tintas, a côr, o relevo, a nitidez. Dahí resulta um conjuncto admirável, justamente apprciação, que fazem do sr. Plínio Barreto uma das nossas primeiras pennas.

Benjamin Costalat — A LUZ
VERMELHA — Ed. Leite Ri-
beiro — Rio — 1922.

"A luz vermelha" está em segunda edição. E' um livro de contos, cujo successo foi grande ha dois ou tres annos. Provavelmente, essa mesma grande extracção se reproduzirá agora. E' que o livro tem qualidades: — conserva do realismo o amor dos themas baratissimos, vestindo-os á maneira moderna de um Dostoiewsky de superficie, com pretenções a nervos e a epilepsia.... E' a farragem do êxito.

Falta, entretanto, ao escriptor a primeira qualidade — escrever, coisa que ainda não sabe quem imprime estas phrases:

"... sombras que o sol ia creando aos moveis..."

"Reparaste a boca?"

"... enroscava-lhe a nuca com pedaços de algodão."

"Todos dois aspirariam o mesmo dominio..."

O sol não podia "ir creando sombras aos moveis." Os moveis, sim, é que, á acção do sol, faziam sombra. O sol mesmo talvez "criasse sombras nos moveis" ou, quando muito, "para os moveis": neste caso, si a criação visava um fim e naquelle, si se effectuava em algum lugar. No dia em que o sol "criasse sombras a alguma coisa" estariamos positivamente perdidos... Um sol de sombras e não de luz, convenhamos, era a ultima subversão bolshevista na ordem das coisas astronômicas.

"Reparar a boca" é como reparar um boeiro ou uma casa em ruínas. Caso de cirurgia, portanto; e, nunca, de méra acção óptica... "Reparar na boca", sim, pode ser o nosso acto visual.

"Enroscar a nuca de alguém com pedaços de algodão" é operação impossível. Nada se enrosca *com* alguma coisa: alguma coisa se enrosca *em* outra, desde que seja... "enroscavel", isto é, desde que possua extensão, flexibilidade e attributos que taes, ao mesmo tempo que a outra, a "enroscante" tenha as qualidades correspondentes: irregularidade, aspere-



za, etc. Ora, a nuca não se enrosca-nem *na* forca. Muito menos em flôcos de algodão. Estes é que poderiam enroscar-se, por exemplo, nos dedos do barbeiro e não no pescoço asseado do triste paciente...

Mas, talvez tenha o verbo outro sentido: enroscar, fazer rosca. Assim, o cabeleireiro arma com algodão a espiral de uma porca no parafuso do pescoço do inexperto freguez. Faz uma rosca, portanto, enrosca... Mas, si é esse o caso, porque não dizer logo que se abiscoitou a nuca? Entre rosca e biscoito, tudo é a mesma massa.

"Todos aspirariam o mesmo dominio..." E' difficil. Nem todos teriam pulmões para tanto. No dia em que o conseguissemos, reinaril a paz na terra pela suppressão de todos os despotismos, graças a uma simples absorpção de poderes com o ar. "Aspirariam ao dominio" é um pouco differente...

B. F.

Carlos D. Fernandes — *SAN-SAO B DALILA* — *Imprensa Official* — *Parahyba* — 1922.

O sr. Carlos D. Fernandes emprehende a reconstrução de episodios "de nossa Independencia, o que, no anno centennial, torna-lhe o poema de grande oportunidade. Revivem-se as intrigas de 1822: José Bonifacio contra Ledo, a archiduqueza Leopoldina contra a marquezia de Santos... E entre uns e outros, d. Pedro, "um pio varão, de pios ascendentes"...

Desenvolve-se a peça em scenas animadas, que culminam na tentativa feliz de Ledo induzindo a marquezia Canto e Mello a' bater-se perante o Imperador contra José Bonifacio. O PatrI Srcha, de surpresa aliado do poder, em visita que fazia a d. Pedro, enfermo, pondera-lhe as consequências desse acto. Mas, "venceu a opinião dos matreiros partidos"... O Andrada, ironico, lê-lhes, então, aos presentes, a ode que recitara a d. Joio VI. Gaba-lhe o estro a Imperatriz. Chama-o Domitilla de "bardo Sansão, de opu-

lentos cabellos"... Ao que, sereno, elle responde:

"Sabei que vão findar as penas e os [revezes...
E o Ledo voltará dentro de poucos me- [zes...

Dou-vos os parabéns, senhora Domitilla.
O Sansão não fui eu... Vencestes, vós,
[Dalila...

Lola de Oliveira—AMETHYSTAS — *Typ. Guimarães* — *Ribeirão Preto* — 1922.

A auctora tem qualidades de emoção. Percebe-se em muitos dos seus versos, ora o sentimento, ora o enthusiasmo que procura exprimir-se. Si nem sempre o consegue, dia virá em que sua alma achará a perfeita expressão.

Eis um bello prenuncio :

Lá no seio da selva verdejante,
Num pedaço de terra solitaria
Banhada pelo sol fulvo e cantante,
Existe uma cidade legendaria.

Refere-se a Cuyabá, terminado o soneto:

Foste a "cidade do ouro" do passado,
E's a "cidade verde" da esperança!

T. Pessanha—RECITATIVOS E CANTOS INFANTIS—Imprensa Methodista — *S. Paulo* 1922.

Em cerca de oitenta paginas, o auctor reúne versos destinados ás creanças das escolas. São, como diz "o titulo, recitativos e cantos infantis, que revelam boa vontade em ser util á causa do ensino. A parte destinada ao canto vem acompanhada de musicas do maestro J. Julião.

Baptista de Santis — *SUPREMA ANGUSTIA* — *Ed. Casa Carlos* — *Botucatu'* — 1922.

"Feito para commemorar o primeiro centenário da Independencia do Brasil a 7 de Setembro de 1922



e, outrosim, jfcira concorrer, no annuciado concurso da Dignissima Prefeitura da Capital Federal, aos prêmios das Olympiadas nacionaes"...
Uma amostra :

TIRADBNTKS (tristemente)

Já se me vae a mocidade,
E, todavia,
A* lu7. da lil^rdade
15 d'harmonia,
O fogo do enthusiasmo eu sinto...
E d'heroica porfia,
A' gloria do porvir, que aqui presinto,
Em lucta ingente,
Da patria augusta, em desusado plintho,
Vejo o dia esplendente.

E. sonho... A' hora do combate
Eu fecho ás dores
O peito, e que me abate
Os meus amores,
Outro ideal, na Terra, eu creio,
Pois, entre horrores,
De injustiças sem conta, que eu odeio.
Tão aleivosas,
Contra cilas cu levanto o meu anceio,
Que é de espinhos e rosas."

E por essa bitola se vae o drama...

Bureau des Longitudes — AN-
NUAIRE POUR L'AN 1922—
Ed. Gauthiers-Villars et Cie. —
Paris — 1922.

Os srs. Gauthiers-Villars et Cie. (Quai des Grands-Augustins, 55—Paris) editam em' França o annuario do Bureau des Longitudes, instituto este creado a 25 de Junho de 1795. O volume correspondente a 1922 apresenta-se com mais de setecentas paginas, em que se encontram informaçoes da maior utilidade não só sobre o calendario de 1922 e 1923, como sobre a terra, sobre astronomia, sobre pesos e medidas, sobre physica e chimica.

Em supplemento, além de discursos do sr. Maurice Hamy, presidente do Bureau, apparecem os estudos : "A theoria da relatividade e suas applicaçoes á Astronomia", por Emile Picard, e "Moedas e cambio", por Ch. Lallemand. Entre as illustraçoes destacam-se a carta magnética da

França, varias cartas celestes e espectros solares.

Otto Prazeres — O POKER —
Off. Jornal do Brasil — Rio —
1921 .

O sr. Otto Prazeres reúne nesta brochura uma serie de pequenas mas interessantes observaçoens sobre o poker. Não é um methodo para ensinar esse jogo; são cálculos e conselhos aos já iniciados, entremeiados uns c outros de episodios que o auctor narra com muito chiste.

Do interesse que despertou esta obra diz bastante o facto de já ter passado de quarto milheiro.

Belisário Penna — DEFESA
SANITARIA DO BRASIL —
Typ. da Revista dos Tribunaes —
Rio de Janeiro — 1922.

O sr. dr. Belisário Penna, notável hygienista que preside ao servico federal de prophylaxia rural, publica uma de suas conferencias de propaganda, proferida esta em Florianopolis, em março do corrente anno.

Os trabalhos do A., bem como o devotamente com que se dedica á questào do saneamento, são de sobejo conhecidos para que não seja mister dizer mais deste folheto.

Wellington Brandão — MINAS
E O MOMENTO — Typ. A
Vanguarda — Cassia — 1922.

Publica-se em folheto, uma conferencia politica proferida pelo sr. Wellington Brandão, em Minas, em propaganda da candidatura do sr. Arthur Bernardes á presidencia da Republica.

Pran Paxeco — Imprensa Offi-
cial — S. Luís do Maranhão —
1922.

Amigos e admiradores de Manoel Fran Paxeco, escriptor portuguez residente no Maranhão, reúnem em folheto artigos publicados por occasião do anniversario daquelle publicista.



Euvaldo Diniz Gonçalves — A
BAHIA NO "ANNUARIO
ESTATÍSTICO DO BRASIL"
— Imprensa Official — Bahia
— 1922.

O sr. dr. Euvaldo Diniz Gonçalves, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, e director da Estatística do mesmo Estado, dá neste opusculo valiosa contribuição para o censo a que se procede em todo o paiz. Embora se restrinja a coisas da Bahia, o trabalho apresenta interesse, devido em não pequena parte á clareza e ao methodo da exposição.

Padre Nicodemus Neves — A
INQUISIÇÃO NA PARAHY-
BA — Typ. d'"A Imprensa" —
Parahyba.

Ao VII Congresso Brasileiro de Geographia, reunido na Parahyba, apresentou o Padre Nicodemus Neves este trabalho, em que estuda perfunctoriamente o supplicio de Branca Dias, queimada viva, segundo a lenda parahybana, em Lisboa, em 1761.

Celso Mariz — APANHADOS
HISTORICOS DA PARAHY-
BYBA — Imprensa Official —
Parahyba — 1922.

Como o indica o proprio titulo, trata-se de subsídios para a historia da Parahyba. Ordenadas, porém, e em sequencia lógica de datas, apresentam interesse não apenas restricto áquella provincia. Estão nesse caso os capitulos sobre a guerra hollandeza e a revolução de 1817 em Pernambuco.

Gaetano Blancato — ALMA-
NACCO ITALIANO ILLU-
STRADO — Ed. "La Patria" —
Porto Alegre — 1922.

"La Patria", folha italiana que se publica em Porto Alegre, brinda seus leitores com volumoso almanaque,

em cujas seiscentas e tantas paginas se contém, a par de informações úteis e nitidas illustrações, artigos literários e scientificos, poesias, noticias sobre homens e coisas do Brasil, etc.

O trabalho typographico é esmerado.

Oswaldo Vergara — *COMMEN-
TARIOS AÓ CODIGO DO
PROCESSO CIVIL E COM-
MERCIAL DO RIO GRANDE
DO SUL* — Ed. Barcellos Ber-
taso & Cia. — Porto Alegre —
1922.

Os srs. Barcellos Bertaso & Cia., editores em Porto Alegre, acabam de editar mais um volume, que por certo prestará valioso serviço aos que trabalham no foro daquelle estado: annotações ao Codigo de Processo Civil e Commercial do Estado, pelo advogado Dr. Oswaldo Vergara, auctor de varias outras obras de direito.

Já em segunda edição, apresenta-se a obra em dia com a jurisprudência do Superior Tribunal do Estado, até 1920.

Otto Prazeres — LIGA DAS
NAÇÕES — Impr. Nacional —
Rio — 1922.

O auctor deste livro teve o cuidado de declarar no prefacio:

"Não ha quem pense que a guerra será de todo varrida do mundo, como não ha quem pense que o crime desaparecerá da ordem civil. E é justamente pelo reconhecimento dessa impossibilidade que se deseja estabelecer uma lei que possa, em futuro proximo ou remoto — fazer que a guerra seja a excepção nas relações internacionaes, como o assassinato e o roubo são hoje excepções nas relações, civis.

"Segundo uma curiosissima estatística, desde o anno de 1496 antes de Christo, até 1913 da nossa era, num total de 3.409 annos, somente



houve 261 annos de paz universal e em 2.148 annos essa paz foi perturbada.

A inversão dessa estatística é o que se almeja..."

Seguem-se a estas palavras 322 paginas de considerações eruditas sobre tudo que se tem feito para conseguir uma sociedade de nações, — o único meio pratico de encaminhar a solução desse problema de paz universal.

O auctor apresenta uma synthese de todas as ideias que a respeito tiveram os mais "notáveis propagandistas da Paz e os grandes internacionalistas" desde a concepção da liga pelo padre hespanhol Francisco Suarez até ás discussões dos seus últimos propugnadores na conferencia internacional de Versalhes.

Foi com carinho e desvelo, com methodo, portanto, que armazenou conhecimentos e fez citações preciosas, para dar ao leitor um conceito nitido da possibilidade de se melhorar a situação do Universo.

Comtudo, ainda pomos em duvida que a consolidação de uma liga pacificadora internacional alcance o objectivo collimado. Parece-nos, mesmo, que essa utopia — não a Liga — comquanto possivel de realisar-se, terá imprevisas desillusões, pela impossibilidade de se modificarem os caracteres da vida social a que uma complexidade de circumstancias prepara crises consecutivas.

Mas não nos compete entrar nos pormenores de um assumpto tão vasto e já tão bem explanado. O sr. Prazeres tratou-o distinctamente, tirando conclusões próprias de quem estudou muito de perto e fez questão de conhecê-lo a fundo. Si as suas idéas não nos convencem de que

ha remedio para attenuar as crises da violência humana — porque essas crises obedecer a causas desconstradas e inevitáveis, — dão-nos, entretanto, esperança de que a intelligencia encontre recurso para isso tudo.

Não se diga que é pouca cousa. Conseguir um escriptor infundir esperanças em cérebro eançado de observar os descalábrs de tantos ideaes sociaes que pairam sobre o ápice das nossas preocupações; em cerebro já desenganado de tudo quanto depende de se domar essa curiosa e contradictoria psychologia social, tão mansa, ás vezes, de se conduzir, como impetuosa e rebelde, outras tantas, maximé quando a movem interesses pessoas e collectivos, — já é alcançar uma victoria que só mesmo a sympathia da causa, alliada a uma argumentação sábia e vigorosa, pode assegurar.

O livro contem 13 capítulos eruditamente desenvolvidos, tratando dos seguintes themas: "A genese da ideia de sociedade das nações"; "A soberania dos Estados"; "A união internacional"; "A punição individual"; "A influencia dos estrangeiros"; "Sociedade de nações"; "Planos antigos"; "Planos da actualidade"; "Os grandes apoios da actualidade"; "Novos elementos da união internacional"; "Varias observações"; "Na conferencia de Versalhes".

E assim o sr. Otto Prazeres presta contas de sua missão de jornalista acreditado junto á conferencia da Paz.

Seu livro deve figurar na estante de todos os politicos, sociologos e literatos, mas para ser lido, meditado e aproveitado.

J. B. S. A.





CARTA ABERTA

Meu caríssimo Brenno Ferraz.

Ando, ha tempos a acompanhar-te nas tuas revoltas e na tua indignação contra o juizo fácil e ligeiro com que, na Capital da Republica, se legisla sobre questões de arte. Doe-te a leviandade de um dos mais altos criticos da geração, o sr. José Maria Bello, que, dogmatizando acerca das rodas literarias de São Paulo, mostrou conhecer-lhe apenas os rebentos de maior reclamo e desconhecer todo o resto de uma colmeia de arte das mais fecundas e das mais activas do paiz. E doe-te justamente porque tu, critico sagaz forrado de historiador, não podes comprehender como possam os nossos estilistas e estheticistas vir a publico falar do "movimento literário paulista" sem lhe haver estudado as profundas raizes que engendram os artistas e lhes criam os motivos de belleza.

Comprehendo e admiro a tua indignação... mas, desconfio que estás perdendo tempo. E desconfio por uma boa porção de motivos aue andam a me arredar, cada vez mais, das letras nacionaes.

Em primeiro lugar, falta-nos a probidade esthetica das affirmações. Ninguém se preoccupa, em nossa terra, em que os asserfás literários, sejam verdades. Basta que sejam chocantes. Si não conseguirem chocar, que sejam, ao menos, irritantes. Lançada com tal característico, por mais idiota que peça a affirmativa, terá vida longa e foros de cidade.

Já me resignei ao silencio, nesta terra, onde ninguém estuda e todo o mundo dá opinião, porque nós os brasileiros somos encyclopedicos de nascença.

Mas estes logares communs, insistente-

mente repetidos e blazonando por cima de originaes, acabam por me fazer perder a paciência. Conseguem irritar, de facto, as incongruências que andam por ahi, de bocca em bocca, as phantasias transformadas em chavões estheticos e as mentiras, 03 absurdos que se consubstanciaram em verdadeiros dogmas literários, especie de catecismo artistico por onde se mede o talento. alheio com a mesma inconsciência com que os veterinários medem a febre dos cavallos. E dia a dia mais se accresce o catecismo de algum novo mandamento, dictado pela fecunda sapiência dos "altos expoentes do paiz". Sim, porque em nosso paiz os altos expoentes, pertençam ao ramo de actividade que fôr, têm sempre o direito de dogmatizar em literatura.

Um *conteur*, um romancista, um engenheiro de pontes e calçadas, um medico sem clientela, um poetastru ou vendedor de cebolas, desde que, no seu genero, seja um "expoente" pode avançar proposições criticas. E inventam sempre algumas que fazem o nosso organismo sentir resistências physiologicas...

Quem teria inventado, por exemplo, a celebre classificação dos tres poetas máximos? E porque tres e não cinco ou doze ou vinte e quatro ou oitenta e oito? Porque haviam de ser justamente e unicamente tres? Pois num paiz de trinta milhões de analphabets caberiam até mil. Porque tres? Remanescencia do tabu tradicional da Santissima Trindade, que deve ter surgido no espirito de algum fervoroso crente para dar largas á velha mania humana das analogias.

E, por cumulo, ao distribuir as coroas, o critério erra lamentavelmente as cabeças. Do tres (Bibi-, Oliveira, Raimundo) so

um é príncipe: Raymundo, que eu considerarei o primeiro até o dia em que aparecerem essas inegualáveis e inimitáveis "Espumas" de Amadeu Amaral. Nesse dia, incontestavelmente, o primado cahiu nas mãos do grande acido capivaryano.

Si é absolutamente necessário que haja uma trindade de poetas máximos, para uma literatura como a nossa, que reconhece Shakspeare e Goethe como os dois gigantes do concerto literário mundial, não ha nenhuma que se possa comparar a esta: Amadeu, Vicente e Raymundo.

Mas essas conclusões tiram-n'as, meu velho revoltado, os que pensam e meditam, os que pesam os juizos e não avançam afirmações que não possam supporfar o controle da experiencia e da verificação. E em nosso paiz, estudar é cousa que não entra nas cogitações dos literatos. E' muito fácil imposturar de intuidores. Que nós somos uns colossos de intuição. Somos todos "intuicionistas", assim, com a mesma facilidade com que os tropeiros das esquinas e das serenatas da Saúde se fazem repentistas. A nossa aguda intuição é um orgulho e um ponto de honra nacional. E vivemos, porisso, a repetir, com o ar cândido e levemente irónico, cousas que envenenam os incautos, e intoxicam a alma dos incipientes, pondo-lhes na cabeça uma porção de idéas absurdas e incongruentes sobre seus typos representativos, idéas de onde se origina este arrogante cabotinismo actual, tão merecedor, coitado, de nossa lastima e de nossa compaixão.

Mas não ha jogar a primeira pedra contra essa mocidade iconoclasta e irreverente, quando officiaes de alta patente literária vêm, singularmente, a publico declarar que "são escriptores unicamente aquelles que escrevem, na linguagem de toda a gente, as ideas que todos pensam".

Sabes ao que equivale esta afirmação? A isto: que são escriptores unicamente os noticiarios dos jornaes. Ninguém, como ^{mes} escreve, na linguagem de toda a Sente, as ideas que todos pensam. E' a arte democratica. Dona Arte de barrete Phrygio e anel bacharelício...

Têm razão. A arte deve ser qualquer TMusa capaz de equiparar o cerebro de um ostoiewsky ao bestunto de um hottentote vestido á moderna, porque, para ser-se um ^{arte}artista, tanto faz ter a massa cinzenta de ^{Um}Euclides da Cunha como o cerebro

de uma gallinha. A differença é apenas de peso.

E essas cousas apparecem em revistas que se encham de empafia, dizendo-se representantes de nossa cultura, nessa mesma a que tu, hoje, emprestas, dirigindo-a, o brilho de teu talento...

Que queres dizer depois de ouvir uma tal affirmativa? Perguntar si a arte não é mais, então, o campo aristocrático, por excellencia, o campo do individualismo, o producto de um largo periodo de cultura e de refinamento intellectual? Responder-te-ão que "fazem arte moderna"... E fica a gente a pensar no lindo synonymo que a ignorancia arranjou.

Não é ignorancia, clamam, é patriotismo. Queremos fazer a independencia literaria do Brasil. E' preciso escrever em portuguez do Brasil... Quem não o fez, não merece o nome de **escTiptor** e deve ser riscado na lista, como Ruy Barbosa, como Coelho Netto, como Machado de Assis.

Realmente nem Ruy nem Coelho Netto são grandes escriptores nacionaes. Mas não por causa do portuguez. O primeiro porque nunca cuidou de ser propriamente um escriptor, foi sempre um orador — o maior orador do Brasil; — o segundo, porque soffre de uma doença verbal que cõe llo campo da medicina.

Mas, excluir Machado de Assis, o grande, o máximo, o unico prosador digno desse nome...

Não vale a pena perder tempo a discutir que "o portuguez do Brasil" não define a literatura brasileira nem marca a independencia literaria...

Seria preciso berrar, estentoreamente, que aquillo que a marca é quanto deixamos de copiar e de macaquear. Seria preciso gritar que seremos independentes quando formos capazes de crear sosinhos, sem acompanhar as correntes de fora, as modas e os alfaiates, quando formos capazes de engendrar cousa nossa, oriunda de nosso substracto racial, obras que não encontrem similares nos outros povos e não lhes sejam uni reflexo sinão nessa parte inalienavel de sentimento, que é patrimonio da especie e não galardão de uma determinada raça, emfim, quando formos capazes de crear obras que tragam em si, na phrase elegante e lapidar de Tasso da Silveira "um cunho de angustia secular..."

desventura, da tremenda desgraça, revelam a inflexibilidade do seu caracter, a altivez na defesa do nome da familia e o heroismo de sua accção.

Descendente de Amador Bueno, orgulhava-se "por ser duma das mais antigas e primeiras familias paulistas".

Quando Alvarenga Peixoto, triste, retraído, atemorizado, premedita a traição igual á de Silvério, conta-nos Alfredo Valadão, cila, adivinhando-lhe os pensamentos, penetra de súbito em seu quarto e interroga-o:

Que tens, Alvarenga?

E ue vacillou a principio.

Mas, confiando na ternura de sua adoravel esposa, vasa-lhe a alma, conta-lhe tudo: a catastrophe, que estava imminente e a salvação única — a denuncia!

— Que é isto, Alvarenga? Orgulhosa, exclama ella, a fulminal-o com' um olhar de fogo! Que horror! A denuncia, nunca! Caiam sobre nós os castigos todos deste crime, de haveres trabalhado pela liberdade de nossa patria! Arruine-se a nossa casa, tire-se a nossa vida! Mas não comprometas teus amigos, que contigo se bateram por tão santa causa! Sê homem! Affronta a tyrannia. Se é preciso, segue com os teus companheiros para o martyrio!

E ajoelha-se supplicante:

— Por Deus, Alvarenga, poupa á tua familia a nodoa da delação!"

O vendaval da desgraça desencadeou-se sobre esta infeliz familia: desterrado Alvarenga, despojada de seus bens e declarada infame sua prole, Barbara Heliodora não resistindo a tanta ignominia, perde a razão no auge da dôr e morre abysmada na loucura.

Presos, julgados e condemnados os confidentes, de todos, só um vai á força: é aquelle que não conta com a benevolencia dos juizes, que não foi collega seu, que é pobre, que é modesto, que é humilde — Tiradentes.

"De todos os implicados, diz o illustre Rocha Pombo, o Tiradentes era o mais desvalido: e como era também, entre todos, o que mínos piedade inspirava porque se conservou nobre e sereno ao encontrar-se com toda a pavorosa miséria moral daquelles tempos — deite se fez a victima, que era preciso immolar ao irado Moloch da majestade ultrajada".

No momento em que, annunciada a commutação da pena em degredo, para os outros, e confirmada a sentença de morte de Silva Xavier, rejubilavam-se todos de alegria, neste momento doloroso, Tiradentes abriu o coração ao seu confessor, — *agora morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelites a quem contaminara; que isto mesmo intentara elle nas multiplicadas vezes que fora á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem delle só, victima da lei.*

Tão resignado era no soffrimento este homem excepcional, que realizava na existência o aphorismo de Chateaubriand: "A vida, sem a dôr que a toma grave, não passa duma futilidade". Mas, a dôr do patriota e mil vezes peor que esta de que falia o poeta, porque foi affrontada pelo infame apparatus do martyrio: sobre ella pompearam, escarneceram, tripudiaram ruidosamente. Não se concebe maior descaridade. Os potentados dirigentes da colonia, inflammando-se em hyocerita bajulação á rainha e á sua corte, obrigam a população a regosijar-se pela morte do martyr e, no mesmo dia da sua execução, o proprio Senado da Camara manda affixar editaes redigidos textualmente: "não esperamos ser necessário praticarem (os que não deitarem luminarias por tres dias), por ser este objecto o mais nobre dos nossos desejos de nos congratularmos pela prosperidade do governo de S. M., e felicidade que **temo**3 de termos uma soberan;/que *jamais igual a tem visto o mundo na fexcellencia e virtudes que ornam o seu throno, e que acaba de mostrar a seus vassalos o excesso de sua clemencia e piedade*". Que acaba de mostrar a seus vassalos o excesso de sua clemencia e piedade... CLEMENTE a rainha — porque enforcou: PIEDOSA — porque esartejou... Ate onde rasteja a bajulice!...

O dia 21 de Abril de 1792 raiara bellissimo no Rio de Janeiro.

O céu estentava-se limpidamente azul, lindo: azul, como as aguas tranquillias de Guanabara a rolaem suas ondas espumegantes nas praias alvacentas; lindo, como o descortino visual da serraania coberta de verdura elevando-se em picos e cabeços arogantes; transparente e infinito, inundava-se da luz dourada do sol a illuminar intensamente o scenario do sacrificio.

A natureza resplandecia de belleza, des-

pertando no intimo da alma a *faculdade apollinea* de que nos falia Nietzsche. A cidade carioca desabrochava sorridente, engalada, festiva," alheia à tragedia que se consumava, inconsciente da immolação daquelle que tanto a namorava, extasiando-se, embevecido, a miral-a em seus prodigiosos panoramas, onde a vista incendiada e a imaginação escaldante do super-homem, repousavam das fadigas nos dias febris da sua agitada existencia.

Eram onze horas, quando, no Eargo da Eampadosa, repleto de povo, por entre os sons retumbantes das fanfarras, do tropel dos batalhões de infantaria, do resfolegar da cavallaria e do borborinho da multidão, rompia o cortejo, em procissão, conduzindo o martyr.

As irmandades religiosas entoavam cânticos sagrados. A victima, de braço ao pescoço, algemado, caminhava rapidamente, em passos firmes, a todos admirando pela nobreza e coragem assombrosa patenteada deante da morte. Entre as mãos levava o crwnfixo, á altura dos olhos, e a sua alma te crente fallava pela derradeira vez ao crucificado psalmodiando David: *O' Senhor, ouve a minha oração, inclina os ouvidos ás minhas supplicas; escuta-me segundo a tua verdade, segundo a tua justiça. G vc se ha em mim algum designio mão, c guia-me pelo caminho eterno.*

Subiu os degrãos do patíbulo, pedindo por tres vezes ao algoz, por antonomasia o "Capitania", que lhe abreviasse o martyrio. Resou o *credo* e ás suas ultimas palavras, seu corpo foi lançado ao espaço pendurado na força e cavalgado pelo carrasco... Expressivo symbolo... Era o abutre sanhudo da metropole postejando o vulto da liberdade.

Neste momento um dos religiosos falia tomando o thema do Ecclesiastes: — *In cogitatione tua regi ne detrahas... guia aves cdeli portabunt vocem tuam.* Não atrações a teu rei nem por pensamentos: as mesmas aves levar-te-hiam o sentido delles. Mas, aos ouvidos de Tiradentes, a alma da patria fallando pela boca de David, ciciava-lhe estas palavras reconfortantes: — *Uma geração louvará as tuas obras á outra geração, c annunciará a tua grandeza.*

Affonso di* Freitas Júnior.

(De umi conferencia).

AS ULTIMAS ETAPAS

Génova foi uni meeting de antemão fixado para encerrar-se a 10 de maio, e o dia do termino dos trabalhos do grande certamen, tão "exclusivamente diplomático", como diria o dr. Paulo Prado, já foi ultrapassado, sem que nada de decisivo se tenha estabelecido. Para que possa volver a Londres, dizendo aos commuus que conseguiu alguma coisa na Itália, o sr. Lloyd George está alinhavando a toda a pressa um innocuo pacto prohibitivo, de aggressões, entre paizes vizinhos. Este tratado servirá de fogo de vista veneziano com que o solerte prestidigitador espera reconquistar, para o gabinete, a confiança, que elle já tem tão abalada, no seio da própria colligação.

Pelo rumo, tomado até aqui pela Conferencia, ella nada mais deu de positivo, além do tratado de Rapallo c da incapacidade dos homens ali reunidos para conseguirem a estabilização dos câmbios e a pacificação da Europa com a Rússia. E' indubitável que os italianos emprehenderam esforços heroicos no intuito de chegar-se a qualquer resultado, sendo tudo em pura perda. O poder espiritual associou-se ao poder temporal, e nem a aliança do Estado pedreiro-livre com o ultramontismo catholico aplainou o terreno áspero e terrível.

Collaborando com a obra pacifista do sr. Schanzer, encontramos d. Sturzo, o famoso secretario geral do Partido Catholico Italiano. Essa estranha figura de politico e de presbytero, não é desconhecida aos leitores do "Correio da Manhã." Quando estive em Roma, ha dois annos atrás, encontrei-me com elle durante mais de duas horas, e o resultado desse encontro enviei-o ao "Correio da MaiThã", numa entrevista que a quantos se interessam pelos assumptos de politica internacional não deveria ter passado despercebida. D. Sturzo não occupa nenhuma posição official no seio da Conferencia; mas isso não impede Lloyd George de offerecer jantares em sua honra, de Rathenau e Wirth irem procural-o ao seu hotel, vezes repetidas, e das delegações de paizes catholicos, como a franceza, a belga e a hollandeza, viverem em contacto assíduo com elle. E' que d. Sturzo representa em Génova uma força bem maior que a de Lloyd George, Harthou



ou Schanzer. Por detrás da figurinha franzina e delicada daquelle sacerdote, de olhos vivos e profundos, se acha a Igreja Catholica. Quando o sr. Lyloyd George declara em Gênova que a Etfropa só se pôde reconstruir graças a um regimen de cooperação internacional, ninguém olha o primeiro ministro inglez como o realizador desses princípios, mas sim a Igreja mesma, que d. Sturz ali representa. O secretario geral do Partido Catholic já dirigiu aos chefes de todas as delegações uma mensagem, exprimindo-lhes a necessidade da politica internacional basear-se em princípios christãos, si de facto ella pretende salvar a Europa do cahos em que esta se acha afundada.

Nenhuma outra confissão religiosa dispõe do poder da Igreja Catholica, afim de exercer no mundo uma benéfica influencia neste sentido. A Igreja romana é a única organização verdadeiramente internacional, que existe, — a Igreja das Nações não tem a quarta parte do seu valor — e o prestigio com que uma autoridade extra-conferencia, como d. Sturzo, se impõe em Gênova, constitue a maior prova do reconhecimento do poder espirital e moral do catholicismo pelos chefes de governo dos maiores paizes da Europa.

Nada, porém, até Pa obtiveram os homens reunidos na cidade da rivieira italiana, no sentido da reconstrução do continente europeu. No memorandum que os aliados apresentaram ha dias á delegação russa se estipulára o reconhecimento da propriedade individual dos estrangeiros expropriados pelo governo sovietista. Ora, em Cannes, onde se assentou a reunião da Conferencia de Gênova, uma das clausulas estabelecidas para a celebração delia foi que as nações não poderiam mutuamente dictar-se os principios segundo os quaes devem organizar o seu regimen interior de propriedade, de economia e de governo. O soviet não poderia desejar um reconhecimento "de jure" mais acabado da ordem de coisas que elle implantou na Rússia. E' exacto que, em Cannes, os francezes conseguiram enxertar, nas condições ali assignadas, uma clausula visando directamente a Rússia. Por esta clausula a Conferencia fixou não ser possível dispor de capitães estrangeiros para ir em auxilio de um Estado, que não se comprometta a reconhecer a obrigação de

restituir, restaurar, ou, na impossibilidade disto, de indemnizar, a todos os interesses estrangeiros pelas perdas e danos causados em virtude do confisco ou sequestro da propriedade. Mas esta clausula envolve uma restricção apenas para o effeito do auxilio financeiro, e não para o reconhecimento "de jure" do governo sovietista. Aliás a grande malleabilidade politica, que têm revelado em Gênova os srs. Tchitcherine e Krassine, nessa questão da propriedade individual dos estrangeiros residentes na Rússia ou portadores de acções de empresas slavas, já foi ao extremo do soviet conceder ^os expropriados um direito de emphyteuse por 50 ou 60 annos, tempo mais que sufficiente para qualquer negocio, commercialmente interessante, amortizar o capital nelle invertido. Parece que tal solução não agradou nem aos belgas nem aos francezes, que querem reintegração eterna dos seus nacionaes e dos descendentes destes nas propriedades de que foram expropriados, sem attender nas consequencias* dessa attitudde sobre a situação interna do governo de Moscou.

Como escrevi, antes de reunir-se a Conferencia, nesta columna, os delegados que foram a Gênova não souberam despojar-se de uma mentalidade nacional, para encarar o problema da reconstrução europeia com idéas e soluções de ordem geral. Gênova era uma assembléa onde se iam decidir interesses de índole economicá, e, entretanto, os dias ali se escoamf em estereis competições politicas, com o desprezo manifesto e insolente das conclusões a que chegaram as commissões technicas, para remediar-se a Situação europeia. Cada qual puxa a braza para a sua sardinha, batendo-se pela posse de esperhas de influencia economicá, politica, em detrimento do resto da comunidade europeia.

Tremenda complicação, por exemplo, é a do problema do petróleo, na Rússia. O subsolo slavo, principalmente da Rússia caucasica, tem innumeradas jazidas de naphta em exploração. Essas jazidas produziam mensalmente, no período anterior á guerra 47 milhões de puds, tendo caído em 1919 a 20 milhões. A Rússia não se acha, neste momento, em condições de explorar sósinha os seus poços petrolíferos, sobretudo porque ella não dispõe de machinas sufficientes para refinar o oleo, nem de



transporte ferroviário. A perspectiva da exploração dessa opulenta industria tem assanhado o capitalismo inglez, francez e belga, marchando todos num verdadeiro "steeply chase" para alcançar o monopólio das bacias de naphta da Republica do soviet. As empresas de cada paiz conseguiram acobertar-se sob a influencia das respectivas delegações, as quaes tentam, ora o reconhecimento dos antigos proprietários, seus nacionaes, despojados pelo soviet, ora a concessão a novas companhias, dos campos petrolíferos.

Moscou se tem opposto á entrega dos poços a uma só empresa, com o character odioso de monopólio, preferindo entrar em accordo com companhias que adaptem mais ou menos os seus methodos de trabalho ao meio social communista. O socialismo do Estado russo depois de quatro annos e meio de penosa experiencia não é mais tão rígido como a principio. Elie já admite restricções ao seu intratavel dogmatismo, com o sejam a exploração de certas fontes de riqueza publica por companhias estrangeiras e a tolerancia para com a pequena propriedade. Mas entre confiar certas fontes de produção ao capital estrangeiro e autorizar monpólios ao capitalismo de um determinado paiz, vae grande differença.

Infelizmente a boa vontade com que Moscou veiu a Genoya não foi suficientemente comprehendida senão pela delegação italiana, cujos bons officios têm contribuido, mais de uma vez, para impedir a ruptura das negociações entabouladas.

Devastada pela fome, economicamente arruinada pela guerra e a revolução, a Rússia sovietista transgiu de modo notável com o^s Estados burguezes, em favor de um plano de reconstrução geral. A França e a Bélgica chefiando a extrema direita da Conferencia impossibilitaram hoje na Rússia, como hontem na Allemanha, a politica de paz economica, salvadora dos vencidos e reparadora dos ven[^]fdores da grande guerra.

A. *Chatcaubriand.*

("Correio da Manhã").

IMPOSTO E CASAMENTO

O Parlamento hespanhol tem que deliberar sojre a cqnveniencia da adopção de um imposto para os homens solteiros.

A' primeira vista parece que a Hespanha soffre de uma crise de casamentos e esse tributo destina-se a estimular, como diria aquella personagem da opereta, o talento matrimonial. Mas o deputado autor do projecto logo explica a sua intenção: trata-se de resolver a crise financeira e não a dos casorios; o tributo é rigorosamente fiscal. Valha a_o menos, para a Hespanha, — caramba! — esta confissão; que bem menor é o vexame de um homem ou de um paiz si não tem dinheiro do que si lhe falta o gosto de casar.

Não obstante, é licito encarar a medida pelo seu aspecto social. Tão grande é o terror do imposto, que, para evital-o, o homem se aventura ao proprio casamento. Os contrabandistas arriscam a vida, atravessando fronteiras, porque detestam o imposto. Não é demais que, pretendendo burlal-o, haja quem recorra ao processo indicado na própria lei: o de contrair núpcias. Enfrentar um guarda da Alfandega sempre é mais perigoso do que adquirir uma sogra.

De sorte que, pela circumstancia de haver o meio legal de não pagar o tributo, fica o imposto na contingência de não servir para resolver a crise financeira.

Nesse ponto, ha uma única differença a estabelecer e é a que existe entre o encargo de uma mulher e o de uma taxa fiscal. Muitas pessoas entenderão que não existe differença alguma, a não ser talvez a de que o fisco exige em determinadas épocas do anno, ou em certas circumstancias da vida, ao passo que a mulher exige em todas as épocas e em qualquer circumstancia. Ha uma outra semelhança: o fisco e a mulher nunda imaginam a extensão exacta do que exigem."

O fisco tem um principio de ordem geral: é preciso arrecadar, pouco importa que a arrecadação se faça com o prejuízo evidente da collectividade. A mulher tem um principio de ordem particular, e até muito particular: é preciso gastar, pouco importa que se gaste na modista ou no perfumista. Ambos, ahí, parecem contradizer-se, porque o fisco procura fazer rendas e a mulher trata de fazer despesas. No fundo, porém, a mentalidade é a mesma, porque nem o fisco, para arrecadar, considera as condições do contribuinte, nem a mulher, para despende, comprehende a situação do seu marido.

O deputado hespanhol que teve a idéa



do novo imposto dá, assim, ao homem a escolha do mólho em que deve ser cozido, e de tal modo o embaraço da escolha se apresenta que para muitos a solução mais acceptavel seria a de demittir-se de homem.

Comtudo, ha circumstancias em que o fisco não é fiscal, e também outras em que a mulher não é, como na generalidade, tão somente a Despesa.

Em certas occasiões, o legislador apresenta e faz vingar a proposta de um tributo muito alto. De accôrdo com a verdade arithmetica, o tributo rende tanto mais quanto mais se eleva. Mas, na sciencia economica nem sempre dois e dois são quatro. Casos ha, em relação aos impostos, em que dois e dois fazem tão somente zero. Assim, por exemplo, 110 imposto aduaneiro. Supponhamos — e eu peço, para suppôr, licença ao meu amigo Mario Guedes — que a Alfandega pede dois para despachar um kilo de xarque argentino. Vem o legislador e lembra-se de que ha xarque no Brasil; propõe, em consequência, que a Alfandega peça, pelo despacho do kilo de xarque argentino, dois e mais dois. Apoiados geraes e palmas nas galerias... Que é, porém, que acontece? O xarque argentino, não podendo pagar quatro, desaparece do mercado e deixa que este se suppra unicamente do brasileiro, que nada paga, porque não vaé á Alfandega. A Alfandega, precisamente porque teve o direito de pedir mais dois, deixa de receber os dois que já recebia. De fôrma que a verdade economica subverteu a verdade arithmetica: dois e dois fazem zero. Esse paradoxo é da lei de impostos de vários povos civilizados; tem o nome elegante de protecçionismo, e o seu inimigo mais rancoroso é o livre-cambismo.

Phenomeno parecido succede a algumas mulheres. Elias casam, e, pela lei, os maridos devem-lhes o provimento da subsistência. Entram, assim na sociedade e na familia, devidamente garantidas pelo Codigo Civil, como fontes de despesa que se acceptaram. A sociedade, entretanto, não cabe toda dentro do Codigo Civil e viola-o: algumas mulheres tornam-se fontes... de receita. Assim como a lei de impostos, creando o tributo elevado, não estabelece em alguns casos nenhuma renda, a lei civil, convencida de que dá a certos homens a fonte classica das suas despesas, presenteia-o, na realidade, com uma verdadeira arrecadação. Nos paizes novos,

onde se acredita que o trabalho é uma funeção da vida e onde a falta de espirito tradicionalista infundiu no homem a idéa de que deve trabalhar para viver, ainda são frequentes os casamentos chamados de amor, e delles é que nasceu essa especie de crimes muito festejada, a especie dos crimes passionaes; porque um dos cuidados das creaturas que se amam desesperadamente é, na hypothese dos amores mórbidos, mandar uma a outra para o cemiterio. Nas civilizações antigas, saturadas das conquistas sociaes, que representam, afinal, através dos séculos, a luta primitiva que o homem travou nas cavernas e hoje trava na Bolsa, o casamento toma a fôrma dum contracto civil, levado ás ultimas consequências. O homem, antes de casar, procura conhecer o dote de sua mulher, o dote e não os dotes. A mulher, por seu lado, sabedora da escripturação mercantil, levanta um balanço dos negocios do marido e, si não ha perigo de fallencia, fecham os dois o negocio, parecendo, aos olhos do mundo, que fecharam apenas os braços um sobre o outro. Esta sociedade de responsabilidade limitada começa a operar. Mas não é raro que a parte da mulher subrepuje a do marido. Este passa á condição dum méro socio de industria. A mulher não lhe pesa como um encargo; allivia-o como um recurso e, nas occasiões graves, é até capaz de realizar, eila só, a incorporação duma companhia.

Tudo isso mostra como o fisco e a mulher, a mulher e o fisco não assentam a sua existencia sobre principios uniformes. Por ahi se calcula sem difficuldade o embaraço que vaé crear no Parlamento hespanhol o projecto de um imposto para os homens solteiros.

O deputado proponente tem em vista crear recursos com que alimentar a campanha de Marrocos. Si os hão de pagar os individuos casados, que os desembolsem os solteiros. Restaria provar si uma campanha como a de Marrocos, isto é, uma campanha militar, vale um imposto. A Hespanha, nos quatro annos e tres mezes em que o mundo se afogou no delirio da morte, deu mostras de grande bom senso, porque os seus soldados pareciam feitos para serem guardados no[^] quartéis. Agora, quando todo o mundo guarda os exercitos, ella quer exhibir o seu; e ha quem imagine um imposto, um imposto, deante do qual o hespanhol fica



nesta alternativa: ou pagar ou casar. Que se pague para fugir da guerra, bem; que se faça a guerra para não pagar, melhor, lias que se dê a um tempo o imposto, a guerra e o casamento, eis o que prova o heroísmo real da real Hespanha: ella quer resgatar, pelo soffrimento intensivo, agora, o que deixou de soffrer quando os outros gemiam...

Costa Rego.

("Correio da Manhã").

PARTIDA DE POCKER

Meu xará, sr. Hélio, Hélio Edinelli, mandou-me, de presente, a chronica abaixo.

Historias de caipiras. Todo o mundo sabe que adoro as historias de caipiras... nos ranchos de pouso, entre um floreado de viola e um moka quentinho, e nas chronicas ephemerias dos jornaes.

Nas letras — nessas circumspectas e ferozes bellas letras, que celebrizam os homens que as faiem com talento' — detesto-as, como detestaria um rôlo de fumo em corda numa sala de visitas...

Vai, pois, a historia:

"Um caipira achava-se, certa vez, a conselho medico, em tratamento em uma das nossas estações de aguas.

Vida insípida ahi passava o pobre Géca, principalmente á noite, em que, acanhado, se conservava afastado do, bulício dos salões e das rodas alegres.

Cavalheiros condoidos, convidaram-no a distracção.

— Vamos, meu caro senhor, a uma partidazinha do nosso pocker.

— Mas, não vê que eu não sei...

— Ora, não ha difficuldade, é um jogo fácil, nós lh'o ensinaremos, apenas uma rodada, e o senhor o jogará como qualquer de nós.

E ensinaram ao caipira todas as peripécias do jogo, fornecendo-lhe uma lista a lápis, em que estavam assentados, gradual e successivamente, os diversos valores das combinações, desde a "carta maior", o "par", o "fuland", até ao "royal street ; flux."

Começou o jogo. Ficha a 1\$000.

O caipira, com a lista ao lado, deante da aposta de um dos parceiros, considerava attentamente as cartas que tinha em mão, e, em seguida, deslizava o dedo pela lista

abaixo, até encontrar o valor dá combinação das suas cartas.

Conforme esse valor, "ia vêr", "passava" ou "repicava" o jogo.

Parceiros, a principio distrahidos puzeram reparç, á socapa, no dedo do Géca, e quando apostava, depois de haver dissimuladamente, deslizado o dedo até ao "fuland" ou vizinhanças, fugiam na certa. Era jogo grosso. E era mesmo.

Houve uma abertura de "terno." Mesa grossa. Géca consultou a lista e "repicou" o jogo.

Pedidos de cartas, "plantadas", etc.

O "abrão" apostou 100\$. Houve um "passé." Os olhares, por baixo, fixaram-se em Géca.

— Tô filano! Deixem eu vêr si posso ir vêr.

E viram-no deslizar, circumspecto, pela lista abaixo, o dedão de unha amarella.

— Sim senhores, "vó" os 100\$ e mais 100\$.

Um parceiro, com um esplendido "street" a valete, trepa os 200\$ e mais 200\$.

O "abrão", com um bello "Tuland" de rei, "passa." E' a vez de Géca.

— Vamos, cavalheiro, são mais 200\$.

— Esperem um pouco, quero vêr si posso ir vêr.

E' nova consulta á lista, comparando as cartas e deslizando o dedo até ao ultimo jogo — royal!

— Sim senhores, os 200\$ e mais 500\$!

Silencio, nervosismo, fungos, pigarros... e todos "passam."

Um propõe:

— Estamos entre amigos; o senhor — voltando-se para o caipira, — aposto como tinha um "royal street", não?

Géca mostra a lista:

— Não senhor, o jogo que eu tinha, "meceis" não "ponharam" aqui na lista, era i tal "de brêfe!"

Heitos.

("Correio Paulistano").

O RAID AE'REO

Foi um latino, foi um brasileiro, quem, em 1709, 74 annos antes de se realizarem em França as experiencias de appparelhos aerostaticos dos irmãos' Montgolfier (1783), aos quaes, se attribue inexactamente a gloria de descobridores da navegação aé-

«

rea, foi um latino, foi um brasileiro quem praticamente, pela primeira vez no mundo demonstrou em Lisboa, a possibilidade de, — conforme elle declarou em memorial a lyl Rei, — "andar-se, num instrumento por elle inventado, sobre o ar e sobre a terra, podendo-se ir até aos pólos e alcançar grandes vantagens na arte da guerra, com correspondência e sabida de praças sitiadas": — Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o verdadeiro precursor dos aviadores.

Foi um latino, foi um brasileiro, quem, em 1901, alcançou em Paris memoráveis triumphos na navegação aérea, dando passos decisivos na resolução dos problemas a cila attinentes, merecendo que lhe erigissem um monumento na cidade-luz a capital do Occidente: Alberto Santos Dumont.

Foi um latino, foi um brasileiro, quem, ainda em Paris, em 1902, sacrificou a vida no aerostato de sua invenção — "Pax", — com o denodado empenho de resolver a dirigibilidade dos balões: Augusto Severo.

Foi um latino, foi um brasileiro, quem, em 1881 e 1882, publicou vários escriptos sobre navegação aérea e realizou, em Paris, no Pará e nesta capital, notáveis experiencias, 'em apparatus de sua invenção, alcançando os seus trabalhos favoravel parecer de um jury scientifico, do qual foi relator o actual almirante barão Teffé: Julio Cesar Ribeiro de Souza.

Ao estudo da aeronautica e á construcção de um balão por elle imaginado consagrou as suas ultimas energias e recursos o grande tribuno e jornalista da Abolição: o latino e brasileiro José do Patrocínio.

Assim, pois, agora que dois latinos, dois portuguezes, dois officiaes da marinha lusitana, devassadora dos mares, emprehendem, pela vez primeira, a travessia do Atlântico, no hemispherio meridional, deve saudal-os, com effusão sincera a patria de Bartholomeu de Gusmão, de Santos Dumont, de Augusto Severo, de Julio Cesar Ribeiro, de José do Patrocínio.

No hemispherio septentrional, inglezes e americanos, — A. C. Read, John Alcock, Harry G. Hawker e Scott, — effectuaram pelos ares, em 1919, a viagem entre o Novo e Velho Continente.

Mas, incontestavelmente, o commettimento dos Srs. Sacadura Cabral e Gago

Coutinho leva considerável vantagem sobre os precedentes, attentas as condições deste ultimo e as daquelles.

Os dois aviadores portuguezes revelaram coragem, sciencia, pericia, confiança, energia, vigor, devéras extraordinários; adquiriram jus ao applauso, á admiração, á nomeada, á gloria que nenhum espirito esclarecido e recto lhes poderá recusar.

Muito natural é o enthusiasmo que têm suscitado, mormente entre os seus compatriços, com razão ufanos.

Cada vez mais imbuído de ideias e sentimentos nacionalistas, convencido de que no genuíno, elevado, imperterritito nacionalismo está o programma vivificador do Brasil, não me julgo, por isso, coacto para cordialmente saudar os dois novos heróes da antiga metropole.

Ao contrario; regozijo-me de que pratiquem nobres feitos os descendentes dos antigos colonizadores do meu paiz.

Professores de ardente nacionalismo encontram-se numerosos e egregios em Portugal.

Eis o infante D. Henrique, o Navegador, o fundador da fecunda escola de Sagres; eis Vasco da Gama, o protagonista da epopeia çamoneana; eis Affonso de Albuquerque, o architecto do immenso império lusitano no Oriente; eis D. João de Castro, o insigne vice-rei da índia; eis o condestavel Santo, D. Nuno Alvares Pereira, contemporâneo e em algo emulo de Joanna d'Arc; eis D. João I, o Defensor do Reino, o de Boa Memoria; eis Luiz de Camões, o cantor das grandezas nacionaes; eis Almeida Garrett, o propugnador do tradicionalismo e dos velhos modelos pátrios; eis tantos outros, animados do sublime amor da patria, — "não movido de premio vil, mas alto e quasi eterno."

Ensinaram todos esses pela palavra, e, melhor ainda, pelo exemplo, que os filhos da patria devem amar vehementemente a patria, dedicar-se á patria, sacrificar-se pela patria, defender a patria, impedir, com maximo esforço, por todos os meios dignos, que a patria seja invadida, ultrajada, vilipendiada, illegitimamente explorada por quem quer que seja, pondo acima de quaesquer considerações ou interesses particulares, o decôro, o pundonor, a autonomia, a completa independencia da patria.

Este modo de ver, de sentir, de proceder, é o que os nacionalistas brasileiros,



á imitação dos nacionalistas de outros países, especialmente dos portugueses, desejam inculcir, propagar, desenvolver na intelligencia e no coração do Brasil.

Tal nacionalismo rende preito a todo acto de galhardia, denodo, abnegação, por parte dos brasileiros ou de outros povos, e almeja que factos dessa natureza se reproduzam em nosso sólo, com brilho superior aos de outrem.

Acclama sempre o que, sobranceiro e leal, paira nas culminancias, no horizonte claro; aborrece, repelle, combate, o ras-teiro, o pérfido, o affeito a sordidos embustes, a illicitos, a inescrupulosos manejos.

"Gloria a Deus no mais alto dos céus, e, na terra, paz aos homens de boa vontade", dizia a multidão da milicia ce-leste, annunciando a vinda do Redemptor.

Homens de boa vontade, os nacionalistas aspiram á paz com honra, a única paz admittida pela consciéncia, e levantam os olhos para as alturas celestes, donde só o bem costuma vir.

O contratempo succedido aos aviadores portugueses não lhes diminue, antes lhes augmenta o valor da bella aventura, patenteando-lhes os formidáveis perigos.

"A vaincre sans péril on triomphe sans gloire" — ensinou o Cid.

Affonso Celso.

("Jornal do Brasil").

MEALHAS

E' a vida social grande excitante para o espirito. Vê-se, ouve-se, observa-se, analisa-se, como se passassemos a humanidade em revista. A' nossa frente desfilam os ridiculos e as paixões, em cortejo variado e pittoresco. Variado, principalmente, no aspecto — vulgaridade. O museu da chatice exhibe a nossos olhos seus infinitos especimens, com todas as modalidades possíveis.

Uma louca sabe geographia, faz contas, conjuga verbos.

Diz sua antiga professora:

— Vejam a solidez do ensino que administro. Depois de frequentar minhas

aulas em menina, perdeu a intelligencia, mas não esqueceu minhas lições.

Poder-se-ia objectar:

— E' que na escola lhe cultivaram outra zona do espirito, que não propriamente a intelligencia.

E' essa "outra coisa", infinitamente menos importante que a intelligencia, que os mestres, de ordnario, cultivam nas escolas.

Quem dá a esmola, deve ter em vista o dever; quem a recebe, o favor. Quantas vezes, porém, não se invertem esses pontos de vista, attentando o que dá para o favor que faz, e o que recebe para o dever de dar a que primeiro obedeceu!

E' o que explica muitas ingratidões.

A philosophia é como as armas: delia pôde fazer-se bom e máo uso.

Mais de uma vez, "in mente", já descobri o motu-continuo. Ao gritar enreka, medito e vejo uma falha na engrenagem. Remedio-a. Triumphei? Falha o systema por outro lado. Concerto-o. Está perfeito. Não! Vejo novo defeito... E' um succeder-se interminável de falhas, primeiro despercebidas, depois nitidas, conforme a attenção que se lhes dá.

As generalizações de certos sociologos, taes conceitos philosophicos muito amplos, dão-me a idéa desses improvisos de meu dilettantismo mecânico. Quanto motu-continuo dessa especie não forjamos a cada instante no terreno das idéas!

A vida é boa — nós é que não sabemos vível-a. Queremos que ella se adapte a nós, em vez de nos" adaptarmos a ella.

Aos vinte annos, somos o barro não modelado. Com o tempo, essa massa amorpha vae tomando contornos nitidos. Dizemos, então, que se está formando o character. E' uma crysallização lenta a formar-se no seio de uma dissolução. As

idéas também crystallizam-se, e nossas opiniões se tornam menos malleaveis.

Aos vinte annos, entre espirito e espirito ha mais affinidades. Somos líquidos diversos que se misturam facilmente. E' até essa época que se cimentam as amizades. Depois, passa-se ao estado solido... A adhesão é mais difficil; em consequência, as affeições restringem-se.

Naquella idade temos vocação para tudo, queremos tudò ser. Estamos numa encruzilhada. Com a elaboração dos annos, as nossas vocações limitam-se em numero, cerceiam-se, rareiam e, afinal, não vemos para a nossa vida senão uma directriz única.

Está formado nosso character, isto é, achamo-nos mais ou menos mumificados. Somos "especie", depois de ter sido "genero,"

Em todo o negocio ha sempre um pouco de favor, duma ou doutra parte. Recebe o favor o que mais precisa ou o que menos esconde sua necessidade.

Si aos moços aterra a idéa de que um dia serão velhos, é porque vêem a velhice com os olhos da mocidade. Acham-n'a horrivelmente triste. Seria assim triste, si envelhecessemos repentinamente, aos vinte annos. Mas não! Preparamonos, adaptamo-nos, e si em moços nos é doloroso renunciar á vida, que enxergamos bella, velhos o sacrificio não será grande, tão arida, inútil e amargurada a verão nossos olhos através das recordações das maguas soffridas.

Precocidade damninlia.

Diz-me F., apontando uma creaturinha de tres annos, que tomou parte numa festa escolar:

E dizer que "aquillo" já recita "A Doida de Albano!

Muito mais pittoresca e accidentada que a vida humana, deve ser a vida de uma formiga. A natureza, para esses insectos, tem mais rudeza, mais imprevisos cata-

clysmos, do que para nós. Estão, a este respeito, como nos achavamos nas primitivas épocas geologicas, quando nos cercavam uma natureza aggressiva e elementos desordenados.

Espanta-nos uma enchente: a formiga tem-n'a, a cada chuvada, formidável, assoladora, espalhando interminos oceanos pelo sólo, penetrando-lhe as galerias subterreas, como torrente invencível. Como tudo é risc'o P^{ta} a sua fragilidade! A menor touça de relva é para ella uma "selva selvaggia", e em toda parte vê-se cercada de monstros horrentes.

Costumamos considerar os objectos que nos cercam como entes animados que nos falam uma linguagem amiga.

E' uma vida reflexa, porque a verdade é que estamos cercados de cadaveres. A madeira da mesa, da regoa, da caneta, são pedaços de cadaveres mumificados de vegetaes. O couro das encadernações foi tirado de cadaveres de animaes. A lâ do vestuário, o feltro e a palha dos chapéus são tecidos mortos; lembram a morte, em sua inércia, as substancias mincraes; até o relógio, que palpita como um sér vivo, emprestando uma alma á solidão de nosso gabinete, é um morto, no qual injectamos periodicamente a vida illusoria do som e do movimento.

O que não é a morte, é inércia. Nós mesmos, nossas aspirações, nossa consciência, somos resultantes inevitáveis de causas absolutamente inconscientes e factaes.

Distinguimo-nos do relógio, por ser mais duradoura nossa "corda" vital, a qual tem, em comparação com a daquelle, a inferioridade - de não poder sor dada de novo.

Ha pessoas que escrevem, ha-as que inventam, que viajam, e ha também pessoas que brigam, para quem a briga é um desporto predilecto ou uma necessidade organica. Nunca lhes falta matéria para "arrelias." Ponham-n'as no ermo e em isolamento absoluto, que ainda hão de esmurçar as pedras ou a si próprias. Têm no espirito um certo potencial de "electricidade biliaria", que exige descargas e se descarrega aos mínimos pretextos. A ex-



perieencia da vida não as modifica. Aos oitenta annos ainda conservarão seu natural litigioso.

Godofredo Rangel.

("O Dia").

J. CASRER BRANNER

Respondendo á pergunta — "Que faria se fosse um estudante no Brasil?" — proposta pela revista nova-yorkina "El Estudiante Latino-Americano", J. Cásper Branner, o grande amigo do Brasil ha pouco fallecido escreveu o seguinte interessante artigo:

"Estudante recém-vindo ou estudante de volta para o seu paiz? A qual dos dois se refere a pergunta que me faz o redactor de "El Estudiante?"

Um estudante recém-chegado tem a obrigação de ajustar-se ás condições e circumstancias de uma vida já de antemão determinada. Mas, concluidos os estudos, o moço formado se vê logo em face dos problemas da vida no Brasil, e a verdadeira questão vem a ser esta: Que aprendi eu nas universidades da America do Norte, e entre o povo deste paiz, que se possa tornar especialmente proveitoso ao Brasil? Por que meu pae me mandou aqui? Ora, que tres vezes tres são nove é um facto tão bem conhecido no Brasil, como no Estado de Nova York. E com todos os demais factos da sciencia e o mesmo. A grande lição de meus estudos, de minhas observações neste paiz ha de ser outra. E' claro que meu pae não me mandou tão longe afim de adquirir um pouco mais de traquejo na lingua ingleza, ou para comprar essa roupa nova que lá vae tão bem arrumadinha numa mala nova, que sabe ficar de pé. Quanto aos meus estudos universitários, o meu paiz já está cheio de engenheiros sem emprego e sem esperança, e meu pae está bem ao par deste facto. Levar para o Brasil mais um diploma, testemunha de quatro ou cinco annos de estudos, é uma formalidade van, se não for acompanhada da resolução de servir meu paiz e de contribuir para a verdadeira grandeza delle.

Quem responde aqui a estas locubrações do novo bacharel, que está confron-

tando a vida sériamente pela primeira vez, é um ancião que passou cerca de dez annos no Brasil, viajando por toda a parte, notando com sympathia as condições de vida, achando e accetinas com franqueza a verdadeira hospitalidade que só os brasileiros de todas as classes sabem dispensar a todo o mundo.

Dos muitos casos iguaes que encontrei durante aquelles dez annos, conto aqui dois que me impressionaram, e que podeni ser accetitos com exemplos do quanto um individuo pode fazer para servir o paiz natal.

No anno de 1879 visitei a cidade de Diamantina, Provincia de Minas Geraes. Numa villa vizinha, chamada Beribery, achei uma bem montada fabrica de tecidos, conhecida por toda a parte como a "fabrica do bispo"; estabelecimento onde se empregavam centenas de pessoas e que fabricava do algodão alli cultivado uma especie de panno chamado brim mineiro. Naquella região, tão longe da costa, tão remota de estradas de ferro, a fabrica, composta de tantas pecas e machinas tão pesadas e ao mesmo tempo tão delicadas, pareceu-me um verdadeiro milagre. Porque naquella época a Estrada de Ferro Pedro Segundo, hoje chamada Central do Brasil, só chegava á estação de Sitio, logo ao sul de Barbacena; e no anno da inauguração da fabrica, creio que a ultima estação era Juiz de Fóra. As estradas que tinha atravessado na minha viagem a Diamantina pareciam, em certos logares, próprias só para os gatos. Carro por alli não passava, nem de quatro rodas, nem de duas, nem de roda alguma. Em vista das distancias e das difficuldades no transporte do machinismo pesado, e no estabelecimento de uma industria que demandava trabalhadores peritos e regulares, fiquei muito interessado na historia da empresa e dou aqui um breve esboço do relato recebido da familia do bispo mesmo.

O bispo de Diamantina, fundador da fabrica, era membro de distincta familia mineira, e irmão do dr. Joaquim Felício dos Santos, o distincto historiador, autor da Historia do Districto de Diamantina, e senador do Império. Interessando-se pelos orphans e orphans da sua diocese, e querendo tornal-os independentes, o bispo lembrou-se de procurar para os mesmos



algum emprego que pudesse, ao mesmo tempo, servir aos habitantes do districto diamantino. Não obstante a distancia do Rio de Janeiro a Diamantina (mil kilometros ou mais) e não obstante a falta de estradas de rodagem, sem falar em estradas de ferro, o bispo mandou comprar em Massachusetts todo o mecanismo necessário para uma grande fabrica de tecidos, e ao mesmo tempo, chamou um homem de experiencia capaz de montar tudo, dirigir o serviço e ensinar os operários. Com o tempo, as cargas chegaram ao Rio, foram despachadas e chegaram ao fim da linha da estrada de ferro, naquella tempo mais ou menos na altura de Juiz de Fóra. De lá embarcadas nos carros pesados, de duas rodas de madeira, e puxados por bois, fizeram a viagem penosa ás cabeceiras do rio das Velhas. Allí o bispo mandou construir barcas especiaes para levar-as rio abaixo até á latitude de Diamantina. Do porto de desembarque, na margem do Rio das Velhas, mandou abrir, pela mata virgem, uma estrada de rodagem, e as machinas, carregadas de novo em carros e puxadas por bois, chegaram, afinal a Beribery, perto de Diamantina e logar escolhido para a fabrica. Sinto não me lembrar com certeza do anno da inauguração do serviço da fabrica; mas, quando passei por lá) no anno de 1879, ella já estava funcionando ha muitos annos e dava emprego a centenas de pessoas, num serviço bem estabelecido, que não só animou a cultura de algodão em Minas Geraes, mas era uma santa graça para o povo de toda aquella região, além de fornecer brim par todo o mundo a preço razoavel. E tudo isso e muito, muito mais era o resultado dos esforços de um só brasileiro patriótico, o bispo de Diamantina.

O tempo que levou para estabelecer esta empresa, o dinheiro que custou, o trabalho que deu, só saberá apreciar devidamente quem tiver tido experiencias com os bois bravios, os carros pesados, e as estradas impossiveis daquellas partes do Brasil, aquelles tempos, sem falar das embarcações e das difficuldades da Navegação do rio das Velhas e de carregar e descaregar pesos enormes.

Mas o bispo de Diamantina não ficou satisfeito com aquelle serviço publico. Imaginando-se de que os diamantes de Dia-

mantina eram mandados todos para a Europa para alli serem cortados e polidos, e depois muitos delles vendidos no Brasil mesmo, mandou vir machinismos e pessoas competentes para dar instrucção no preparo dos brilhantes, e estabeleceu allí em Diamantina uma industria que logo deu emprego á mocidade mineira.

Dizia o bispo: "Dar esmolos aos pobres é serviço duvidoso, quer a Deus, quer aos pobres; mas dar aos pobres oportunidades de ganhar a vida é genuíno serviço á raça humana". Amen e amen!

Mais um caso: Ha poucos annos estava eu de viagem numa estrada de ferro no sertão do Brasil, onde as distancias entre as estações eram muito grandes. No meio daquella matta houve um desastre: a locomotiva de nosso trem escangalhou-se e ficámos, os passageiros, nas condições de ouvir os "espantagados" toda a noite. A impressão tornou-se certeza depois de ver o machinista do trem, de cuja habilidade dependia tudo. Era um typo interessante. Encarou o desastre como se fosse coisa de todos os dias, e, quando o conductor quiz mandar pedir das officinas outra locomotiva, disse: "deixe estar que eu arranjo", e não se incomodou.

Era moreno, de pés descalços, sem chapéu, vestido de calças de brim azul e de camisa de meia sem mangas; detraz de uma orelha levava um palito, e detraz da outra um pedacinho de cigarro de palha. Olhava para a machina dstrahidamente, e cuspiu de vez em quando pelo buraco feito pela falta de um dente.

Afinal chamou o foguista e mais uns empregados do trem, mandou juntar uma porção de pedaços do "tender", tirou uns trens, e, dahi por diante, mettu-se ao meio do negocio e tomou conta de tudo, como homem acostumado a fazer e a mandar fazer. Logo vi que havia allí mais um exemplo de que não se póde julgar um homem pela roupa que traz ou que não traz. Dentro de duas horas a locomotiva apitou, e o trem seguiu viagem.

Poucos dias mais tarde dei com o engenheiro arrendatario daquella estrada e ouvi, pela primeira vez, certa parte tia historia do machinista. Havia annos, lembrara-se de mandar vir de Baldwin Locomotive Works, de Philadelphia, um machinista perito para estabelecer e tomar conta das officinas de ferro no intuito

de ensinar aos machinistas brasileiros tudo que se refere aos carros e machinas da companhia. Um rapaz de quinze annos, entrando para o serviço da companhia recebeu instrução systematica, ficando perfeitamente instruido a respeito de todas as peças e funcções das partes da locomotiva. Era elle mesmo capaz de construir uma locomotiva completa com as mãos próprias. Só depois de passar esta aprendizagem foi admittido á classe dos machinistas e* julgado competente para tomar conta de uma machina na estrada. Desta maneira, todo o machinista era formado, perito e mestre. Com o tempo, um destes tomou direcção das officinas da companhia, e nunca mais foi preciso mandar vir machinistas de fóra. E' um serviço que hoje faz honra á directoria da estrada e ao paiz.

Contei estas duaê historias afim d; mostrar como um brasileiro de força, intelligencia, e altruismo pode, com paciência e geito, importar e estabelecer no Brasil, industrias ou instituições de grande utilidade. Se não me engano, os moços brasileiros que vierem estudar na America do Norte são homens selectos, homens de força de idéas, e fem duvida têm notado "qui muitas coisas e muitos methodos que podem prestar bom serviço ao Brasil, quando em mãos competentes e de boa vontade. E "se eu fosse estudante brasileiro", voltando ao meu paiz natal, faria tudo no meu poder para guardar estes dez mandamentos:

I — Levar para meu paiz todo e qualquer melhoramento que possa tornar-fe util ao meu povo.

II — Animar no meu paiz a agricultura e criação, e descobrir e animar novas industrias florestaes.

III — Animar o interesse popular nas empresas de utilidade publica.

IV — Animar a construcção de boas estradas de rodagem, especialmente no interior do paiz. Boas estradas não são apenas negocio de luxo para donos de automoveis mas para facilitar a exportação dos habitantes do interior.

V — Procurar meios de introduzir no commercio estrangeiro a farinha de mandioca.

VI — Animar a cultura e estabelecer a exportação de frutas brasileiras. (Certas frutas brasileiras supportam perfeitamente a viagem á Europa ou a Nova York).

VII — Procurar animar a lavoura pequena que possa dar emprego aos lavradores de capital limitado. (Café e assucar exigem grandes capitaes, e o homem de capital modesto fica desanimado).

VIII — Animar o uso de comidas brasileiras. (Os brasileiros sabem preparar muitos pratos excellentes que são desconhecidos no estrangeiro. Essas comidas serão contribuições de alto valor para o bem estar da raça humana. Sem dar uma lista completa, aqui estão alguns pratos brasileiros que nem os melhores "chefes" de Pariz podem exceder: feijoada, mocotó, bacalhau com leite de côco, camarões, polvo, canja de gallinha, farofa, pirão, arroz brasileiro, frutapão, doce de leite, cuscuz, palmito, mariscos, mate, guaraná, e muitos outros. Quanto ao café, só o brasileiro sabe fazel-o).

IX — Fazer esforços para animar melhor a instrução das meninas. Uma mulher instruida será uma força importante para o futuro do paiz.

X — Amar o meu paiz, sympathisar com meus patricios, e fazer tudo no meu poder para cultivar e conservar nossa lingua portugueza, e para animar o estudo delia."



DEBATES E PESQUIZAS

ANIMAES PROCESSADOS E JUSTIÇADOS

A superstição humana tem conduzido a justiça por verêdas escusas e tortuosas, transformando as decisões e sentenças em iniqua e contraproducente repressão. Longe de corrigir, as sentenças injustas ou mal proferidas semeam desordens e anarchia.

Na medieva-idade, foram sacrificados milhares de individuos, familias inteiras, por superstição.

Voltaire avaliou em cem mil pessoas; Sardou, moderadamente, achou que esse numero ficava muito aquém do verdadeiro.

Uma suspeita frivola sobre qualquer cidadão, era o fundamento da denuncia que em geral terminava pela sentença condemnada a ser queimado vivo, por ser feiteiro. Ha motivos curiosos, considerados como indicio certo desse crime. Houve condemnações de individuos porque foram encontrados tarde da noite perto de um cemiterio; porque eram capengas ou côxos, porque não riam para ninguém. O pacto do diabo encontrava sempre um traço revelador, positivo, para accender a fogueira. A religião, na maioria dos casos, a religião não, os seus membros foram os grandes promotores de fogueiras humanas. Não pararam ahí os rigores da justiça medieva, ou quando em plenitude florescia o direito feudal dos condes, barões, morgados, duques, etc., ou quando esse direito começou a se abrandar, pelas conquistas humanas sociaes e politicas, accordand_o a consciência entorpecida.

Os pobres irracionaes, os animaes in-

conscientes, expiaram dolorosamente a delinquencia commetida por sua condição de conformar com as mais formaes accusações, mentidas ou verdadeiras; não podiam oppôr a sua palavra á dos accusadores. Sob um grande silencio, comparavel, apenas, ao silencio dos innocentes que não têm illusões quanto á parcialidade do juiz e injustiça das sentenças, eram processados, julgados e justicados. Não é uma invenção; para consolidar o noss_o enunciado citaremos algumas sentenças curiosas, de animaes justicados na França.

Em 1266, em Fontenay-aux-Roses, uma ordem dos officiaes de justiça do Monasterio de Santa Geneveva, sentencia um porco a ser queimado vivo por ter comido um menino. E' curioso, porém, ha mais,

Em 1386, o juiz de Falaise (Calvados), depois de estudar o processo lavrado contra uma porca que atacou e feriu um menino, exarou a seguinte complicada sentença:

"Deverá ser mutilada, cortando-se-lhe uma perna e um pedaço da cabeça; depois enforcada, por haver arrancado o braço de um menino, mordido o rosto e matando por ultimo. O executor desta sentença deverá receber para o fim de cumpril-a sem tocar no pello da condemnata um par de luvag que será pago pelo thesoureiro da real fazenda nesta villa."

Outra curiosa sentença do baili_o da Abbadia de Beaupié, em 1499. Esta Abbadia fica próxima de Bauvais. O bailio, depois de cuidadasas investigações condemnou um touro que "por sua fúria matou a chifrada uma menina de 15



annos, da senhoria de Contry, dependente neste bailiato."

Vou transcrever integralmente outra sentença:

"Aos dezoito de abril de 1499, segunda-feira, neste juizo do bailio de Abbadia de Josaphat, senhorio de Chartres; vistos e examinados os autos do processo criminal, ante nós instaurado a pedido do Procurador dos Senhores Religiosos, abbadia e convejito de Josaphat, contra Jean Delande e sua mulher, em custodia na cadeia local, em razão da morte na pessoa de uma menina chamada Guillon, de anno e meio de idade, amamentada por sua própria mãe; a qual menina foi morta por um leitão, mais ou menos de tres mezes de idade, pertencente aos citados Delande e mulher, conforme confessaram; pelo que se refere ao dito leitão, o temos condemnado, como condemnamos a ser enforcado, com a presença de seus donos. Esta sentença é definitiva e ajustada na fôrma de direito. Com o sello das causas do dito bailio dada e passada no anno e dia acima. E por ser verdade assigno com a minha rubrica. C. Driseg."

Para concluir, transcrevemos a conta de gastos feitos com uma dessas execuções, em 1413, em Montes-Ea-Jolie.

"Simon de Baudemont, tenente em Moulent, pelo nobre nome de Jean, senhor de Maintenon, camareiro do Rei, nosso senhor, e seu bailio em Mantes e do sobre-dito logar Moulent, faz saber o seguinte: Para fazer cumprir justiça com uma porca que devorou uma criança, reunii as despesas abaixo declaradas, relativas á execução da sentença: gastos feitos com a alimentação da alludida porca no calabouço, — seis soldos; idem ao executor das altas sentenças, vind^o de PaVis, a requisição deste Bailio e do procurador do Rei, — cincoenta soldos; idem, para cordas afim de amarrar e enforcar a criminosa, — dois soldos e dez dinheiros; idem, para o carro que transportou a criminosa ao patibulo, — seis soldos; idem Para as luvas, — dois dinheiros; estas partidas sommam 600 soldos e 8 dinheiros. II por estar certo, mando sellar com o meu sinete de bailio e serthoriagem aos quinze dias de março de mil quatrocentos e treze. (Assignado) De Baudemont."

Como os tempos mudaram, rimo-nos hoje dessas sentenças curiosas, e deploramos

que nem sempre os tribunaes de hoje applicam a justiça sobre os homens.

Ha criminosos absolvidos e innocentes condemnados... da raça humana.

("D'O Jornal").

O FUMO COMO ANTISÉPTICO

O fumo já não é mais considerado um veneno. Pelo contrario, alista-se entre os mais úteis desinfectantes da cavidade bucal, do aparelho respiratório e mesmo do digestivo, preservando-as de numerosas e graves infecções contagiantes.

Partiu a nova ideia do professor Vittorio Pantoni, de Roma, que estudou detidamente as qualidades antisépticas do fumo que se desprende de um cigarro ou clia. ruto italiano. Começou — escreve o dr. Enrique Bouquet, em "Le Monde Médicale", de Paris — repetindo as investigações levadas a effeito em outros laboratorios. Fez passar uma corrente de fumaça de tabaco, através de diferentes culturas microbianas, taes como o bacillo do cholera, meningococo, bacillo de Pfeiffer, fer, bacillo de febre typhoide, bacillo diptherico e microbios da supuração. O resultado f^o idêntico ao obtido por seus predecessores, evidenciando-se o poder desinfectante do fumo, principalmente sobre os microbios que mais frequentemente abrigamos em nossa bocca: o do cholera, o meningococo e o de Pfeiffer[^]

O eminente physiologo crê, no emaftto, — e com muita razão — que estas condições experimentaes não são precisamente as que se verificam em nossa bocca, uma vez que a saliva pode diluir os componentes antisépticos e a mucosa fixal-os. Repetiu, então, suas investigações, concluindo por verificar que a acção destructora do fumo não é segura sinão contra alguns microbios, que, segundo elle, são muito frágeis para todos os antisépticos. Entre esses, figura o bacillo do cholera e o meningococo. O bacillo de Ebert e diptherico resistem-lhe. Finalmente, o bacillo da tuberculose desafiaria, ao parecer, os excessos dos mais inveterados fumantes. Ademais, esta acção desinfectante não passa da bocca, fazendo-se sentir muito atenuada nas vias aereas superiores. Não obstante, podemos considerar" como não desprezível esta destruição do germens patho-

genos, que figuram entre os mais perigosos.

Concluindo sua exposição, diz o dr. Bouquet que se corroboram assim as observações feitas durante algumas epidemias, especialmente na de meningite cerebro-espinal, que tantos estragos fez ha pouco nos quartéis: os soldados, que fumavam, muito pouco soffreram. Durante o cholera, que dizimou a população de Hamburgo em 1912, nenhum operário da fabrica de fumo foi atacado — coincidência que não deixa de ter certo valor.

A IMBUYA E O FERRO

A inauguração da fabrica de papel de Cachoeirinha, no Paraná, notabilizou-se pela introdução no Brasil, mesmo na America do Sul, de uma das ultimas conquistas da engenharia moderna, qual seja a construção de canos de embuya adductores de agua.

De facto, não mais se utilizou o ferro para tal fim. Foi-se buscar a embuya, que sobre aquelle leva vantagens no caso. Pode-se dizer que os canos dessa madeira são eternos, pois não soffrem a acção destruidora da ferrugem nem apodrecem. A agua, exercendo forte pressão sobre suas paredes internas, infiltra-se por todas as fibras, mantendo-as constantemente embebidas o que, é sabido, evita a putrefacção da madeira.

O cano adductor da usina de Cachoeirinha é construído com taboas de embuya da largura approximada de 3 pollicias, funcionando como aduelas de barriça, com a espessura de pollegada e meia e comprimento de 16 palmos, unidas uma á outra por uma tira de aço embutida e reforçada externamente com aros de ferro commum apertados com parafusos differenciaes.

Quando novo, ao receber as primeiras aguas, o cano deixou-as escapar pelas gretas e frestas, tal uma barriça que depois de secca ao sol se enche d'agua.

— Parecia uma peneira, disse o sr. Sverre Nelsen, director tecnico — e eu duvidei da palavra dos americanos.

Mas depois, logo que a madeira se foi embebendo, as frestas foram diminuindo e a escapeção também, até que o cano pôde funcionar tão bem como si fosse de aço.

O diâmetro do cano é de 39 pollegadas e a pressão máxima que supporta

em suas paredes internas e de 8 atmosferas e pouco. E' de notar que á medida que o cano desce, como a pressão vae augmentando, os aros externos de ferro vão sendo cada vez mais approximados.

E' este cano adductor de madeira o primeiro construído na America do Sul. Conduz as aguas para a turbina, oitenta metros abaixo da represa.

A POTASSA E O FUMO

Na composição do fumo deve predominar a potassa, afim de garantir a sua combustibilidade. Um terreno pobre de potassa produzirá fumo pouco combustível. Para que o seja bastante, é preciso que contenha 6 % de potassa e no máximo 0, 6 % de chloro. A potassa, além de tudo, conserva o fumo e a immunisa das moléstias bacterianas e cryptogamicas.

Cada hectare de terra, para produzir uma boa colheita, soe conter:

Azoto	130 kgs.
Acido phosphorico	75 kgs.
Potassa	125 kgs.

LIÇÃO DE TAUBATE'

Num interessante exemplar de nossa velha imprensa, ora em rumo ao archivo do *Jornal do Brasil*, evidencia-se a pouca originalidade do respeitável Arcebispo Fluminense apparecendo á esquerda do Poder Executivo em manifestação impulsionada por inadiavel crise politica.

O numero 104 da *Gazeta do Rio*, composto na "Imprensa Nacional" e publicado Quinta-feira, 29 de Agosto de 1822, é, pelos dizeres do officio que lhe toma a primeira metade da segunda columna da quarta pagina, uma irrefutável prova da patriótica interferencia do clero brasileiro nos successos mais proximamente determinantes do brado do Ypirangá. Lê-lo é encontrar, espelhando-se no presente, um esquecido porém importante caso de um hontem longinquo e quasi centenário. Analysa-lo, entende-lo, é reconhecer que a Republica repetiu a Monarchia, que o Rio de Janeiro repetiu Taubaté.

O arremedo, que estou a constatar, a ninguém deprime. Nos grandes momentos da historia, a repetição, longe de signi-



ficar um desdouro, denuncia um elevado mérito: affirma voluntariosa consulta aos bons modelos.

Em que, por exemplo, ficou diminuído no conceito universal o almirante austríaco triunphante em Lissa, por bem haver imitado aquella arriscada manobra de Barroso na hora decisiva de Riachuelo? Acaso se apoucou o talento militar de Bonaparte infligindo, em Rivoli, aos afastados regimentos de Lusignan os effeitos dessa mesma estrategia que, no dia seguinte ao de Cannes, entregara a Annibal uma legião inteira do inimigo? Pois o que não é illicito ao militar licito é, foi e será ao ecclesiastico.

Narremos o assumpto, porém. lia cem annos, no Brasil, o mez de Agosto perdera completamente, a saude e a fraternidade: estava febril, briguento, apprehensivo, desconfiado. A imaginação popular, consoante a praxe, ia muito além da realidade; os mexericos exageravam ás noticias, más e atrapalhadas, difficilmente vindas da Bahia e mesmo de Paulo. Ainda fiel á causa da Independencia, Joaquim Gonçalves Ledo, emissário do "Apostolado", lêra em data de 20, no "Grande Oriente", o discurso declaratório de que "chegara a occasião de ser declarada a Independencia dG Brasil."

Em S. Paulo, reprimida pelo insuccesso a tentativa da reacção lusitana de 23 de Maio (da qual tivera o governo fluminense seis denuncias), uma nova insubordinação, iniciada em 19 de Julho e manejada por Daniel Miiller e Costa Carvalho, exautorando autoridades legitimas, fôra afinal neutralisada pelo muito tino do general Arouche e do marechal Candido Xavier, sem desaparecer, todavia, o fermento que a motivára. Desse caso, e a pretexto de "apaziguamento das facções", se originou a partida do Príncipe Regente para S. Paulo era data de 14 do bulhento mez de Agosto.

A noticia da viagem de D. Pedro alvo-roçou as villas paulistas, espicialmente as do norte que lhe iam receber a visita; e quanto á população fluminense o avolumar da esperanza foi patrioticamente inevitável. Um proprio, uma carta, um simples recado, celeremente se espalhavam em polypartidos commentarios. Bastante gente com meias palavras, a reparar onde estava a maioria e para onde penderia provavelmente a victoria: tido como hoje.

Também como hoje só duas forças existiam organizadas: as olygarchias regionaes e o militarismo fluminense: este, ao lado dos que desejavam mudança de scenario administrativo; aquellas, receiosas de perder as vantagens adquiridas e exploradas. Tudo como hoje.

Auxiliadissimo pela magnanima esposa do Príncipe Regente, e composto de partidários da Independencia com a Monarchia, tratava o Gabinete de 16 de Janeiro de alimentar' por todos os meios possiveis o fogo sagrado. O numero 104 da *Gazeta do Rio* é disso uma demonstração. Contanos elle, numa synthese paulista desse dessocegado mez de Agosto de 1822, o que foi para o Estado-modelo a quinzena antecedente a 07 de Setembro; mostra quanto as manifestações das "villas collegadas" já não disfarçavam intuitos de completa autonomia brasileira.

A gente de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba chega a reclamar "pólvora e chumbo para defender o Reino do Brasil, pondo-se a tropa em marcha com munições de boca." Não lhe fica em debito de valentia Itu' falando da "União Brasília." Do "Poder Executivo do Reino do lirasill", da "Gloria da Nação", mas da felicidade do Brasil preferencialmente, todas as "vilas independentes" se preocupam.

Foi, porém, Taubaté a voz que, no desconcerto geral, emittiu a melhor nota. Taubaté disse pela boca do seu clero:

"Senhor — O extremado jubilo que transborda nos sensiveis corações do Clero Taubatheano pela fausta noticia da entrada de V. A. Real nesta Provincia nos suggere o inculpável atrevimento de enviar ao encontro de V. A. Real o Congco da Real Capella, e Vigário Coadjutor desta Villa Antonio Moreira da Costa, com a respeitosa mensagem de antecipadamente, em nome desta porção de fieis súbditos, render a V. A. R. as homenagens de puro amor, illimitada obediência, e fidelidade a toda a prova; e de também felicitar a feliz chegada da Augusta Pessoa de V. A. R. a esta Provincia. Sim, he chegado o dia afortunado e ambicionado momento de recebermos com os braços abertos o Pai Clemente, o Anjo da Paz, o Astro Luminoso, que vivificando tudo por onde passar hirá com a própria influencia de seus raios acabar de dissipar os restos dos melancolicos nevoeiros, que

enlutaram a atmospheria da Capital da Província. Esta é a doce esperanza, que nos anima. Digne-se V. A. R. acceíar com a costumada bondade, e acolhimento os puros sentimentos e fidelidade destes seus reverentes súbditos. Deus conserve por longa idade a chara e preciosa Existência de V. A. R. para a gloria da Nação, e felicidade do Brasil. Taubatê 17 de Agosto de 1822. Bento Cortes de Toledo, Vigário Collado, Antonio Moreira da Costa, Vigário Successor, Manoel Alves Coelho, Primeiro Coadjutor, Emigdio José Fernandes, Coadjutor."

* * *

Vinte dias depois dessa boa companhia feita pelo Poder Ecclesiastico ao Poder Executivo, tudo no Brasil se transformava! O Regente era Imperador. Derruíram-se velhas instituições. Outros eram os homens; tão outras as cousas!

Não fôra perdida a lição de Taubatê. E a de hoje?

S. Paulo 1922.

Martini Francisco.

A MAÇONARIA EM 1822

O dia 24 de junho marca a passagem do centenário do estabelecimento, no Brasil, do Grande Oriente Maçonico, cuja instalação se deu no dia 17 deste mesmo mez, não sendo, porém, senão em 24 de junho de 1822 que se fez a eleição, na Praia Grande (Porto do Meyer), para a escolha dos nomes que deveriam constituir, como de facto constituiram, as administrações das tres lojas creadas. Data, portanto, deste dia, memorável para os trinta mil maçons que existem hoje no Brasil, a instalação official e a designação dos administradores do Grande Oriente do Brasil. Seria, pois, bem opportuno recordar, agora, a acção poderosa dessa instituição entre nós, mórmente nesse período de lutas pela liberalidade das nossas instituições políticas, durante o alvorecer da independencia do Brasil, que estamos em vespéras de commemorar com tão carinhoso entusiasmo.

Começando a funcionar aqui, foi a Maçonaria, como de qualquer modo ainda continua a ser, o ambiente acalorado das idéas que preocupavam as camadas mais elevadas do paiz. Para o grande golpe

da Independencia, ella assumiu um papel notável, como estão accordes em affirmar todos os nossos historiadores. Basta qu* se saiba o nome dos que computaram às suas administrações por essa época, de que destacaremos as seguintes personalidades, empenhadas quasi todas, como é notório pela victoria do movimento libertário, de onde brotou a nossa independencia politica. Eram frei Francisco de Sampaio, Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Domingos Alves Branco Muniz Barreto, Dr. Francisco Mendes Ribeiro, conego Belchior Pinheiro de Oliveira, Antonio Correia Picanço, Manoel Carneiro de Campos, Manoel da Fonseca Lima e Silva, José Joaquim de Gouveia, José Clemente Pereira (que então era orador da "União e Tranquillidade"), José Domingos de Athayde Moncorvo, Manoel Joaquim de Menezes (cirurgião da tropa), Francisco José dos Reis Alpoim, José Joaquim dos Santos Marrocos, padre Manoel Telles Ferreira Pitta, Ruy Geremack Possolo, Dr. João José Vahia, Manoel Innocencio Pires Camargo, Hercules Octaviano Muzzi, frei Carlos Micheli, Lucas José Obes, brigadeiro Pedro Labatut, almirante Rodrigo Antonio de Lamare Velho da Silva, José Egydio Gordilho de Barbuda, Felipe Nery Ferreira, entre tantos outros.

Como e quando surgiu a Maçonaria

Foi nos primeiros annos do século XVIII que appareceu a maçonaria especulativa ou a livre maçonaria, tendo sido fundada em Londres, no anno de 1717, a primeira "loja" maçónica moderna. A' frente dos nomes que mais se distinguiram nessa empresa encontram-se os theologos King, Desaguliers, Anderson, o politico Calvet, os cientistas George Payne, Madden e Sumley. Foi dahi que se irradiou pelo mundo inteiro, varando todas as fronteiras, invadindo a consciencia de todos os povos, mesclando, em aspirações collectivas mais ou menos unificadas, todas as raças. Não seria mister encarecer, aqui, as suas influencias nos embates dos mais significativos movimentos sociaes da humanidade, nos tempos modernos. Todos os livros de minuciosas observações históricas o provam á sociedade. Ninguém desconhece o prestigio de sua actividade durante a Revolução Francaza, como nenhum historiador consciencioso, entre nós, nega a sua coparticipação poderosa nos dous movimentos politicos-sociaes

• de maior vulto em nossa historia: — a Independencia e a Abolição.

A Maçonaria no Rio de Janeiro

Nesta cidade, a Maçonaria, que funcionou longa e tradicionalmente 110 prédio do Grande Oriente do Brasil á rua Frei Caneca, muito proximo ao Campo de Sant'Anna, era, ao bruxolear da éra dos nossos desejos* de emancipação, o centro de trabalho activissimo, onde labutaram, simultaneamente, o povo, o clero (por essa época o clero não era avesso á Maçonaria) e a nobreza, para a autonomia politica do nosso paiz.

O manifesto maçónico de José Bonifácio

Foi num manifesto maçónico, escripto pelo punho de Gonçalves Ledo, que o grande José Bonifácio divulgou o seu pensamento sobre a independência de sua patria. Desse manifesto, publicado depois em 1832, destacamos trechos, como os seguintes:

"Os raios da Grande Luz, que desde as mais remotas épocas illuminára a Azia, e o Egypto, e fulgura hoje na Iúropa, não podião deixar de penetrar um dia na Terra abençoada de Santa Cru.. Em balde e feudalismo colonial fechava a comunicação desta preciosa porção do Globo ao resto do Mundo; ei^ balde supersticiosa Metrópole, a quem o acaso, não o merecimento, déra a sua descoberta, procurava agrilhoarhe o pensamento, como lhe agrilhoava a Liberdade. O Génio Brasileiro venceu as barreiras que lhe oppunhão a Tirannia, e o Feudalisitfo, e conseguiu 110 fim de quasi tres séculos de luta, que se erigisse a primeira lápide de sua perfeição socftl; e fulgisse um raio daquella flammigera Estrella que, tanto nos homens, como nas Nações, accende o desejo de sua felicidade e infunde o sentimento de sua força, e de sua dignidade, installando-se no anno da verdadeira Luz, 5801, a primeira Loja, symbolica Regular debaixo do titulo de "Reunião." Filiada ao Oriente da Ilha da França, e nomeado para seu Representante ali o cavaileiro Laurent, que a fortuna fizera aportar ás formosas praias da Bahia de Nictheroy, e que presidira á sua installação, cila apresentou em breve espaço o sublime espectáculo de um crescimento milagroso, e o outro não menos grato ao Coração dos amigos da

virtude, de uma amizade verdadeiramente fraternal entre os seus Membros.

"Não durou muito tempo este estado de tranquillidade e de harmonia, que apresentou o berço da Maçonaria Brasileira. Marchando pela estrada da perseguição, ora calcada pelo ferreo pé do despotismo, ora attenuada pela perfidia e pela ingratição, ella offerece aos olhos do philosopho a luta formidável da Luz contra as trevas, e dos princípios contra a Tirannia."

E o longo manifesto de José Bonifácio termina com estas palavras:

"Crescia a vista d'olhos a nova vergontea dessa arvore maravilhosa, cujos ramos, de um verdor, eterno, cobrem com sua doce sombra todas as Nações, e cujas raizes carregadas com o peso dos Séculos alcanção o seio mysterioso da Natureza. Mas nos planos do Immortal Jovah não estava ainda assinalada esta época, como aquella que devia marcar a estabilidade da Maçonaria no Brasil. Talvez não lhe foi agradável, #que nos seus templos, onde só devia respirar a fragrancia da Moral, e a suavidade da Virtude, resoassem dictames da Politica! Instrumento de sua vingança o novo Mestre... Corra-se espesso véo sobre esses tempos luctuosos, em que a Ingratição, abusando da autoridade mandou fechar as Officinas dos MM... onde se haviam rendido os mais puros votos de amor, áquelle que, trocando em ferrea clava o Malhete d'oiro, que se lhe confiara para manter a ordem, dirigir os trabalhos e defender os obreiros, os ferio e dispersou !!! Remoinhando no pélago das paixões cahio elle mesmo com medonho estrondo, não achando a seu lado um amigo, que o consolasse ! A virtude não consente que se agrgrave a desgraça."

Acção maçónica de Gonçalves Ledo na Independencia

Este notável fluminense, dominador audaz da palavra, primeiro Grande Vigilante da Maçonaria, traçou a golpes de fulguração os deveres de batalhadores pela independencia do Brasil politico, dentro e fóra da Maçonaria. Não seria preciso alongar muito estas considerações para provar o que foi o vigor de seu espirito de lutador idealista. Basta que, entre tantas provas, escolhamos uns trechos da acta 20 do 6.º mez maçónico de 1822, com os que se seguem: "Tendo úido convocados os



maçon3 membros das tres lojas metropo-
litanas para esta sessão extraordinaria, para
o especificado fim adeante declarado, sendo
também presidida pelo sobredito primeiro
Grande Vigilante Joaquim Gonçalves Ledo,
no impedimento do Grão Mestre, dirigiu
do solio um energico e fundado discurso,
demonstrando com as mais solidas razões
que as actuaes circumstancias politicas de
nossa patria, o rico, fértil e poderoso
Brasil, demandam e exigem imperiosamente
que a sua categoria seja inabalavelmente
firmada com a proclamação da nossa Inde-
pendencia... — Que socegado, mas não
extineto o ardor da primeira alegria dos
ânimos por serem prestes a realisarem-se
as da vontade geral pela Independencia, e
engrandecimento da patria, propoz ainda
o mesmo Grande Vigilante Joaquim Gon-
çalves Ledo a necessidade de ser esta sua
moção discutida, para que aquelles que
podessem ter receio de que fosse precipi-
tada a medida de segurança e engrade-
cimento da patria que se propunha, a
perdessem, convencidos pelos debates de
que a proclamação da Independencia do
Brasil é a ancora da salvação da nossa
patria. Em consequência do que, dando a
palavra a quem quizesse especificar seus
sentimentos, falaram vários membros, e
TODOS APPROVARAM A MOÇÃO, RE-
CONHECENDO A NECESSIDADE IM-
PERIOSA DE SE FAZER A INDE-
PENDENCIA DO BRASIL."

*A primeira administração do Grande
Oriente Ita cem annos*

Nq dia de hoje, ha um século, foi orga-
nisada, por escrutínio eleitoral, a seguinte
administração do Grande Oriente: Grão
Mestre, José Bonifacio de Andrada e Sil-
va; delegado do Grão Mestre, marechal
Joaquim de Oliveira Alvares; 1.º Grande
Vigilante, Joaquim Gonçalves Ledo; 2.º
dito, capitão João Mendes Vian.a; grande
orador, padre Januario da Cunha Barbosa;
promotor fiscal, coronel José Luiz da Nô-
brega de Souza Coutinho.

Loja de "Commerciõ e Artes"

E' preciso accentuar que nessa época já
existia a Loja de "Commercio e Artes"
de cujo seio, por sorteio, sriiram as
pessoas destinadas a constituir as outras
duas necessarias á fundação do Grande
Oriente do Brasil: "União e Tranquilida-
de" (lembrando as palavras do principe em
9 de janeiro, dia do Fico), e "Esperança
de Nictheroy", alludindo á almejada In-
dependencia.

Os veneráveis dessas tres lojas foram:
Manoel dos Santos Portugal, major da
policia; Albin^o dos Santos Pereira, ma-
jor de granadeiros, e Pedr^o José da Costa
Barros, major da Brigad^a da Marinha.

(D'"A Noite", do Rio).





NOTAS DO EXTERIOR

UMA HOMENAGEM DO ORIENTE A BENEDICTO XV

AO GRANDE PONTIFICE DA TRAGEDIA MUNDIAL
BENEDICTO XV
BEMEETOR DOS TOVOS SEM DISTINÇÃO DE NACIONALIDADE
OU DE RELIGIÃO
EM SINAL DE RECONHECIMENTO,
O ORIENTE.
(1914-1919) <

Tal é a inscrição gravada no pedestal da estatua do papa Bénédicto XV, inaugurada na cidade musulmana de Constantinopla.

Certo, semelhante homenagem, dada por iniciativa dos homens de todas as raças e de todas as religiões que povoam o Oriente europeu, é uma imponente consagração á eminente e muito nobre figura do papa da paz; mas, não se pode evitar um sentimento de pesar, pensando que, com este testemunho de gratidão prestado á obra terminada durante a guerra pelo chefe da Igreja, o Oriente orthodoxo e musulmano adiantou-se á homenagem do Occidente catholico.

A dizer verdade, a obra deste papa não foi sempre convenientemente apreciada pelos catholicos; e os musulmanos, inaugurando a estatua do pontífice romano, lembraram-se talvez das palavras da Escripura, repetidas pelo propheta.

Nada mais emocionante que reler, passados alguns annos, os appellos do papa em favor da paz, appellos que elle não cessou de endereçar aos povos em guerra, desde os dias de sua eleição ao pontificado.

Do meio da pejeia, uma voz forte soou, e nos é agradavel que cila tenha partido da bocca do chefe da Igreja, incitando os homens a fazerem a paz.

Demais, o novo papa nada mais fez sinão seguir a tradiçãõ da Igreja e o exemplo de seu predecessor immediato.

Quando se preparava a declaração de guerra, sabe-se que o venerável Pio X, não poudo conter suas lagrimas. A Francisco José que lhe pediu benesse seus exercitos, elle respondeu: "Eu abençoo a paz!" e enfermou por tanta dôr, prohibindo que se fizesse allusão, diante delle, ao conflicto sangrento. Suas ordens foram respeitadas; mas si Pio X não ouvia falar na guerra, pensava nella tanto e de tal maneira que morreu logo, de pesar.

Benedicto XV, mais joven e mais ardente, devia intervir e emprehendeu a 8 de setembro de 1914 (dois dias depois da sua eleição), sua vigorosa cruzada contra a guerra.



"Cheio de horror e angustia inexprimível pelo espectáculo monstruoso da guerra", não quiz mais attender á tradicional distribuição de circulares e escreveu: "Nós nos sentimos na necessidade de confirmar as palavras que a guerra suggeriu ao nosso predecessor, em seu amor e solicitude pelo genero humano..."; depois, dirigindo-se aos que dirigem os destinos dos povos, elle os incita "a propender o coração para o esquecimento, para a piedade, a resolver a fazer paz."

Desde então, as cartas aos bispos, aos chefes de Estado e aos povos fieis e infieis, se multiplicam. A 28 de Julho de 1915, por occasião do primeiro anniversario da declaração de guerra, o papa enviou uma carta particularmente emocionante aos povos belligerantes e a seus chefes: "Chamado, diz elle, a succeder a l'io X, cuja vida foi abreviada pelo pesar causado por esta guerra, cuidamos da sublime missão que nos foi confiada, em dias tão felizes..."

As mais bellas regiões da Europa, este jardim do mundo, estão juncadas de cadaveres e de ruinas... Ainda que nossas palavras não tenham sido ouvidas, levantar-se-á hoje muito alto o grito do l'ae para reclamar a paz..." e Benedicto XV, paraphraseando este pensamento dos sábios da antiguidade: — "Si ao odio se responde com odio, como elle se ha de acabar?" — proseguc assim sua exhortação: "Que se não diga sobretudo que este cruel conflicto não pode ser apaziguado sinão pela violência das armas. As nações não morrem: humilhadas e oprimidas, ellas supportant frementes o jugo que lhes é imposto, preparando a desforra e transmittindo de geração em geração uma herança de rancor e de vingança. Bemdicto seja aquelle que apresentar primeiro o ramo de oliveira!"

Entretanto a guerra continuava, cada vez mais cruel, e o papa se esforçava para conseguir os meios de suavisar os horrores; sabe-se que foi de grande solicitude para com os prisioneiros e que resultados felizes coroaram seus esforços.

Mas Benedicto XV tinha vistas largas e, em maio de 1918, retomou sua offensiva contra a guerra. Dirigindo-se, desta vez, exclusivamente ao clero catholico, ordenou a todos os padres que celebrassem o santo sacrificio da missa, por intenção da paz, no dia da festa dos apóstolos S. Pedro e São Paulo, "apoio e protecção do povo catholico", e terminou seu "Motu proprio" por estas palavras impregnadas do mais alto mysticismo: "Todo o sacerdote catholico, em união com o Soberano Pontifice, offerecerá assim em todos os altares da terra a fíostia de propiciação e de amor. Os padres farão violência ao coração de Deus e poderão firmemente esperar uma prompta realisação do desejo do psalmo que resume também a aspiração dos povos: "A Justiça e a Paz se entrelaçam."

A 29 de Junho de 1918, segundo o voto do Pontifice, a Hóstia se levantava em todos os altares da terra; depois, como si sua prece já tivesse sido ouvida, Benedicto XV consagrou uma estatua á Virgem ãa Paz, na Basilica de Sainte Marie-Majeure.

Algumas semanas após, o canhão emmudeceu sobre toda a frente da guerra.

(*Revue Hebdomadaire*).

O CENTENARIO DE PASTEUR

A Academia de Medicina de Paris resolveu commemorar o centenário do nascimento de Pasteur, no dia 26 de dezembro do corrente anno.

AVIAÇÃO COMMERCIAL

De um artigo do cel. J. Th. Saconney, na "Revista de França":

Por occasião do armistício, appareceu a todos os olhos um facto considerável, a primeira vista extranho: em plena guerra, varias nações belligerantes haviam trabalhado activamente para constituir a futura aviação commercial.

Os caminhos aereos tendiam quasi todos para a França. Mas, pela sua situação geographica e porque os Alpes desviam para ella as correntes do norte e do centro



da Europa em direcção ao Oceano e ao Mediterrâneo, a França é a passagem obrigada dos caminhos internacionaes bem como dos terrestres. Crendo que creavam somente caminhos de guerra, a Allemanha a Inglaterra e a Italia tinham organizado, de 1914 a 1918, os principaes caminhos commerciaes.

Essas nações haviam tomado grande dianteira á França, onde tudo ou quasi tudo estava por fazer. Foi um serviço do Estado, o Serviço de Navegação Aerea, que constituiu naquelle paiz uma politica de conjuncto e organisou o programma do estabelecimento dos caminhos nacionaes.

Estabelecida a aviação de commercio em França ao fim de um anno, em 1^o, já contava ella com uma clientela pagante.

O futuro é a locomoção aerea. O homem sabe que, franqueando a si mesmo esses novos caminhos, poderá encurtar vantajosamente as distancias; e elle usará esse poder. Tem-se a certeza de que um grande caminho aereo estará logo povoado de vehiculos como hoje uma rua de cidade industrial.

Dos cinco caminhos internacionaes previstos pelo programma, quatro já estão explorados: Paris-Londres, Paris-Strasburgo, Paris-Amsterdam, Paris-Marselha e o quinto logo o será.

O trafego aereo quintuplicado ao fim de um anno, mais que decuplicado ao fim de dois annos, tis o grande facto. A evolução é muito rapida para que se pretenda prophetisar: os resultados ultrapassam as previsões mais optimistas.

O OPIO NOS ESTADOS UNIDOS

Limquanto Hong-Kong, Macau e Singapura tiverem o privilegio de importar opio sem limitação, o mundo inteiro continuará presa desse flagello.

Os Estados Unidos, onde a legislação se exerce, aliás, a tantos respeitos, não prohibiram ainda a entrada do opio em estado natural nem a manufactura do producto. Hoje consomem, por cabeça, mais que qualquer outro paiz! Em 1908, emquanto a Allemanha, com uma população de 77 milhões de habitantes, importava 16 mil libras de opio por anno e a Italia, com 33 milhões de habitantes, 6 mil libras, os Estados Unidos importavam 400 mil libras.

Emquanto a respectiva cultura fôr livremente autorizada, nenhuma legislação poderá combater as devastações desse toxico. Será preciso limitar a cultura, supprimindo os monopolios do Extremo Oriente, o que só se obterá por accordo internacional.

Infelizmente a guerra esteve longe de contribuir para esse fim. O opio flagellou os exércitos, a tal ponto que o caso foi levado á Liga das Nações. A conferencia de Genebra em maio de 1921, nomeou uma commissão, de que não faz parte nenhum representante dos Estados Unidos.

(American Review of Reviezu).

FESTA DA LÍNGUA PORTUGUEZA

Realizou-se a 18 de março ultimo, na Universidade de Columbia, New York, uma "Festa do idioma", em homenagem á lingua portugueza e ás litteraturas do Brasil e Portugal.

No que diz "respeito ao nosso idioma, foi talvez a primeira festa desta natureza effectuada nos Estados Unidos.

Promoveu-a a Liga Pan-Americana de Estudantes, por iniciativa do representante do Brasil junto ao concilio internacional da Liga, o nosso prezado e talentoso collaborador, sr. Gilberto Freyre, iniciativa que os demais representantes logo acolheram com sympathia e entusiasmo.

Patrocinarão a festa com o prestigio dos seus nomes e o valor de sua sympathia e cooperação os srs. embaixador do Brasil e ministro de Portugal, dr. A. de Alencar e visconde d'Alte, os cônsules e vice-cônsules das republicas em New York e eminentes amigos do idioma portuguez nos Estados Unidos e eruditos interessados nas litteraturas



de Portugal e Brasil, como os srs. ministros Oliveira Lima, Isaac 'Goldberg, dr. Jones, dr. Robertson, professor Coutinho e professor Armstrong.

Foi essa homenagem o resultado dos esforços conjugados dos membros do Concilio Internacional da Liga, notadamente dos srs. Philip L. Green, representante dos E-Unidos e presidente da Liga, Oscar A. Gacitra, (Chile) Bernardo Ricyles (Argentina) Gilberto Freyre (Brasil) da commissão organizadora, e os do sr. Alexandre Prista, joven intellectual portuguez cujos préstimos foram valiosísimos.

Do dr. Hélio Lobo, consul do Brasil, recebeu a iniciativa o mais forte apoio, assim como do consul cie Portugal, e dos membros das colonias portugueza e brasileira em New York.

Presidiu a festa o conhecido erudito americano professor John L. Gerig, chefe do departamento de litteraturas romanicas da Universidade de Columbia e apaixonado cultor de cousas ibéricas. Seu discurso de abertura foi um lindo tributo á lingua portugueza e é intellectualidade luzitana. Recordou o prof. Gerig sua recente viagem a Portugal e os seus contactos com eruditos como Fidelino Figueiredo, Leite ile Vasconcellos, Carolina Michaelis e com a velha e romantica universidade de Coimbra. Ao Brasil referiu-se também com o maior carinho, apontando o novo paiz como o campo natural de expansão do espirito lusitano e da lingua portugueza.

Falaram também os srs. cônsules de Portugal, sr. Duarte de Almeida e do Brasil, sr. Hélio Lobo. A este apresentou o prof. Gerig como figura notável da mentalidade brasileira e membro da Academia. O discurso do sr. Hélio Lobo foi breve porém, incisivo, deixando clle, com os estudantes americanos presentes, o conselho de estudar a lingua portugueza por causa do seu passado de gloria, do seu presente e do seu futuro promettedores de maior gloria ainda.

Em portuguez orou o sr. vice-consul de Portugal, Euclides Goulart da Costa, cuja palavra fluente e gesto bello encantaram mesmo a parte da audiência que não comprehendia o portuguez. O discurso do talentoso bacharel da Universidade de Lisboa foi um hymno ao passado da lingua.

O presidente da Liga e representante dos Estados, sr. Philip L. Green, fez parte do seu discurso em portuguez e parte em inglez, revelando no manejo do nosso idioma sua rara aptidão para as linguas, que comprehende o conhecimento de cinco ou seis incluindo o japonez.

O discurso do sr. Green, que foi muito applaudido, estava concebido nos termos seguintes: "Excellencias e prezados amigos: E' um privilegio altamente estimado render homenagem nesta solemne occasião a uma raça que tem contribuido tanto á civilização passada e ao progresso dos tempos modernos; e que tão importante papel tem desempenhado na historia do mundo.

Os antigos Lusitanos da historia como disse o inovidavel poeta e cantor das grandes epopeias portuguezas, Camões, no seu poema épico "Os Lusíadas"

As armas e os Barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

Portugal fez a contribuição mais pratica e ao mesmo tempo mais romântica á civilização dos tempos antigos, quando mandou o intrépido navegador Vasco da Gama, para abrir um caminho novo e livre de perigos, aos vastíssimos campos commerciaes da Africa e da india.

Portugal fundador do império mais poderoso no seu tempo, preparou também }s fundamentos do império que tem tomado o seu logar entre os mais gloriosos dos nossos tempos.

Foi esse mesmo espirito de progresso das epopeias dos Lusíadas, que se manifestou na organização desse grande império moderno que chamamos o Brasil e que manifesta

hoje pelos seus cidadãos livres, que são tão respeitados em todo o mundo pelas suas contribuições ao progresso cultural, político e economico.

E' um prazer, em nome dos estudantes deste paiz e de todo o Continente Americano, saudar fraternalmente os nossos irmãos do Brasil, nesta festa da lingua portugueza, propondo-nos, solemnemente, propagar o ensino deste bello idioma e a interpretação da alma desta raça verdadeiramente maravilhosa.

O Brasil é o futuro campo de um desenvolvimento material que com as nossas comprehensões restrictas é talvez impossivel imaginar. Mas fóra desse progresso material, o Brasil sempre conservará a sua alma romantica, cuja expressão se acha nas palavras de Gonçalves Dias:

Nossa vida mais amores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossas varzeas têm mais floivs,
Nosso céu tem mais estrellas.

As relações politicas amistosas que sempre tem existido entre os nossos paizes, constituem uma norma na historia das relações internacionaes, digna de respeito profundo e de consideração elevada, por parte de todas as nações do mundo.

Não podemos ainda esquecer, e nunca esqueceremos que a Doutrina Monroe, que nos tempos da sua promulgação era uma protecção das nossas liberdades, foi pela primeira vez bem acolhida no Brasil; e que na Avenida Rio Branco da sua formosa capital, fica como testemunha permanente da nossa amizade, o Palacio Monroe, dedicado aos mesmos princípios pelos quaes lutaram os fundadores do nosso amado Continente, e á cuja propagação dedicamos a vida, as futuras gerações da nossa America gloriosa."

Falou por ultimo, encerrando o programma, o sr. Gilberto Freyre que proferiu > brilhante discurso, que traduzido para o portuguez, damos a seguir:

"Srs. cônsules, srs. professores, senhoras, senhores:

Diz um rifão portuguez que o melhor bocado é sempre o ultimo. Não, nem sempre. Esta noite, por exemplo, será o peor. De bom somente isto vos prometto: ser breve.

Iyimitar-me-ci a um reparo ou dois ao caracter desta festinha. Primeiro, é um festejo de mocidade. Foram moços os que a conceberam e moços os que a organizaram. Mostra isto, ao meu ver, que nem todos nós, da geração em flor, somos indifferentes ao culto da lingua — neste caso a portugueza — ou desdenhamos as regras do bem falar e do bem escrever; desdenha sim, a mocidade em peso, os chamados "puristas**", a gente cujo esforço é engommar e formalizar a lingua escripta, e até a falada, como i,s chinezes aos peitilhos de camisas de cerimonia. A juventude intellectual de hoje, que muitos pretendem arrogante, o é, muitas vezes; por outro lado, está sendo mal comprehendida e mal interpretada. Confesso um receio: apparecesse hoje Jesus e haveria quem o rejeitasse e crucificasse, não por pretender o galileu o titulo de Messias e de Re., porém por causa dos seus trinta annos, de sua mocidade, rebelde, é certo, mas também emprehendedora.

«

Em segundo logar, este festejo é de fraternidade, a mais pura, entre varias nações, entre Portugal e o Brasil; entre os povos™ - fala portuguesa e o^ de fala hespanhola, lingua irmã da nossa, linda e bem amada; entre todos nós, hispanos llo sentido lato da palavra, ou, si quizerem iberos, e os Estados Unidos. E' a festa de hoje pan hispanica e pan-americana. E pan-americana em essencia. Entendemos nós que deva ser o Pan-Americanismo muito mais que sonoro disfarce de vantagens commerciaes. Deve ser - entendemos — uma fraternidade d'almas. E a alma dum povo está no seu idioma. Eis ahi a razão do interesse desta liga de moços — em outras palavras, de Don Quixotes — no disseminar de informação sobre o idioma e as litteraturas do Brasil e de Portugal.

Permitti agora, minhas senhoras e meus senhores, que expresse nossos agradecimentos á sympathia e á operação que hemos recebido no organizar deste festejo: do exmo. sr. embaixador do Brasil, dr. Augusto de Alencar; do exmo. sr. ministro de Portugal, visconde d'Alte; dos srs. cônsules geraes; do profesor Cerig, que preside osta sessão; do dr. Goulart da Costa que nos encantou com sua palavra fluente na propria lingua ;t que rendemos homenagem de filhos e de amigos e de amantes; dos artistas brasileiros



e portuguezes que foram tão generosos. Impossível esquecer os que nos inspiraram ou encorajaram na idéa: Oliveira Lima, o "embaixador intellectual do Brasil", que tanto tem feito na Europa e aqui, para tornar conhecida a riqueza litteraria do portuguez; os nossos amigos professor Coutinho, dr. Robertsan, dr. Jones, professor Armstrong. Infelizmente já não vive para nos encorajar também esse grande bábio, ha pouco fallecido, John C. Branner.

A todos vós, senhoras e senhores, nosso agradecimento. Traduz vossa presença o interesse que dedicaes á lingua de Portugal e do Brasil, a lingua de Camões e de Garrett, de Eça. e de Anthero, de Vieira e de Assis, a lingua que segundo Unamuno, "tiene vocês que acarician los oidos y la imaginacion." "Vocês cuya alma es intraducible": saudade, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado..."

Também tomaram parte no programma distinctos artistas brasileiros e portuguezes como o illustre pianista Alfredo Oswald, que executou composições de Braga, Levy e Henrique Oswald; senhoritas Gladys Mackay e Mercedes Pitta, que deleitaram o auditorio com cantos e fados portuguezes e o esplendido guitarrista Carlos Salgado, acompanhado pelo pianista Alfredo Menier, que foram applaudidissimos.

Compunham a selecta audiéncia illustres senhoras e cavalheiros. O salão, que foi o de Earl Hall, estava lindamente ornamentado com as bandeiras das nações hispanicas e hispano-americanas destacando-se as côres do Brasil e Portugal.

O sr. Gilberto Freyre, da Commissão organisadora, recebeu vários telegrammas e cartas, dentre os quaes os seguintes:

Telegramma do exmo. embaixador do Brazil, dr. A. de Alencar:

"Sentindo immenso não poder estar presente festa amanhã peço-lhe aceitar e transmitir meus mais ferventes applausos iniciativa distinctos estudantes brasileiros nesta Republica que assim fazem tanto quanto merece conhecida nossa patria. Certo grande êxito reunião nossos compatriotas a todos elles envio cordeas votos prospero futuro. Affectuosas saudações."

Carta do exmo. ministro de Portugal, visconde d'Alte:

"Exmo. sr. Gilberto Freyre: Accedendo ao amavel convite que na sua carta de 9 do corrente me foi dirigido, associo-me de todo o coração aos esforços tão esmeradamente emprehendidos pela Liga Pan-Americana de Estudantes para tornar, conhecido neste paiz o idioma portuguez.

Não poderá deixar de contribuir poderosamente para o êxito desse proposito a festa que a Liga organizou.

Acompanho cordialmente os estudantes portuguezes e brasileiros no seu empenho de glorificar a formosa lingua, que, no exprimir o génio da nossa raça, deu á litteratura mundial alguns dos seus mais bellos monumentos.

Lamento profundamente que compromissos anteriores me não permitam assistir pessoalmente á festa que se prepara. Rogo accite os protestos de minha subida consideração, (a) V. Alte."

Do (r. Montalto) de Jesus, illustre intellectual portuguez, secretario da delegação de Portugal á recente conferencia de Washington: "Exmo. sr. Sinto bastante não poder assistir pessoalmente ao interessante festejo ffl Universidade de Columbia como eu bem queria pois sempre tenho reconhecido a necessidade de diffundir o estudo da lingua portugueza neste paiz. Em espirito acompanho os seus briosos esforços e espero que tenham o melhor êxito. Cordialmente agradecendo a gentileza do seu convite, com alta consideração me subscrevo de v. exc. atto. adr.º (a) *Montalto de Jesus*,"

(Diatio de Pernambuco)



AS CARICATURAS DO MEZ



O SONHO DO
MARECHAL. ::

"Le jour de gloire est arrivé". A cidade está varrida pela metralha.



Recommendações ao "chauffeur", o indispensável ajudante de ordens do illustre cabo de guerra.



Em dois tempos, da soberba capital, só fica de pé o Cattete e a ilha Francisca,



O marechal visita os cadáveres das vítimas: Epitácio, Nilo, Seabra e mais pretendentes à cadeira presidencial.



O marechal avança sobre o Cattete á testa de dez mil aviadores, "chauffeurs", cocheiros de praça...



Finalmente só, á espera dos presentes da republica regenerada.



No melhor da festa, S. Excia. acorda a bordo do "Floriano".

VOLTO - (A Gazeta)

A GRANDE ESCOLA/V
MORAL - SOCIAL - POLICIAL OU A CAMPANHA CONTRA A VAGABUNDAGEM

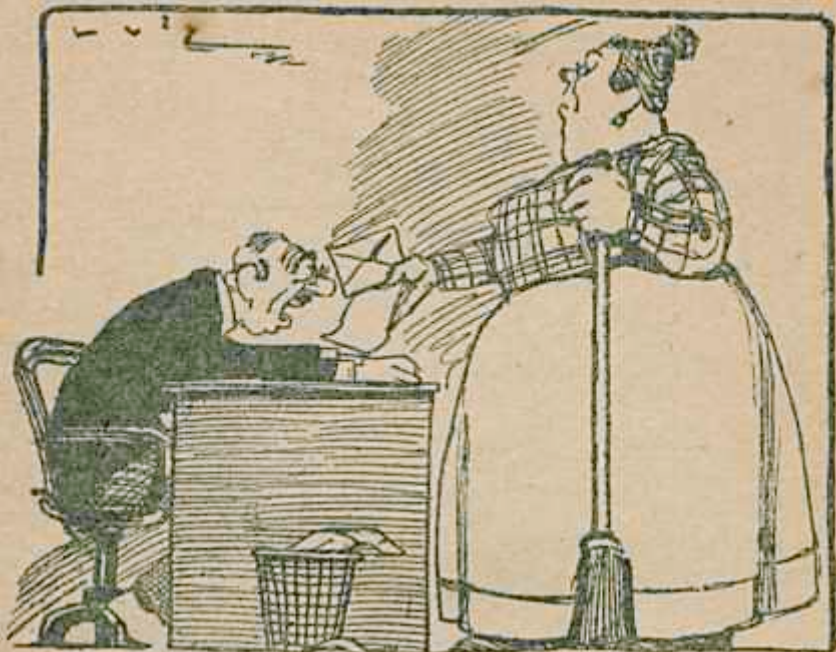


Os pequenos degenerados presos pelo crime de trabalharem sem pagar imposto ao Estado.



Como effeito do castigo os pequenos regeneraram-se. Jogam a "buraca" não por «aberm jogar o "pcker".

KALISTO - (D. Quixote).



Ella — Cachorro! Tem o desaforo de escrever uma carta a essa "cocotte" e ainda a conserva no bolso do frack!

Elie — Eu? O' filha! Tu também acreditas em authenticidade de "cartas"?...

LUIZ — (*Jornal do Brasil*)

O BOM SENSO INFANTIL



- Vamos vestir o Totó, Zéquinha, elle parece que esta com frio . . .
- E! . . . Elle esta com frio, mas não podemos vestil-o.
- Não! . . . E porque?
- Porque o Totó não é Totó, é melindrosa! . . .

J. CARLOS (*Careta*).



MOVIMENTO ADMINISTRATIVO DO PAIZ

A "Revista do Brasil" não pode ser extra-nha ao movimento administrativo do pais já que se propõe a reflectil-o sob todos os aspectos. Assim, inicia hoje com esta summula uma secção nova que interessará por certo os seus leitores. A mensagem apresentada ao Congresso Legislativo de S. Paulo pelo Dr. Washington Luis, a 14 do corrente, é um documento de alta significação, digno de ser lido e meditado, alem de que nos põe sob os olhos uma synthèse esplendida do notável progresso do Estado de S. Paulo.

FINANÇAS

Subiu a 160.580:333\$463 a receita arrecadada pelo Estado de S. Paulo, no anno financeiro de 1921, receita que tinha sido calculada em 137.484:000\$000, conforme a respectiva lei orçamentaria, o que demonstra uma arrecadação a mais de 23.096:333\$463.

Esse saldo é a consequência do crescimento natural das rendas estaduaes, não tendo contribuído para elle nem a criação de novos impostos, nem mesmo o augmento dos actuaes.

Longe de crear ou de augmentar impostos, o Estado, ao contrario, diminuiu alguns existentes, o que, muito lisonjeiro para nós, annuncia a marcha ascensional das finanças paulistas.

Assim, com o intuito de proteger a pecuaria e as construcções, reduziu, pela lei n. 1764 de 1920, de 10 réis a 2 réis a taxa de expediente que, a titulo de estatística, era cobrada sobre a exportação de carne, areia, tijolos e pedra.

Da mesma forma, diminuiu o imposto de exportação sobre o café em cerca de 50 %, o que já vem fazendo desde alguns annos.

A lei n. 920 de 4 de Agosto de 1904, art. 6.º, determina que o imposto de exportação sobre café seja cobrado na base de 9 % *ad valorem*, sobre uma pauta movei correspondente á medida do preço do café, por kilo, durante a ultima semana.

A quantidade de café paulista exportado pelo porto de Santos, no anno de 1921, foi de 7.645.935 saccas que, ao preço de 77\$320 por sacca, fazem o preço médio de 1\$288 por kilo conforme os algarismos enviados pela Recebedoria de Rendas de Santos, representando o valor total de 591.183:694\$200.

Descontados sobre esse valor os 9 % que autoriza a lei, o imposto de exportação sobre o café deveria ter rendido para os cofres do Estado a quantia de 53.206:532\$478.

Entretanto, pela lei n. 1839 de 27 de Dezembro de 1921, art. 6.º, foi fixado em 700 réis o valor do kilo do café, e sobre esse valor foram cobrados, em 1921, os direitos de exportação, que apenas renderam 28.966:410\$578 correspondentes a 4,8% *ad valorem*, o que representa uma reduçção no imposto na importancia de 4,2 %, cerca de 50 % equivalente a um augmento para a economia da lavoura cafeeira e uma diminuição das rendas do Estado, da quantia de 24.240:121\$900.

• E' aqui o momento oportuno para informar ao Congresso e ao Estado de S. Paulo, qual a verdadeira contribuição da exportação de café, para os cofres do Estado, rectificando-se, assim, opiniões feitas e que correm já como dogmas.

E' indispensável essa rectificação, no proprio interesse da lavoura, afim de que se saiba com segurança e verdade os factos relativos á nossa principal riqueza.

Administradores, administrados, produtores, commerciantes, estadistas, todos têm interesse em assentar os seus cálculos, as suas previsões, os seus argumentos em algarismos firmes e indiscutíveis, para que não cheguem a conclusões falsas ou exageradas.

Até agora nenhum confronto official, nem estudo authenticico, tem sido feito a respeito do volume da contribuição cafeeira no orçamento estadual, de modo que todos os trabalhos apresentados, sem a base dos algarismos certos, só podem dar resultados approximados, sem exactidão, e, o que é mais, muito longe da verdade.



E' tempo de fornecer cifras exactas para que exactos sejam os estudos que se fizerem a respeito.

Assim, a exportação de café pelo porto de Santos, no exercício de 1921, montou a 8.795.184 saccas, das quaes 7.645.935 pertencem a S. Paulo, 1.081.516 a Minas e 67.733 ao Paraná.

Os 7.645.935 pertencentes a S. Paulo produziram 591.183:694\$200, os quaes renderam, de imposto de exportação, a quantia de 28.966:410\$578, o que representa 4,8 % *ad valorem*.

Adicionando-se a essa quantia, o que o café exportado pagou, como consignação especial pela sobretaxa de 5 francos por sacca exportada, isto é, a somma de 21.952:260\$976 (frs. 38.177.845,95 = 1 fr. = 575, importancia da sobretaxa, conforme os rigorosos algarismos fornecidos pela Recebedoria de Rendas de Santos), ainda assim, a contribuição do café exportado não attingiria aos 9 % legaes, pois que essa parte, relativa á sobretaxa, representa 3,8 % *ad valorem*. Quer dizer que o imposto de exportação — 28.966:410\$578 — mais a quantia correspondente á sobretaxa — 21.952:260\$976 — isto é, o total de 50.918:671\$554 que recaiu sobre a exportação de café equivale a 8,6 %, do seu valor, contribuição que fica abaixo, por consequência, dos 9 % legaes.

E essa poreentagem não vigorou só neste anno, mas em anteriores, como se vê da tabella abaixo, fornecida pelo Thesouro do Estado.

Annos	Preço médio	Imposto	S fr.	Imposto <i>ad valorem</i> incluídas as demais tributações
1919	88^200	3\$780	3\$168	7,8 %
1920	66\$750	3\$780	1\$658	8,1 %
1921	77\$320	3\$780	2\$876	8,6 %

Mesmo que si quizesse ajuntar ainda, ao total do importo pago pelo café, a taxa de 100 réis por sacca exportada, creada pela lei n. 1553, de 4 de Outubro de 1917, e destinada, exclusivamente, á propaganda de café nos Estados Unidos, mesmo assim tal taxa corresponderia a 0,12 % do valor, o que elevaria, apenas, os direitos sobre a exportação a 8,72 %, ainda abaixo dos 9 % legaes.

Mas tal taxa não constitue renda do Estado, não concorre para as despesas geraes, pois se destina, unicamente, á propaganda de café, que é feita por intermedio da Sociedade Promotora da Defesa do Café e, pois, não pode ser considerada como direitos sobre a exportação.

E é tudo quanto onera a exportação de café, visto como está tsse produeto isento do imposto de viação ou transito, pela Lei



n.º 1245 de 1910, art. 16 do imposto sobre capital de sociedades anonyinas e do imposto territorial, pela lei n.º 920 de 4 de Agosto de 1904, art. 1.º, § 3.º, ns. 1 e 5, e da taxa de expediente pela lei n.º 817, de 8 de Novembro de 1901, art. 15.

O imposto de transmissão de propriedade, *inter-vivos* ou *causa-mortis*, não pode ser contado, porque não recae sobre exportação de café.

Esse estudo é necessário, indispensável, neste momento em que se fala em reformar o systema tributário do Estado.

Deante de princípios de escola, pode-se atacar o imposto sobre a exportação, mas não se pode condemnar o que entre nós vigora, por exaggerado ou prejudicialmente sobrecarregado.

Maior, muito maior, seria a arrecadação do imposto sobre a exportação do café, si tivesse sido elle cobrado na base legal *ad valorem*, e não sobre uma pauta fixa, como foi feito.

Essa diminuição do imposto explica o decrescimento dessa fonte de receita, na actual e nas anteriores arrecadações.

O imposto sobre exportação de café, nos annos de 1912 até 1916, constituiu metade da receita total do Estado de S. Paulo; no exercicio de 1921, não chega a representar a quinta parte da renda orçamentaria arrecadada, visto que, na arrecadação total de 160.580:333\$463, os direitos sobre exportação de café concorreram com 28.966:410\$578.

Foi uma das fontes de receita estadual que deram menor quantia do que a que se esperava. A razão está, em geral, na diminuição do *quantum* do imposto; mas, neste orçamento, em que já se previu a arrecadação do tributo sobre a base da pauta fixa de 700 réis, o motivo principal foi o de menor exportação de café.

Foi calculada a exportação de café em dez milhões de saccas, razão pela qual foi orçada a arrecadação em 37.800:000\$000; (600.000.000 kilos X 700 réis = 420.000:000\$000, que, a 9 %, dão 37.800:000\$000) entretanto, a exportação ficou em 7.645.935, tendo produzido 28.966:410\$578.

Influiu para essa menor exportação, portanto, para diminuição do imposto e consequente augmento do *deficit* orçamentário, o plano de defesa do café, em boa hora posto em pratica pelo governo federal, que reteve no paiz alguns milhões de saccas, das quaes a maior parte pertence a São Paulo.

Para que essa acção governamental tivesse efficacia, como tem tido, concorreu o Estado de São Paulo com a quantia de 15.000:000\$000 em dinheiro, no anno passado conforme já vos informei.

Alem, pois, de entrar com esses 15.000:000\$000, para a valorisação do café, deixou o Estado de receber, neste exercicio, os impostos referidos sobre talvez 3.000.000 de saccas.

Si a exportação de café rendeu menos do que a somma orçada, em compensação, quasi todas as outras fontes de receita deram bem mais do que as quantias previstas.

Como se vê do quadro anexo, das trinta e sete rubricas, que autorizam a arrecadação das rendas, vinte e oito deram mais do que se esperava, duas não foram arrecadadas e sete deram menor quantia do que a orçada.

Dessas sete, uma, a que autoriza os direitos sobre a exportação do café, deu *deficit*, pelas razões já amplamente esplanadas".

Apenas, pois, seis fontes de renda não se comportaram bem; mas, examinadas as razões e os valores de suas faltas, temos que concluir que pouca importancia tem o caso, em relação a cinco rubricas, devendo todos ter muita attenção para a sexta, de que trato no fim.

Assim, o imposto de commercio, orçado em 6.000:000\$000 rendeu 5.995:493\$951 ou menos apenas a insignificante quantia de 4:506\$049. A taxa sobre mercadorias negociadas a termo, taxa creada mais para impedir o jogo illegitimo a termo, do que para fazer renda estadual, foi prevista em 3.560:000\$000 e deu 2.949:693\$050 ou menos 610:306\$950 e é uma das de maior vulto nas suas faltas. As rendas patrimoniaes provenientes das alienações de terras publicas e de lotes em núcleos coloniaes, apresentaram-se, aquella, com menos 33:718\$350, pois, orçada em 40:000\$000, rendeu 6:281\$650 e esta, com menos 48:076\$137, pois, prevista em 200:000\$000, deu 151:923\$863.

Era natural que as rendas provenientes das alienações das terras publicas nada produzissem, pois que o Estado, pela esperada lei n. 1844, de 27 de Dezembro de 1921, com o elevado intuito de entregar essas terras ao amanho privado, autorizou o governo a transferil-as gratuitamente aos particulares que as pedissem.

A taxa sobre matança de vaccas, estabelecida com o fim de, evitando a matança de vaccas, desenvolver a pecuaria, feita, por conseguinte, para não ser arrecadada, foi orçada em 1:000\$000 e rendeu, apenas, 50\$000, tendo dado *deficit* de 950\$000. Quer dizer que o objectivo da lei foi attingido, tendo-se impedido a matança de reproductoras.

Por ultimo, a taxa de expediente, orçada em 4.000:000\$000, rendeu 3.062:159\$807 ou menos 937:840\$193.

A taxa de expediente foi estabelecida, nos lugares de embarque, de 2 a 10 réis por kilo exportado de mercadoria, com isenção o café, para por ella se fazer a estatistica da nossa exportação.

Baixou a sua arrecadação, baixou a nossa exportação.

E' um facto.



Não obstante ter sido reduzida de 10 a 2 réis a taxa de expediente sobre carnes, areia, tijolo e pedra, pela lei n.º 1764, de 31 de Dezembro de 1920, o que naturalmente influiu sobre o total arrecadado, o facto é que houve diminuição na nossa exportação, como falarei adiante.

Nos últimos tres exercícius, foi a seguinte a arrecadação da receita do Estado:

1919	94.234:873\$515	
1920	111.211:356\$449	(1)
1921	160.580:333\$463	

Si foi ascensional a marcha da receita, foi, também, a da despesa.

Fixada em 137.484:000\$000, pela lei orçamentaria, foi ella, entretanto, realizada no valor de 177.976:662\$845, o que occasionaria o *deficit* orçamentário de 40.492:662\$845, caso a receita não tivesse superado a sua marcação em 23.096:333\$463, o que, reduzindo grandemente as proporções da differença, fel-a baixar a 17.396:329\$382.

O *deficit* é explicado facilmente. Basta o exame das diversas despesas para se ver a sua procedencia e a sua inevitabilidade.

Assim, na Secretaria da Agricultura, gastamos com immigração, com a vinda de colonos para a lavoura de café, 6.994:115\$676, quando essa despesa tinha sido fixada em 200:000\$000; no augmento dos serviços de aguas na capital do Estado, augmento exigido como preço da saúde e, quiçá, da vida da população paulistana, empregamos 7.063:953\$452, emquanto que a respectiva despesa, juntamente com a de exgottos, tinha sido prevista em 2.204:842\$779; com a Estrada de Ferro Sorocabana despendemos 24.510:088\$371, ou mais 1.640:088\$371 que o esperado, em vista da elevação de preços de materiaes e salarios; pela mesma causa, em grande parte, applicamos em obras publicas a quantia de 7.767:373\$224, ou mais 1.899:373\$224 visto que a orçada foi de 5.868:000\$000.

Na Secretaria da Fazenda foram pagos, a mais do que os fixados, juros no valor de 6.819:858\$889 e differenças de cambio em 4.947:097\$327 e de administração e arrecadação de rendas 3.131:908\$581. A verba de juros é maior porque, antes da consolidação da divida fluetuante em notas promissórias, na reforma dos respectivos titulos, eram os juros nelles incluídos, não sendo

Cl) Com exclusão da renda eventual proveniente das vendas de café da valorização que subiu a 64.467:638\$756.

computado o seu pagamento; na terceira verba, ha augmento benefico devido ao augmento de arrecadação e na segunda o excesso é occasionado pela baixa da nossa taxa cambial, em relação ás taxas das operações de credito.

Só as verbas indicadas, imprescindíveis, fazem uma despeza maior de 30.091:652\$741.

O restante do *deficit* pertence a verbas menores, para as quaes, bem como para estas, já havia autorização legal para a abertura de créditos supplementares, o que indica que já sabiamos todos que as dotações orçamentarias eram insufficientes.

Posso affirmar ao Congresso e ao Estado de S. Paulo que, ás despezas publicas, tem presidido severo critério de rigorosa economia, tendo havido não raras vezes, estreiteza nos gastos.

Aliás, esse disequilibrio entre a receita e a despeza vem se reproduzindo desde muitos exercicios passados e explica-se pelas iniciativas que tem sempre o Estado tomado para realização antecipada dos seus serviços indispensáveis, e para o seu desenvolvimento economico.

Entretanto, neste exercicio financeiro, não temos tomado iniciativas dispendiosas. Paramos todas as obras adiaveis; reduzimos, tanto quanto possivel, as contractadas e só demos andamento áquellas, cuja interrupção poderia occasionar maiores despezas que a própria execução.

O *deficit* apparece unicamente pela exiguidade das nossas rendas.

E' um facto que está ao alcance de todos os olhares e cuja demonstração se faz de maneira inconfundível. Basta attendermos a que, si não tivesse sido reduzido o imposto sobre a exportação do café, teríamos chegado, não ao equilibrio orçamentário, mas a saldo, e a saldo considerável, visto que teríamos arrecadado a mais 24.240:121\$900, que cobriria o *deficit* orçamentário de 17.396:329\$382, deixando, por consequência, o *superavit* de 6.843 :792\$518.

Si não devemos, ou si não quizermos, retomar os anteriores 9 % sobre a exportação do café, teremos que crear novos impostos, visto como a actual organização dos serviços públicos, em S. Paulo, reclama maior somma do que a que produzem as actuaes fontes de receita, devido ao alto preço a que chegaram, nestes últimos dois annos, os materiaes e salarios.

Mais do que isso, muitos 'dos serviços públicos estão antiquados; precisam ser reformados alguns e ter grande desenvolvimento outros, o que obriga a despezas, que podem ser adiaadas, mas cjeue não podem ser evitadas, sob pena de impedir o progresso paulista, o que nenhum de nós quer.



Mostra a exposição, que ora faço, que é boa a situação financeira do Estado de S. Paulo, visto como, para fazer desaparecer o desequilíbrio orçamentário, bastariam o augmento progressivo das rendas actuaes e a volta á cobrança dos impostos, tal qual a permitem as nossas leis, sem as diminuições que temos feito.

E' um caso que reclama esclarecida attenção e o estudo cuidadoso por parte do Congresso Estadual, pois que a reforma do systema tributário do Estado de S. Paulo se impõe immediata.

Eu lembraria aos Srs. Senadores e Deputados a experiencia do imposto sobre a terra, não como o imposto único, mas como uma das principaes fontes de receita, para occorrer ás despesas publicas de S. Paulo, que são volumosas, como não podem deixar de ser as de um Estado novo, que tem ainda muito a fazer, que deve tudo crear ou improvisar, para se apresentar capaz e apto para a vida exigente que a civilização moderna reclama.

Podemos já pensar no imposto territorial, agora que a totalidade da terra já se acha na posse particular, que leis sabias habilitam o governo a conferir o respectivo dominio a todos os que nella já trabalham, que estradas de ferro de penetração compoem já o esqueleto do systema de viação do nosso Estado, que estradas vicinaes e que estradas de rodagem vão, ligando e entrelaçando, amarral-o solidamente.

Penso que a experiencia poderia ser feita por uma lei que autorizasse a imposição do tributo, com todas as suas minúcias para lançamento, por meio de cadastro e de declarações dos proprietários; com todos os detalhes dos recursos e reclamações para verificação da verdade; com todas as disposições meticulosas para a boa, prompta e fiel arrecadação; com a creação de todos os empregos necessários, pormenorizando funcções e fixando vencimentos, como si tal tributo devesse ser a única fonte de receita para todas as despesas do Estado — mas em uma taxa mínima, que seria augmentada devidamente mais tarde, conservando-lhe, porém, no momento, o character de ensaio, — tanto quanto permittisse para occorrer ás despesas totaes de sua installação e funcionamento, o que seria equivalente a pouco mais do que produz a actual tentativa de imposto territorial já arrecadado, como fonte de receita estadual e que no ultimo exercício produziu 1.068:286\$766.

As vantagens, de assim se fazer, saltam aos olhos. A primeira e mais importante, seria a de não se confiar immediatamente a uma fonte de receita, ainda não comprovada, a tarefa de prover na maior parte as despesas publicas de um grande Estado organizado, como é o de S. Paulo. Não poderíamos esperar dos



azares de um lançamento longo, demorado e difficil, qual o do imposto sobre a terra, do inesperado de uma arrecadação directa, por isso mesmo irritante e reclamadora, emfim de uma contribuição nova, as quantias necessarias para manutenção de serviços, taes como o de justiça, de policia, de salubridade, de transporte, de divida publica, e outros que fazem parte da essência própria do Estado.

Não seria prudente, nem mesmo sensato, que se substituísse immediatamente o systema tributário actual por um outro, ainda mesmo que estivessemos seguros de sua efficacia e de suas vantagens indiscutíveis. Quem tal pretendesse, só poderia encontrar o fracasso tremendo da desorganização do Estado de S. Paulo.

Por outro lado, nada se conhece de tão grave numa sociedade organizada quanto o estabelecimento de novos impostos. Sobre tal matéria, nada se pode fazer sem o assentimento consciente do maior interessado, que é o contribuinte.

E' verdade que, nestes últimos tempos, se tem manifestado entre nós um movimento de opinião em favor do imposto sobre a terra, como a principal fonte de receita para as despesas do Estado. E' esse movimento, em grande parte, o trabalho de espiritos esclarecidos, adeantados e patrioticos, representando ideas individuaes ou correntes de ideas, na imprensa e em conferencias, mas sobre o qual ainda não se pronunciou inequivocamente aquelle sobre o qual irá recahir o tributo.

•A consulta ao contribuinte seria feita de maneira indirecta mas irretorquível si, estabelecido o imposto sobre a terra, com todo o seu aparelhamento, como si elle sozinho tivesse de se encarregar das nossas principaes despesas, como atraz dissemos, e arrecadassemos já 2.000:000\$3000, quando nos são necessários **200.000:000\$000.**

O proprietário da terra tendo em vista a extensão e qualidade de suas terras, o seu valor, emfim, veria que, pagaria *um* nessa experiencia, de 2.000:000\$000, porém, que seriam *cem* vezes mais as contribuições futuras para as rendas do Estado. Então, com conhecimento perfeito de causa, poderia julgar qual a forma menos onerosa de concorrer para as despesas publicas.

A verdade é que, affirmando-se a um lavrador paulista que a sua lavoura, com o systema actual, paga 30 % do seu valor annual para os impostos estaduaes e que, entretanto, com uma porcentagem pequena sobre o valor da sua terra, pagando elle muito menos, as rendas publicas teriam o mesmo total que actualmente, nenhum hesitaria na escolha do tributo indispensável.



A questão é, porém, de algarismos, e, perante a severidade delles, é que deverá ser estudada e resolvida.

Essa tributação interessa ao contribuinte e ao Estado.

Por sua parte, o governo vê, com sympathy, a reforma da nossa tributação, tendo por base o imposto sobre a terra, não como a única, mas como uma das principaes fontes de receita do Estado, a substituir talvez o imposto de exportação perfeitamente applicavel, neste momento, no nosso territorio, em que todas as terras já estão na posse e no amanho particulares.

Obedecendo a esse modo de ver, tem estudado com muita solicitude tal assumpto e propõe o ensaio indicado, como consulta ao outro interessado, o contribuinte.

iS. Paulo precisa, para as suas despesas ordinarias, de réis 200.000:000\$000 de renda annual. Com ella poderá manter os serviços actuaes, desenvolver muitos e estabelecer novos, de que visivelmente carece o seu organismo.

DIVIDA FLUCTUANTE

Tenho o grande prazer de communicar ao Congresso Estadual que toda a divida fluctuante, proveniente de operações de credito, está consolidada. Nada mais deve o Estado por notas promissorios. Todas as notas promissórias, no valor de 191.244:562\$982, foram remidas, pagas muitas e convertidas a maior parte em obrigações de 7 % ao prazo de 25 annos, conforme a autorização da lei n.º 1739, de 14 de Outubro de 1920, que teve os pormenores indispensáveis regulamentados nos decretos ns. 3318, de 26 de Fevereiro de 1921 e 3331, de 23 de Março de 1921.

Até 31 de Dezembro de 1921 tinham sido resgatadas e convertidas notas promissórias no valor de 160.747:092\$562, e restavam ainda 30.497:470\$420, cujos vencimentos diários iam até 30 de Março do corrente. Essas também nos tempos proprios foram pagas ou convertidas, de modo que hoje posso vos repetir a grata noticia de não haver, em circulação, nenhuma nota promissória do Estado de S. Paulo.

Foi toda essa divida remida com o producto dos emprestimos externos e interno, autorizados pela citada lei n. 1739, de 14 de Outubro de 1920.

Como vos informei na minha mensagem de 14 de Julho de 1921, os referidos emprestimos externos de *í* 2.000.000, dolla-



res 10.000.000 e florins 18.000.000, produziram a importancia liquida de	135.747:771\$220
o emprestimo interno indicado, em obrigações de 7 %, parte emittida em 1921, aos typos de 90 e 93 %, deu o liquido de	118.862:560\$000
Total em 31 de Dezembro.	254.610:331\$220

Esse producto teve a seguinte applicação:

resgate e conversão de notas promissórias do Thesouro.	160.747:092\$562
'contribuição do Estado ao governo federal para a defesa do café	15.000 000\$000
auxilio á municipalidade da capital, lei n. 1310-G, de 30 de Dezembro de 1911	1.460:000\$000
restituição de depositos das Caixas Economicas (liquido)	11.839:525\$460
juros no 1." semestre, deduzidos no acto da emissão dos emprestimos internos	4.442:846\$481
Saldo	61.120:866\$717
	254.610 331\$220

Em 31 de Dezembro de 1921, o *saldo* em dinheiro do Estado de S. Paulo estava assim distribuído:

disponível em bancos	51.932:469\$042
em moeda corrente	21.434:844\$449
em bancos — para o serviço de divida externa	5.663:652\$068
em hancos, diversos saldos	5.579:569\$336
em poder de estradas de ferro	269:722\$058
na Caixa de Sobretaxa	1:911\$900
Total	84.882:168\$853

DIVIDA EXTERNA

A divida externa do Estado era, em 31 de Dezembro de 1921, de £s. 7.673.280-19-3, Dolares 9.961.000,00 e Florins 18.000.000,00 escripttirada, em moeda nacional, na importancia de 201.008:5358153.



Durante o anno, foram feitas remessas para o serviço de juros e amortização, na importancia de is. 757.918-1-10, Frs. 6.814.210,40, Fls. 1.091.540,46 e U. S. \$6030367,55, escripturadas, em moeda nacional, no total de 34.024:680\$818.

A amortização realisada no exercicio foi de £s 169.346-0-7 e U. S. \$39.000,00.

Os quadros annexos claramente provam a exposição ora feita.

	Libras	Dollares	Florins
1888 — Louis Cohen & Sons, a vencer-se em 1925	157.100- 0-0		
1904 — London & Brasilian Bank, a vencer-se em 1935	616.840- 0-0		
1905 — Dresdner Bank, a vencer-se em 1943	3.054.600-12-6		
1907 — Sociéte Générale e Banque de Paris & Pays Bas, a vencer-se em 1957.	1.844.740- 6-9		
1921 — J. Henry Schroeder & Comp., Baring Brothers & C.º, N. M. Rothschild & Sons, a vencer-se em 1951.	2.000.000- 0-0		
1921 — Speyer & C.º a ven- cer-se em 1936		9.691.000	
1921 — Lippmann Rosenthal & Comp., e Rotterdamsche Bankverecning, a vencer-se em 1951			18.000.000
	<hr/> 7.673.280-19-3	9.961.00p	18.000.000

DIVIDA INTERNA FUNDADA

A divida interna fundada teve o seguinte movimento no exercicio de 1921:



Apólices em circulação em 31 de Dezembro de 1920.	.134.903:000\$000
Apólices emittidas em 1921.	3.064:500\$000
Obrigações emittidas em 1921.	.130.414:000\$000
	<hr/>
	268.381:500\$000
Apólices resgatadas em 1921.	.1.798:50Q\$000
	<hr/>
Saldo em circulação em 31 Dezembro 1921	266.583:000\$000

SITUAÇÃO ECONOMICA

A crise economica, cje perturba o mundo inteiro, influuiu poderosamente sobre S. Paulo, o que transparece claramente na estatística do commercio internacional pelo porto de Santos. Decresceu extraordinariamente a actividade commercial. O commercio total, importação e exportação reunidas, não excedeu de 47 milhões esterlinos em 1921, contra 90 milhões em 1920.

Considerado em libras esterlinas, o intercambio por Santos demonstrou este resultado durante o ultimo triennio:

Annos	Importação	Exportação
1919	22.297.985	64.457.871
1920	36.838.795	53.250.298
1921	18.323.622	28.771.553

Em virtude dessa marcha do commercio, o saldo favoravel ao Estado desceu de 42.160.000 libras em 1919, para 16.412.000 em 1920 e 19.447.000 em 1921.

Em papel, a importação de 1921 attingiu a 508.564 contos, contra 613.456 em 1920. Para essa redução de 104 mil contos, mais concorreu o algodão, em bruto e manufacturado, cujo valor desceu de 46.761 contos em 1920 para 30.705 contos em 1921. O aço e ferro em bruto e manufacturados também baixaram de 87.154 contos em 1920 para 66.863 contos em 1921. As machinas para a industria subiram de 9.462 contos para 19.655 e as machinas, apparatus e utensilios montaram de 50.057 contos para 67.394 nos mesmos annos, o que é bastante satisfactorio para o progresso industrial do Estado.

Na importação de generos alimenticios, nota-se que recebemos 19.285 contos em farinha de trigo no anno de 1920 e apenas



8.189 contos no de 1921. O trigo, porém, figura com 38.889 contos em 1920 e 58.846 em 1921.

A exportação, em papel, pouco baixou no anno findo, pois que de 860.476 contos em 1920 desceu a 841.016 em 1921. Dos principaes artigos que a compõem, só o café e as bananas apresentam-se com o valor augmentado. Os outros artigos denunciavam grande decrescimo, com especialidade o algodão, o arroz e o feijão, conforme demonstra o confronto a seguir:

	Em 1920	Em 1921
Algodão em rama	38.689:192\$000	13.252:666\$000
Arroz	59.893:622\$000	7.811:977\$000
Banha.	5.552:549\$000	2.187:924\$000
Café	671.363:457\$000	761.327:301\$000
Carne resfriada e congelada	36.532:942\$000	29.943 :463\$000
Feijão	7.584:637\$000	93 :895\$000
Bananas	2.304:434\$000	2.711:641\$000

A quantidade do café exportado em 1920 foi de 8.480.837 saccas e de 8.795.184 em 1921, das quaes pertencem a S. Paulo 7.645.935 saccas no valor de 591.183:694\$200.

O café foi, e continua a ser, o nosso principal producto de exportação e, portanto, a base indiscutível da nossa economia.

No valor total de toda exportação de Santos, de 753.177:879\$000, o café entrou com 591.183:694\$200, pertencendo aos outros productos 161.161.994:184\$800.

A situação do café é boa devido exclusivamente á intervenção commercial do governo federal, cujos effeitos se fizeram sentir nos tres últimos trimestres do anno de 1921.

Na minha mensagem anterior, tive occasião de minuciosamente mostrar as razões imperiosas de não dever e de não poder o Estado de S. Paulo, sosinho, renovar as anteriores intervenções na praça de Santos para defesa do café. Conhecida a verdadeira situação, lá exposta franca e pormenorizadamente, tive a satisfação de ver a attitude do governo de S. Paulo applaudida por todos os interessados.

Desde 1906, a situação do café tem sido mantida pela directa acção governamental na praça de Santos.

Nesse anno de 1906, começou essa acção, por iniciativa do governo Tibiriçá, a principio só com os recursos do Estado, e em seguida com esses mesmos recursos e com o endosso da União,



no governo A. Penna. Reproduziu-se em 1917, com o governo Altino Arantes, tendo por base única, uma emissão de papel moeda, feita no governo Wenceslau Braz.

Agora se renovou no governo Epitácio Pessoa, com os resultados que todos applaudimos. Desde a primeira intervenção, em 1906, até pouco antes da actual, 1921, jamais o governo estadual deixou de frequentar assiduamente os mercados de café.

Foi isso natural, porque as razões, que o fizeram intervir, levaram-no a permanecer; além disso, grande proprietário, durante muito tempo, do maior *stock* de café, era o governo estadual obrigado a estar na praça, senão a comprar, pelo menos a vender, e mesmo para vender era preciso sempre comprar.

Agora mesmo o governo federal terá que ahí se conservar muito tempo.

Essa intervenção permanente, a que se tem visto obrigado o governo, mostra inquestionavelmente a fatalidade dessa acção. Ella tem sido e* será necessaria por largo tempo.

E' conveniente, pois, acceitar a situação tal qual se apresenta e regulal-a attendendo aos interesses do productor, do Estado e da Nação, pois que a todos o problema interessa profundamente.

Por essa razão, o Estado de S. Paulo deu o seu inteiro apoio ao projecto estabelecendo um aparelho de defesa permanente de café, pedido ao Congresso em mensagem especial pelo Sr. Presidente da Republica.

^N Esse projecto já é hoje lei do paiz.

O nosso principal producto já não se acha desamparado.

Está o governo federal armado dos meios para a protecção efficiente e oportuna, a qualquer tempo, sem autorizações especiaes obtidas nas épocas de desespero, que proclamam esse desespero e, por consequencia, a nossa fraqueza diminuindo as probabilidades da victoria.

Essa só circumstancia de se poder operar a defesa sem que seja precedida das reclamações dos interessados, é condição para bom êxito do resultado. Foi incontestavelmente um grande passo para consolidação economica do paiz, e, por isso, a medida valentemente defendida por toda a representação paulista, recebeu os applausos de todos nós, e não poderia, por consequência, deixar de receber o nosso apoio, como recebeu.

Mas não devemos parar nesse caminho. Continuo ainda a sentir, como me manifestei na plataforma de 25 de Janeiro de 1920, e nas subsequentes mensagens ao Congresso Estadual, a necessidade



imprescindível e urgente da formação do Banco Central de Emissão e Redescoto.

Sem esse banco, "sem essa aparelhagem, não ha nação; a insufficiencia de alguns de seus órgãos faz as nações rachiticas, o seu mau funcionamento traz as apprehensões permanentes e as crises continuas. Tal banco possuem os Estados Unidos da America do Norte, com o Federal Reserve Banck; existe na Allemanha com o Reisch Bank; tem a França com a Banque de France; está na Inglaterra com o Banco de Inglaterra, para só enumerar esses".

Emquanto o Brasil não possuir tal órgão regulador, nada fará de solido e duradouro. Os seus proprios surtos brilhantes de riqueza serão prenúncios de depressões humilhantes e de quedas perigosas.

As diversas valorizações, que temos feito, a defesa permanente do café, de 15 annos a esta parte, mostram a necessidade indeclinável da systematização das medidas postas em pratica e a sua transformação definitiva em um órgão do banco, a que me refiro, que seria a carteira de café.

Entre as diversas carteiras, o banco teria mais essa, a do café.

A *Carteira de Café*, no granae Banco Central, teria a função de operar sobre café, comprando e vendendo permanentemente e quando fosse necessário, sem que o respectivo mercado descobrisse logo a intervenção. Operaria, como opera a Carteira de Cambio.

Como se faz actualmente, todos os interessados vêm o governo a comprar, o que é um inconveniente, e, o que é inconveniente ainda maior, fica o governo com difficuldades de vender sem derrubar o mercado.

Esse banco a operar, tendo, entre outras, ao lado da Carteira de Redescoto e da Carteira de Cambio, a Carteira de Café, prestaria serviços inestimáveis á economia do paiz.

Até não se comprehende que essas tres carteiras não existam já, e conjugadas, sob uma direcção central, para a sua completa efficiêj.

O nosso cambio se faz, principalmente, com a exportação do café, nossa principal mercadoria para o exterior. Quanto mais valer e mais sahir o café, mais ouro entra, mais se valoriza a nossa moeda. Com o redescoto, os bancos locaes podem adiantar dinheiro e fazer o credito aos productores, evitando que elles despejem as suas safras em Santos, causa de baixa na época de exportação.

Ora, um banco que operasse sobre o redescoto, para dinheiro e credito aos productores; que operasse sobre café, comprando e



vendendo para sustentar o mercado, sem que a sua acção fosse conhecida, e que operasse sobre cambio, para a estabilidade da moeda, impedindo as altas bruscas e súbitas baixas de valor, só poderia prestar inolvidáveis serviços ao Brasil.

IMMIGRAÇÃO

A questão da imigração, entre nós, não é somente um caso de braços para a lavoura, é também um problema delicado e respeitável da nossa nacionalidade.

Na sua constituição politica, o Brasil não faz* distincção entre brasileiros e estrangeiros, para garantir os direitos aos que vivem em sociedade.

Mais do que isso, mas muito mais, a nação abre os braços aos estrangeiros, numa ancia fraternal de os fazer brasileiros, sem oppôr difficuldade alguma, antes tudo facilitando, de modo que adquirir aqui a nacionalidade brasileira é um acto quasi mecânico, que só não se completará, pela repulsa expressa e decisiva do estrangeiro.

E' assim que são cidadãos brasileiros:

- a) os estrangeiros que se achavam no Brasil a 15 de Novembro de 1889 e não declararam, dentro de seis mezes da proclamação da Constituição, o anirio de conservar a nacionalidade de origem;
- b) os estrangeiros que, residindo no Brasil, aqui possuam bens immoveis;
- c) os estrangeiros que, residindo no paiz, sejam casados com mulher brasileira;
- d) os estrangeiros que, morando comnosco, tiverem filhos brasileiros.

Nesses tres casos só a vontade do estrangeiro predomina, decide; porque não se tornarão brasileiros si manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade.

Mas ha ainda os seguintes casos:

- c) os estrangeiros por outro modo naturalizados;
- l) os nascidos no Brasil, ainda que de pae estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação.

Salvo os casos de serem brasileiros os filhos de brasileiros nascidos no Brasil, comprehendido também no paragrapho l) anterior,



e os casos dos filhos de pae brasileiro e os illegitimos de mãe brasileira, nascidos em paiz estrangeiro, estabelecendo domicilio na Republica, e os filhos de pae brasileiro que estiver em outro paiz a serviço da Republica, embora aqui não venham domiciliar-se, todos os mais têm principalmente em vista tornar cidadão brasileiro o estrangeiro que para a nossa terra venha.

Taes são as disposições de nossa Constituição Política, em seu art. 69.

Ninguém abi pode enxergar medo, odio ou horror ao estrangeiro. Muito pelo contrario. Mas ser cidadão brasileiro é pertencer é communitade brasileira, com ella ser solidário, viver sob a acção das leis e das autoridades brasileiras, para a consecução do fim commum que é o engrandecimento da patria brasileira, sob o aspecto material, intellectual e moral.

Grande, pois, deve ser o nosso cuidado ao abrir as nossas portas á immigração em massa. Cuidadoso deve ser o estudo, pelo qual as nações que, pelo excesso de sua população, terão que consentir ou estabelecer as correntes emigratorias.

Dada a nossa legislação politica, a vinda para o Brasil tem como effeito immediato, salvo a vontade expressa do emigrante, a mudança de nacionalidade. E' de valor considerável essa situação, que se torna ainda mais seria, porque a constituição da familia, a própria familia que vem de fóra, se reproduzirá em prole brasileira, falhando ahi até a vontade dos interessados, emquanto estiverem no Brasil, isto é, a vontade dos filhos de estrangeiros, nascidos no %Brasil, que pela nossa Constituição, são brasileiros.

E' um mal? E' um bem? E' o que é.

E não se tem dado mal o Brasil com o systema, pois que, dos 30.000.000 de brasileiros, que o ultimo recenseamento encontrou nesta terra pouco mais de 1.000.000 virão exclusivamente dos aborígenes, visto que mais de 29.000.000 são filhos ou descendentes de paes nascidos em peregrinas terras.

Não é só um direito, mas um dever esse de escolher ou autorizar a vinda daquelles que, mais que socios ou interessados, nossos irmãos virão a ser.

Somos, por consequência, um paiz de immigração, é verdade; mas somos um paiz, uma nação, uma patria. Adquirida, aqui, a nacionalidade, ha que conserval-a, defendel-a e amal-a. Sem isso, teremos a desintegração da terra, a contusão dos povos, a transformação em colonias, a desappareição, por consequência, da própria nacionalidade.

São esses os nossos deveres.



Os paizes de superpopulação devem pensar nas garantias que as nossas leis asseguram aos estrangeiros residentes no Brasil, quanto á inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual, á propriedade e á honra; na • consciência e no espirito de cumprimento do dever por parte das autoridades encarregadas da execução de taes leis; nas condições sanitarias e economicas dos paizes de immigração, — antes de permittir a emigração.

Seria um erro, uma inutilidade e um perigo, não conhecendo taes condições ou pensando que ellas não existam, querer um paiz de emigração prolongar as suas leis e a acção das suas autoridades, além do seu territorio proprio, no territorio alheio, embora em ^assistência tutelar, em protecção paternal aos filhos que a estreiteza do solo obriga a partir.

Seria um crime que em tal consentisse o paiz de immigração.

Não sei dos outros paizes, nem dos outros Estados; mas posso affirmar que, em S. Paulo, existem todas as condições para que digna e efficazmente se estabeleçam as correntes immigratorias de qualquer paiz civilizado.

E' um bem, decorrente da republica federativa, forma politica que nos rege, que possam os Estados, independentemente uns dos outros, e do proprio centro, dentro do seu territorio, e sempre, executar e fazer executar as leis. de garantias individuaes por autoridades competentes e idóneas.

De ha muitos annos a esta parte, não tem sido outro o esforço porfiado do Estado de S. Paulo, traduzido em realizações efficientes para a execução das nossas leis, sujeitas ao livre exame de todos.

E' esse esforço que fez o Estado de S. Paulo preparar a sua Policia Militar, pelos bravos officiaes francezes, afim de, com uma organização intelligente, tornal-a efficaz, disciplinada, tendo como guia único, o exacto cumprimento do dever, o que a faz uma das melhores forças armadas da America, bello" e magnifico elemento para a manutenção da ordem publica e para garantia do individuo e da propriedade.

E' esse esforço que fez o Estado de S. Paulo estabelecer a policia de carreira, policia civil exercida por homens formados em direito, extranhos ás localidades em que vão servir, subordinados, apenas, ao poder executivo, de quem recebem remuneração condigna, e que se conservam nos cargos emquanto bem servirem, condições que asseguram a correcção no desempenho das suas attribuições, em relação ás medidas preventivas dos delictos e no preparo honesto, para as repressivas.



E' esse esforço que fez o Estado organizar a sua Justiça, baseada na competência, na moralidade, na vitaliciedade, na inamovibilidade e na remuneração respeitável e irreductivel, para que encontrem garantia todos os interesses legitimos e amparo todos os direitos privados. Ainda agora, na ultima reforma judiciaria, estabeleceu regras que demonstram o carinho e o desvelo, que põe na formação e composição da magistratura, órgão do poder judiciário.

E' esse esforço que organizou o Serviço Sanitario, que, desde ha muito, garante a saúde publica, em combates contínuos contra endemias e em medidas de prophylaxia, evitando muitas vezes, diminuindo continuamente, o numero das victimas de certas moléstias.

E' esse esforço que traçou e construiu um systema ferroviário de mais de seis mil kilometros, e que o completa com estradas vicinacs e de rodagem, para facilidades de communicacão da vida civil e satisfacão das necessidades dá vida economica.

E' esse esforço que fundou esses grandes centros de producção agrícola e industrial, esses meios de circulação commercial, tantos modos fie trabalho, tantas fontes de bem estar, de conforto e de riqueza.

E' esse esforço que creou tudo isso, que, ao bom de hontem, para todéis, indistinctamente, aparelhamento para a vida e preparo para o ensino seçundario e superior, também ministrado, a modicissimas taxas.

E esses esforço que creou tudo isso, que, ao bom de hontem, ajunta o melhor de hoje, na esperança do optimo de amanhã.

S. Paulo não deseja senão que se examinem *in loco* as suas realizações e as suas possibilidades.

Mas, ha aqui moléstias, dizem, e poderemos ter amanhã, e talvez já tenhamos crises econoinicas. Mas qual o paiz em que não ha moléstias e qual a parte do mundo, hoje, que não esteja passando por tremenda crise economica e social?

Na defesa da saúde publica, para melhorar cada vez mais as condições sanitarias, não tem poupado e não poupará trabalhos e dinheiro.

Melhorando cada dia, melhorará sempre.

Quem pode tomar resoluções sobre o problema immigratorio, na previsão de evitar crises economicas próximas ou remotas? O que é necessário é saber se o immigrante encontra saúde, trabalho e segurança para os seus direitos, porque as crises economicas virão sempre, em todos os tempos e em todos os paizes.

Essas ideas geraes ahi expendidas são felizmente partilhadas por todos os povos esclarecidos, e breve teremos que chegar a entendimento justo que attenda aos recíprocos interesses dos paizes em que sobram terras e falta gente, com os dos em que falta terra por sobrar gente.

Com as condições aqui indicadas, S. Paulo deve abrir as suas portas á immigração que se destine á agricultura e, na agricultura, a que venha para as fazendas.

A que não vier para a agricultura ficará pesando nas ruas das cidades, por não encontrar occupação, não attendendo tal immigração nem aos nossos interesses, nem aos do paiz de origem.

A que não passar pelas fazendas terá e causará decepções.

Continuo a pensar como pensava na mensagem de 14 de Julho de 1921.

Para aqui transporto o que disse então, pois que é util repetir.

"Neste momento, uma das principaes difficuldades, no exterior, está na nova forma que se quer dar á organização do trabalho agrícola entre nós.

Penso, que não devemos alterar, ou modificar, o que está sendo feito e que bons resultados tem dado.

Suppondo ser essa a melhor forma de garantir o trabalho, querem muitos, nos paizes de emigração, que os colonos sejam aqui collocados em núcleos por conta própria, fornecendo-lhes o governo o preço das passagens, as terras em que trabalhem e instrumentos agrícolas, para pagamentos futuros em commodas parcellas. Tudo terá que ser dado ou adiantado pelo governo para criação de uma organização agrícola nova, para desbravamento dos sertões, para incorporação ao trabalho de vastas zonas do Estado, que jazem inexploradas.

Não se pode censurar os intuitos de tal plano. Tudo isso pode ser feito; tudo tem que ser feito, e, mesmo posso affirmar, que isso já está sendo feito, em parte.

Mas, *inicialmente*, como querem os que só conhecem as condições economicas da Europa e desconhecem completamente as nossas, constituirá um erro deplorável e irreparavel, que não attende ás nossas necessidades imprescindíveis. Exclusivamente executada, causará a extincção da lavoura cafeeira e impedirá o estabelecimento da colonisação que ella suppõe manter.

Razões de ordem diversas, referentes a ambas, demonstram-nos immediatamente com uma evidencia, que não admitte contestações.



Encaminhada a immigração para os núcleos coloniaes, para exploração de culturas novas, para cultivo da terra selvagem, longínqua e, por isso, ás vezes hostile, continuará a lavoura sem braços, augmentará cada vez mais essa falta, e, o que é mais, desaparecerá a esperança de os obter, trazendo como consequência o desalento final dos lavradores.

Ora, a grande lavoura de café, por si só, constitue a metade da exportação brasileira e é quasi que a totalidade da riqueza privada de S. Paulo.

Da sua manutenção depende, pois, a balança commercial do paiz, o valor da nossa moeda, o credito e a riqueza da nação e também o bem estar paulista.

Dada essa organização agricola, que vem de longe, não podem os governos, no interesse do Brasil e de S. Paulo, ver com indifferença o abandono da lavoura cafeeira.

Dirigir a corrente immigratoria para outro lugar que não as fazendas, seria destruir a riqueza nacional e atrazar o Brasil, em muitos annos no seu progresso.

Por/outro lado, nos primeiros tempos apoz a chegada, o imnigrante estrangeiro é mais uma esperança que uma realidade, não é logo uma unidade util; e será prejudicial, si fôr localizado immediatamente em núcleos coloniaes distantes, em terras ainda não habitadas ao amanho.

E' elle sempre um homem do campo, que desconhece os costumes e as leis do paiz; não lhe sabe a lingua; não conhece a terra e os seus recursos, mesmo praticamente ignora sua composição geologica, quaes as plantas adequadas; não sabe quando ella bem recebe para germinar, crescer e produzir; quaes as épocas de plantar, carpir e colher, quaes as influencias das chuvas, do sol, os effeitos das geadas. Habitados ao cultivo do trigo, da vinha, da oliveira, elles se encontram com a mandioca, com o arroz, com o feijão, com a canna de assucar, com o café.

As estações são diversas; o clima é inteiramente outro.

Pretender, nas extremas terras cobertas ainda de mattas virgens, que só o machado do nosso caboclo sabe debastar, com homens de outros climas e afeiçoados a outros hábitos, rompendo com tudo que o senso pratico tem fundado, no decurso de annos, estabelecer uma nQva organização agricola não é descortino de estadista, senão sonho de visionário.

O fracasso de tal innovação será fatal.

O colono, enfraquecido pelo desanimo e pela saudade, abando-

nará taes lugares e o mau êxito virá destruir completamente essa obra inconsiderada.

Só pode lembrar tal modificação quem, vivendo na Europa, só conhece as cousas da Europa.

Os primeiros tempos, nas fazendas, foram difficeis; não assim hoje. Conhecedores dos interesses reciprocos, fazendeiros e colonos têm progredido em tudo. As cousas tem caminhado bem como se pode verificar no Patronato Agricola, instituição creada para protecção aos trabalhadores da roça.

A collocação dos colonos, recentemente chegados, da Europa, nas fazendas, com contractos de 3 ou mais annos, é o que se tem feito até agora, é o que convém continuar a fazer; constitue ella um apprendizado agricola, um verdadeiro curso pratico das nossas culturâs, em que o alumno se instrue, ganhando para se sustentar e aos seus, e pondo de parte economias, que o vão transformar brevemente, em proprietário ou commerciante.

Com os seus contractos nas fazendas, os colonos, que sempre chegam pobres, têm garantido o trabalho remunerador para um certo numero de annos, os primeiros e os mais difficeis; recebem casa e adeantamentos para as primeiras despezas; aprendem a conhecer a terra e as suas estações, a trabalhar nella, a amal-a; estão ao alcance das vantagens da vida civil, avaliam as etapas da estrada que têm que percorrer, pelos pontos nella occupados pelos que chegaram antes delles. Por toda a parte, avista elle colonos feitos pequenissimos proprietários, que se transformam em pequenos donos de sitios, que chegam a grandes fazendeiros.

Quasi todo o pequeno commercio, e mesmo grande parte do grande commercio no interior e nas grandes cidades, está em mãos dos que vieram como colonos, ou que vieram com a colonização ou por causa delia.

Não cabe aqui, e seria fastidioso, transcrever a nomenclatura das casas commerciaes, a lista dos lavradores proprietários, muitos em larga escala, homens estrangeiros aos quaes abrimos os braços, agora abastados ou enriquecidos pelo seu trabalho esforçado nesta terra dadivosa.

Tenho, porém, em mãos, copias de lançamento dos impostos de industrias e profissões, em numerosos municípios, em que os nomes italianos são em maior numero que os de origem portugueza.

Ora, esse systema de contractos para as fazendas, mantém a grande lavóura de café, base da nossa vida e da nossa riqueza; dá trabalho remunerador ao trabalhador que nos procura, permite



que elle faça economias com as quaes se transforma em proprietário, serve, pois, á lavoura e ao immigrante, e o que é mais, serve também á patria, fazendo novos cidadãos.

A grande maioria consegue, com suas economias, o pequeno capital que a habilita a comprar a terra, em que permanece, em que se prende, a que dá o seu suor e o seu affecto, em que se localiza, em summa, que é o grande desejo dos brasileiros.

Em S. Paulo, não devemos mudar de systema. Desde muito, assim pensam, assim dizem e assim fazem governantes e governados. Si nelle ha mal, é para o lavrador, que terá que renovar periodicamente os seus contractos.

Todos os nossos esforços, pois, devem ser para continuar a immigração estrangeira para as fazendas de café.

Os dirigentes de partidos, os chefes de associações, os conductores de homens, todos aquelles, emfim, que tenham um interesse elevado e legitimo, em acompanhar o bem estar dos que emigram, devem vir aqui estudar essas cousas e verificar que, para o colono, a fazenda tem sido o provisorio, e que o definitivo é a propriedade da terra que vem logo em seguida."

Si ha mal nisso, é, como dissemos atraz, unicamente para o fazendeiro, que não tem estabilidade no seu pessoal agricola.

Para o colono, não, porque tem na fazenda apenas um estagio, uma passagem rapida, um momento de transição, após a chegada á nova terra, para depois installar-se definitivamente na sua propriedade. Não é isto uma phantasia; porque se contam por muitas dezenas de milhares aquelles que, aqui chegaram trazendo apenas seu espirito de ordem e de economia, a sua intelligencia e o seu amor ao trabalho, algumas rudes aspirações vagas, são hoje, entretanto, sitiantes, fazendeiros, commerciantes, industriaes, proprietários.

Para o Estado, também não, porque á primeira vista pareceria que o seu despendio seria muito grande com as despezas permanentes de passagens pela renovação indispensável e continua do pessoal agricola; mas, o colono, que se retira da fazenda, em regra, permanece no paiz, procurando apenas campo maior e mais fructificador a sua actividade já esperta. Depois do aprendizado e da acclimação nas fazendas, o Estado ganhou com os colonos unidaes úteis ao seu desenvolvimento economico.

Em S. Paulo, pois, a fazenda é necessária ao colono, ao fazendeiro, ao Estado de S. Paulo, no seu desenvolvimento economico, e finalmente ao Brasil para a sua vida financeira e para a sua organização nacional.



E' assim, tem que ser assim. E' preciso que todos disso saibam para que se organizem, dentro dessas condições, as correntes immigratorias.

A fazenda, sempre a fazenda.

A fazenda de hoje, porem, não é a fazenda de ha trinta ou quarenta annos atraz.

Já não existe mais a fazenda senzala, a fazenda ergástulo, a fazenda matadouro, como se quer fazer crer, excepções da nossa organização agricola que formaram contra nós uma literatura romantica, alimentada por publicações antiquadas e sedições ou interessadas e de má fé.

Entre nós precisamos affirmar a fazenda, para que os interessados as visitem, vejam, inspeccionem e reformem os seus juizos pejorativos.

Com esses exames e estudos, legitimamente feitos, a fazenda ficará rehabilitada, fóra de S. Paulo, rehabilitações a que já tem direito incontestável.

A fazenda rehabilitada é a base desse systema que, esboçado num momento de crise aguda pelas necessidades imperiosas do momento e executado um pouco desconchavadamente, tem que ser o centro da nossa organização agricola.

Pelo proprio lavrador paulista a fazenda tem que ser assim considerada; isto é, no momento actual, um elo definitivo da nossa vida economica, apresentando-se como um estagio permanente da passagem provisoria dos colonos.

Os colonos não serão sempre os mesmos, mas ahi haverá sempre colonos. As fazendas serão sempre núcleos de população mais ou menos numerosos, villarejos, pequenas aldeias, é verdade, mas com as necessidades imperiosas do viver das collectividades, que devem ser satisfeitas para que ellas possam permanecer e prosperar.

Em muitas e numerosas fazendas, já são sabiamente attendidas essas necessidades, e disso dou testemunho pessoal. Aqui expondo o que suggerem as nossas condições actuaes, não faço senão relatar o que tenho visto constantemente.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO

O problema das vias de communição e dos meios de transporte tem sido a preocupação constante do actual governç.

Entende o governo que, para o encaminhamento e solução desse



problema, não ha sacrificios; pois que, tudo que ahi se fizer é pouco, não constitue ainda o cumprimento integral do dever, por parte dos poderes públicos e dos particulares.

Já tive occasião de notar que aqui a terra é fértil e que para tudo produzir não precisa do auxilio do governo; e que o homem é trabalhador e que, para tudo fazer, também não precisa desse auxilio, e que por consequência, no phenomeno economico a funcção primacial do governo é prever e dar os meios de communições e transportes, abundantes, fáceis e baratos, que levem o producto da terra trabalhada pelo homem, aos centros de commercio, para o bem estar commum e para a riqueza geral.

E' sedição repetir que a boa estrada é o accesso fácil á escola, ao medico, á policia, á justiça, aos jornaes, ao amigo, aos cumprimentos dos deveres civicos, moraes e religiosos.

1
Tenho acompanhado, kilometro a kilometro, a construcção das novas estradas de rodagem e posso informar-vos que, a cada inspecção, encontro sempre novas casas edificadas, onde estava o silencio e o abandono, novos campos lavrados, onde havia a charneca e o brejo e as próprias estradas ruidosas, pejudadas de carros a transportarem as colheitas.

E' interessante ouvir o proprietário marginal, a falar em contos de réis por alqueire de terra, antes ignorados e sem preço e é confortante observar que elle sente a sua propriedade triplicada de valor.

Começam, bem cedo, tal a importancia da matéria, a apparecer os efeitos beneficos da construcção das boas estradas de rodagem.

A riqueza particular tem augmentado, a situação economica melhora, e tudo tem sido feito *exclusivamente* com rendas ordinárias do Estado, sem recorrer a emprestimos de qualquer natureza ou a contribuições especiaes.

E o que está feito, é apenas singelo esboço de uma parte de verdadeiro systema das vias de communicação, para todos os dias do anno, para todas as horas do dia.

A lei n. 1835-C de 26 de Dezembro de 1921 que providencia sobre estradas de rodagem, foi minuciosamente regulamentada pelo Decreto n. 3453 de 11 de Março de 1922.

A Inspectoria de Estradas de Rodagem, parte componente da Directoria de Obras, creada pela citada lei n. 1835-C, já installada e provida, e, como todos os funcionarios que têm nesse mister trabalhado, está a prestar magníficos serviços.



Todos os municípios têm solícitamente secundado o governo nessa util faina, e a grande maioria delles já adoptou a lei e regulamento citados, o que, uniformizando, entre nós, os preceitos de policia sobre o transito e as regras de segurança das vias publicas, só traz vantagens para o Estado, sem nenhum compromisso para as municipalidades.

O regulamento, dentro da autorização da lei n. 1406 de 26 de Dezembro de 1913, estabeleceu o plano rodoviário do Estado, de modo a servir todos os municípios, plano que já está sendo executado e que o será integralmente, de accordo com os recursos de que dispuzer o governo.

Desse plano já foram construídos 106 kilometros, inaugurados a 1 de Maio de 1921, servindo os municípios de S. Paulo, Juquery, Cotia, Parnahyba, Jundiáhy e Campinas, mais 244 kilometros inaugurados a 2 de Julho de 1922, na estrada que se dirige ao Estado de Minas, aproveitando aos municípios de Limeira, Araras, Leme, Pirassununga, Porto Ferreira, Santa Rita, S. Simão, Cravinhos e Ribeirão Preto, os quaes, juntos aos 80 kilometros que ligam Santos e S. Vicente a S. Paulo, por S. Bernardo, fazem uma extensão de 420 kilometros percorrendo 18 municípios.

A 1 de Maio de 1922, foi inaugurado o trecho de 97 kilometros de S. Paulo a Itú, passando por Parnahyba e Cabreuva, na estrada cujo fim é a barranca do Paraná, na fronteira do Estado de Matto Grosso.

Deverão ser inaugurados, dentro de poucos dias, o trecho de S. Paulo a S. Roque, com 78 kilometros (a Mayrink) atravessando o município de Cotia, na estrada que deve ir á fronteira do Estado do Paraná em Itararé; e também o trecho de S. Paulo a Jacarehy, cortando o município de Mogy das Cruzes, 106 kilometros, na estrada que vae ás divisas do Estado do Rio, em Bananal.

Estão atacados os trechos de Porto Feliz, Sorocaba, Mogy-Mirim e S. José dos Campos.

Estão já construídos, pois, 701 kilometros de estradas de rodagem, e estão em construcção actualmente mais de cem para a campanha deste anno, nas differentes linhas tronco.

REFORMA JUDICIARIA

Tive o prazer de ver acolhidas, na sessão legislativa de 1921, as ideias expendidas na mensagem de 14 (je Julho, sobre a Refor-



ma Judiciaria. A 17 de Novembro de 1921, foi promulgada a lei n. 1795, estabelecendo as normas do concurso para o provimento do primeiro cargo para a magistratura, a criação de vinte juizes substitutos para servirem nos dez districtos judiciaes em que o Estado de São Paulo foi dividido, abrangendo as 106 comarcas, a classificação dessas comarcas em quatro entrancias, a revogação das disposições de leis que mandavam pagar custas, emolumentos e porcentagens aos juizes de direiM, passando esses proventos a constituir renda do Estado.

Todos esses principios, contidos na lei citada, foram desenvolvidos no decreto n.º 3432 — de 31 de Dezembro de 1921, expedido e mandado observar, para boa execução dessa lei.

De accordo com as disposições regulamentares traçadas nesse decreto, realizou-se, perante o Tribunal de Justiça, o 1.º concurso para o provimento dos 20 cargos de juizes substitutos, sendo enviada ao Governo, em observancia ao disposto no § 1.º do art. 62 do mesmo decreto, a lista da classificação dos candidatos, contendo 22 nomes

As nomeações dos juizes substitutos foram feitas por decreto de 14 de Fevereiro do corrente anno, tendo todos os juizes nomeados assumido o exercício dentro do prazo legal, entrando a Reforma em pleno funcionamento. Em data de 14 de Fevereiro do corrente anno, foi expedido o decreto n. 3444, mandando observar, no triennio de 1922 a 1924, a tabella de substituição dos juizes substitutos, e que também designou, em cada districto judicial, duas cidades para residência dos juizes.

Contendo disposições de grande alcance social, os effeitos de tão profunda reforma não se fazem sentir immediatamente.

Basta observar que a reforma trouxe providencias sobre a constituição do poder judiciário, sobre a substituição dos juizes, sobre a suppressão das custas, forma de remuneração da magistratura, sobre a classificação das comarcas em quatro entrancias, como justo estímulo ao magistrado.

Qualquer dessas providencias, reclamadas de ha muitos annos, lem sido todas tentadas, por diversas vezes, o que claramente mostra a sua importancia e a sua necessidade.

A reforma procurou rodear de todas as garantias, compatíveis com a dignidade de tão elevado cargo, a formação do judiciário, um dos tres poderes, em que assenta e se ergue toda a estrutura politico-administrativa do Estado de S. Paulo.

Compor bem a magistratura é, sem duvida alguma, trabalhar efficientemente pelo progresso material e moral de S. Paulo.



Entre nós, na republica, já se tinha ensaiado, para a investidura do juiz, o concurso isolado e a simples nomeação por parte do governo. Ambas as fôrmas, si permittiram reunir um corpo de magistrados, em regra dignos e competentes, não corresponderam, completamente, ás aspirações do Estado de S. Paulo. Sim, porque é muito garantir a vitaliciedade, a inamovibilidade e a irreductibilidade de vencimentos, condições assecutorias da independencia do juiz contra as investidas do poder executivo; mas é muito pouco, e extremamente perigoso, contra os desmandos do mau juiz, em contacto com as partes famintas de justiça.

Garantindo a permanencia do Juiz no respectivo cargo, e a sua independencia no desempenho das attribuições próprias, deve a lei rodear a sua investidura de cautellas taes que, para a magistratura, tanto quanto possível, só entrem os bons.

Foi o que a reforma em vigor procurou fazer, com cuidado solícito e até com desvelado carinho.

Actualmente os julgadores são escolhidos por um processo de selecção continua, que se repete sempre, e no qual, de accordo com a lei, collaboram o poder executivo, o poder judiciário, a classe dos advogados, o valor do proprio candidato, principalmente, e o publico em geral, por seus órgãos legítimos de informação e de divulgação, sem attingir, entretanto, a grandeza moral, de que precisa o poder judiciário para viver respeitável.

Os juizes só podem ser homens formados em direito, e é essa a primeira selecção, determinada pelo proprio mecanismo da reforma; approvados em concurso, feito com solennidade, perante uma Comniissão composta do Presidente do Tribunal de Justiça, e sob a sua presidência, de um Juiz, escolhido pelo Tribunal, e de um terceiro membro, nomeado entre os professores da Faculdade de Direito ou entre os advogados de notorio saber, e é esta a segunda selecção.

Dentre os approvados, em uma lista de tres nomes, o governo norrfeia um, e é esta a terceira selecção, que não é a ultima, porque, com taes condições, não se contentou a reforma para fazer de um Bacharel, um Juiz, visto como o candidato é nomeado Juiz Substituto, cargo que ainda não é da magistratura.

A classe dos Juizes Substitutos, creada pela reforma, além de destinada á substituição dos Juizes de Direito, nas suas faltas e impedimentos, constitue um verdadeiro estagio, no qual as presumpções de saber, que acompanham o candidato, em vista da formatura em direito e da prova do concurso, vão ser comprovados



em um tirocínio de, pelo menos, tres annos, e, o que é mais importante ainda, nesse mesmo espaço de tempo, vae ser posto em prova o seu valor moral, em funcções que collidem com os interesses privados, fiscalizado asperamente por todos que se sentem feridos.

E' esse aspecto do juizado substituto, que ainda não foi bem apprehendido, que nos leva a sobre elle insistir.

Os erros, as mostras de ignorancia, a falta de competencia se revelarão nesse periodo de estagio, como também se demonstrarão brilhantemente o saber, o estudo e a elevação moral.

Uma das excellencias da reforma, já ouvi eu, está nessa organização que permite a critica, justa ou injusta, do publico, em geral, ir acompanhando e influindo sobre a carreira do candidato a Juiz de Direito. E' dentre esses juizes substitutos, que o Tribunal de Justiça, collaborador attento e solícito na formação do poder judiciário, escolherá cinco nomes, por merecimento, quarta selecção, e dessa lista o poder executivo tira o Juiz de Direito, em quinta e ultima selecção.

Só depois de todo esse trabalho e de toda essa collaboração, é que sabe o membro do poder judiciário, o juiz de direito com garantias de independencia defronte dos outros poderes e em face da sociedade a que é destinado a defender.

Esses juizes substitutos fazem o estagio substituindo os juizes de direito, nas suas faltas e impedimentos; succedem elles, nessa attribuição, aos antigos juizes de paz.

Succederam, e succederam com vantagem, a juizes electivos isto é, politico-partidarios, leigos, sem preparo juridico, annuos sem a pratica de julgar e sem remuneração, condições perigosas para quem tem que distribuir justiça.

Ninguém, em boa fé, poderá julgar a substituição actual inferior á dos juizes de paz.

Foram supprimidas as custas e classificadas em entranciaS as comarcas, isto é, estabelecidos o decoro, a confiança e o estimulo para o magistrado. Uma boa justiça é questão primordial para o nosso desenvolvimento moral e material. Com ella teremos a immigração do homem e rio capital, elementos essenciaes do nosso progresso.

A reforma judiciaria, lenta em seus resultados completos, como facilmente vereis, está em plena execução e já se sentem os seus salutaes effeitos.



INSTRUCÇÃO PUBLICA

Em minha mensagem de 14 de Julho findo, mostrei que a reforma do ensino se estava executando com facilidade em todo o Estado. De então para cá, a situação escolar tem sempre melhorado. Os algarismos a seguir patenteiam o desenvolvimento das matriculas, que, em 1921, se encerraram com 229.553 alumnos, contra 194.213, em 1920, ou mais 35.340. No corrente anno as cifras serão ainda mais animadoras, visto como, somente nos quatro primeiros mezes, inscreveram-se 182.706 creanças nas 5.072 unidades escolares existentes. Estando permanentemente abertas as matriculas do curso primário, é de esperar que o numero de inscripções, nos oito mezes restantes do anno lectivo, aumente, no minimo, de um terço, o que elevará o total de alumnos muito além dos 229.552 matriculados no anno transacto. Este aumento é tanto mais significativo quanto é certo que até 1920, se matriculavam nas nossas escolas creanças de 7 a 12 annos, e que, com a ultima reforma, só são obrigados á frequencia as de 9 e 10. A fiscalização escolar, assegurada pelas 15 Delegacias Regionaes, 25 inspectorias districtaes e o auxilio efficaz dos 198 Directores de Grupos Escolares e os 204 Directores de Escolas Reunidas, tem-se aperfeiçoado sempre, como efficiencia e como rendimento de serviço. O segundo recenseamento escolar, que acaba de concluir-se no Estado, vem habilitar as autoridades do ensino para um melhor trabalho de localizações e provimentos e um mais efficaz aproveitamento dos professores. O escotismo, tornado official nas nossas escolas, tem, igualmente, tomado considerável impulso, sendo já muito poucos os Grupos e Escolas Reunidas que não dispõem dessa organização. Dentro em breve, elle se estenderá ás próprias escolas ruraes. Ha, actualmente, mais de 20.000 escoteiros em todo o Estado, instruídos e uniformizados. Para esse resultado, além do esforço intelligente dos instructores e chefes do ensino, muito têm contribuído as Caixas Escolares, cada vez mais numerosas, que' fornecem roupas e toda especie de auxílios. Grande numero de Camaras Municipaes tem consigado nos seus orçamentos subvenções a essa utilissima instituição, que tem ainda recebido, em muitas localidades, donativos relevantes de particulares e associações. O dec. n.º 3467, de 1 de Junho do corrente anno, instituiu a Bandeira Escolar Paulista, para estar hasteada durante os trabalhos escolares. Como incentivo ao estudo, será ella içada e arreada pelo melhor alumno, o qual também a conduzirá quando a escola sahir



incorporada á rua ou em excursão. Pelos quadros seguintes ficarão os Srs. Congressistas ao corrente do movimento de matriculas no Estado, desde o anno de 1907 até á presente data:

	Annos	Matricula geral
Creanças de 7.a 12 annos.	1907	61.512
" " " " " " " "	1908	70.455
" " " " " " " "	1909	82.994
" " " " " " " "	1910	99.203
" " " " " " " "	1911	117.204
" " " " " " " "	1912	124.111
" " " " " " " "	1913	134.725
" " " " " " " "	1914	152.862
" " " " " " " "	1915	162.870
" " " " " " " "	1916	164.450
" " " " " " " "	1917	161.549
" " " " " " " "	1918	171.288
" " " " " " " "	1919	183.345
" " " " " " " "	1920	194.213
Creanças de 9 e 10 annos.	1921	229.553



Porcellanas

Cristaes

Artigos de Christof le

Objectos de arte

Perfumarias

O melhor sortimento

Casa franceza de

L Grumbach & C

Rua S. Bento, 89, 91

== S. PAULO ==

OPINIÃO DE IIRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. "Bertarelli

Prof. "Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Guaraná Espumante (Zanola)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem álcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pitresa dos respectivos ingredientes.

A ausência absoluta de FORMJATOS, de matérias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausência completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contém aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE e bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem álcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu, sábio collega dr. Luic Pereira Barreto, e uma excellente bebida, — doce, isenta de álcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tônica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

**São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil.**

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accesorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



Moveis Escolares



Differerites modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

DE

J. Gualberto de Oliveira

Ü Rua Antonia de Queiroz 165 [Consolação] Cidade, 1216 §

SÃO PAULO